

SJÓN

PELA BOCA DA BALEIA





DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A PRESENTE OBRA É DISPONIBILIZADA PELA EQUIPE LE LIVROS E SEUS DIVERSOS PARCEIROS, COM O OBJETIVO DE OFERECER CONTEÚDO PARA USO PARCIAL EM PESQUISAS E ESTUDOS ACADÊMICOS, BEM COMO O SIMPLES TESTE DA QUALIDADE DA OBRA, COM O FIM EXCLUSIVO DE COMPRA FUTURA. É EXPRESSAMENTE PROIBIDA E TOTALMENTE REPUDIÁVEL A VENDA, ALUGUEL, OU QUAISQUER USO COMERCIAL DO PRESENTE CONTEÚDO

SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

O LE LIVROS E SEUS PARCEIROS DISPONIBILIZAM CONTEÚDO DE DOMÍNIO PÚBLICO E PROPRIEDADE INTELECTUAL DE FORMA TOTALMENTE GRATUITA, POR ACREDITAR QUE O CONHECIMENTO E A EDUCAÇÃO DEVEM SER ACESSÍVEIS E LIVRES A TODA E QUALQUER PESSOA. VOCÊ PODE ENCONTRAR MAIS OBRAS EM NOSSO SITE: LELIVROS.LOVE OU EM QUALQUER UM DOS SITES PARCEIROS APRESENTADOS NESTE LINK.

**"QUANDO O MUNDO ESTIVER
UNIDO NA BUSCA DO
CONHECIMENTO, E NÃO MAIS
LUTANDO POR DINHEIRO E
PODER, ENTÃO NOSSA
SOCIEDADE PODERÁ ENFIM
EVOLUIR A UM NOVO NÍVEL."**



PELA BOCA
DA BALEIA

SJÓN
PELA BOCA
DA BALEIA

Tradução do islandês
Luciano Dutra

TUSQUETS
EDITORES

Copyright © Sjón, 2008
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2017
Todos os direitos reservados.
Título original: *Rökkurbýsnir*

Preparação: Opus Editorial
Revisão: Thais Rimkus e Ana Lima Cecílio
Projeto gráfico: Jussara Fino
Diagramação: Abreu's System
Capa: Adaptada do projeto gráfico original de Companhia
Imagem de capa: Jay Si/ Shutterstock e ziiinvn/ Shutterstock
Adaptação para eBook: [Hondana](#)

Este romance é inteiramente um trabalho de ficção. Os nomes, os personagens e as situações retratados nele são fruto da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, situações ou localidades é mera coincidência.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S637p
Sjón, 1962-
Pela boca da baleia / Sjón; tradução Luciano Dutra. – 1. ed. – São Paulo:
Planeta, 2017.

Tradução de: Rökkurbýsnir
ISBN: 978-85-422-0999-0

1. Ficção estrangeira. 2. Romance islandês. I. Dutra, Luciano. II. Título.

17-41604

CDD: 839.693
CDU: 821.111(417)-31

Este livro foi traduzido com o apoio financeiro de:



ICELANDIC LITERATURE CENTER

2017
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Padre João Manuel, 100 – 21^o andar
Ed. Horsa II – Cerqueira César

01411-000 – São Paulo-SP
www.planetadelivros.com.br
atendimento@editoraplaneta.com.br

*Logo, as estrelas lhe pareciam pessoas,
logo, as pessoas lhe pareciam estrelas,
as pedras lhe pareciam animais,
as nuvens lhe pareciam plantas...*

Novalis, Os discípulos de São

Sumário

PRELÚDIO

I. EQUINÓCIO DE OUTONO, 1635

II. SOLSTÍCIO DE VERÃO, 1636

III. PEDRA NO RIM

IV. SOLSTÍCIO DE INVERNO, 1637

V. EQUINÓCIO DE PRIMAVERA, 1639

CODA, OU DO RESTO

PRELÚDIO

Eu voltava da caçada. Na mão direita, levava a rede de caça; na esquerda, a lanterna. Na mochila, carregava a presa, um javali com dentes de aço, a enorme fera que andava solta pelos territórios do norte, causando muito estrago até ser descoberta e eu ter sido enviado para caçá-la. Não era o primeiro rebento da nortada que eu derrotara – o lobo chorador de leite, a lebre aquática de uma perna só, o alce do falo de ouro e a rainha das trutas peludas, todos esses já tinham caído na minha rede –, mas esse javali, com sua poderosa dentição, era com certeza a pior besta-fera já assoada pelo gélido nariz de Norðri, o anão do norte.

Por isso, eu o carreguei comigo em vez de abandoná-lo no local da matança, como manda o figurino, e minha intenção era jogar aquela carniça aos pés dos meus irmãos, de modo que o pai visse qual de seus filhos se esforçava mais para conservar o nosso mundo em ordem: os outros, que jamais tinham abandonado os herméticos recintos paternos, onde se ocupavam de tarefas burocráticas (termo que servia de desculpa para todas as folias palacianas), ou eu, que corria de norte a sul para eliminar tais monstros?

Meus pés pisavam ruidosamente no vazio enquanto eu fazia o caminho de volta. Logo eu jantaria no paço iluminado e suntuoso, com torres e ramos que se estendiam por todo o universo, como o murmúrio de um sol recém-criado. E era exatamente entre o prato principal e a sobremesa que eu planejava me levantar, dirigir-me a meus irmãos e retirar o javali com dentes de aço da mochila. Porém, mal começara a avançar no caminho para casa, percebi que havia algo de podre no reino dos céus. Não havia ninguém montando guarda no portão, ninguém gritando de cima da fortaleza: “Alto! Quem vem lá?”. Tampouco se via brilho no salão de banquetes, nem casais em encontros amorosos clandestinos no pátio. Em vez disso, chegavam a meus ouvidos treinados de caçador apenas

um farfalhar de asas, que batiam vacilantes, e gemidos dolorosos, como se presos na garganta. Na mesma hora, larguei a lanterna, a rede e a mochila. No instante seguinte, já alcançava o átrio e, um segundo depois, eu subia correndo a escadaria que levava à sala do trono. Lá chegando, empurrei a porta com força.

A situação dentro do salão era repugnante: alguns anjos riam histericamente, outros choravam de tanto rir; a maioria ria e chorava ao mesmo tempo. Os ofanins tinham arrancado as próprias túnicas. Estavam ajoelhados, com a testa apoiada firmemente nos degraus frios que levavam ao trono e faziam os açoites desfilarem por seus ombros em chamas. Os irmãos mais novos corriam pelo salão, desorientados feito crianças, e bradavam sem parar o nome do pai. Os mais sensíveis estavam apoiados nas colunas e nas bancadas, vomitando espasmodicamente, de forma que o ectoplasma jorrava de dentro deles e escorria fora de controle pelo chão lápis-lazúli do reino dos céus. À margem daquela cena tenebrosa, ouvia-se o murmúrio típico de quando o desespero é a única coisa a animar as penas das aves, fazendo com que as bárbulas tremulem e o ar passe por elas assobiando, feito palha em boca de criança; era esse o som que tinha rompido as muralhas ao redor do paço, chegando a meus ouvidos enquanto eu trilhava o caminho de volta para casa. Era o verdadeiro grito de socorro dos anjos:

— Ele está morto!

Aquele pensamento calou fundo em minha mente e paralisou-me o torso no mesmo instante: o impensável havia ocorrido! E eu estava a ponto de perder a razão quando senti o fedor. As narinas absorveram um cheiro que nunca se havia sentido na presença do meu pai e que, até aquele momento, era estranho aos céus. Isso porque o mundo criado pelo pai, com todos os animais e as plantas, e o mundo dele próprio não podiam se tocar, de maneira nenhuma. Da mesma forma que a luz e a escuridão também não podiam se tocar, como ele mesmo dissera. Era de sangue e urina, de suor e esperma, de

ranho e sebo o cheiro que agora saturava o ar no paço de meu pai.

Olhei para o pai, que estava sentado, confortável, em seu trono. A julgar pelos gestos dele, tudo ia divinamente bem. A cabeça, branca como o gelo, pendia ligeiramente, enquanto ele observava algo diminuto que guardava na palma da mão. À esquerda dele, estava meu irmão Miguel, o único que ainda parecia manter os nervos sob controle. Mas eu, que conhecia Miguel melhor que ninguém, percebi que ele estampava no rosto um sorriso amarelo, velho conhecido, o mesmo que ele costumava dar ao se reconhecer derrotado em nossos jogos e nossas brincadeiras. Ele fez um sinal com a cabeça na minha direção, sem olhar para aquilo que o pai tinha em mãos.

Sim, eras tu que jazias lá nas mãos dele, com os joelhos tocando teu queixo. Respiravas com tanta força e com tanta debilidade que tremias feito as guelras de um peixinho esganada. O pai apoiou a ponta dos dedos na tua espinha e inclinou a mão com todo o cuidado para te endireitar, até que tu te viraste e ficaste deitado de costas. Aproximei-me para te ver melhor. Coçaste o nariz com o punho cerrado, espirraste tão bonitinho e me lançaste um olhar egoísta com a boca escancarada. Naquele instante, percebi que aquela boca jamais cessaria de devorar, que aquelas mandíbulas jamais parariam de mastigar e que aquela língua jamais se cansaria de ser banhada no sangue de outros seres viventes. Então, teus lábios se mexeram. Esforçavas-te para dizer tua primeira palavra. E a palavra seria “eu”. Porém, o pai te cortou a palavra, dirigindo-se a mim com aquela voz ao mesmo tempo cordial e dominadora:

— Lúcifer, eis o homem! Deves obedecê-lo da mesma forma que teus irmãos...

Olhei para ti mais uma vez, justo no momento em que expelias um excremento negro e viscoso. Rápido como um raio, levaste uma das mãos às nádegas, pegaste um punhado do que lá havia e colocaste na própria boca.

Como é sabido de todos, não me curvei perante aquele novo bicho de estimação do pai, e por isso fui defenestrado do reino

dos céus, junto com aqueles que quiseram me seguir. E a ti, criatura, lego-te, como um adeus, minha visão de ti.

I

EQUINÓCIO DE OUTONO, 1635

Ele é de tamanho mediano... Os olhos situam-se próximo ao nariz, castanhos e o tempo todo brilhantes, rodeados por palidez... Tem um nariz relativamente comprido, largo e poderoso, um tantinho adunco na extremidade, escuro, porém mais claro em direção à base. Com o pescoço curto, é agitado e rechonchudo, de pés pequenos e pernas finas, tórax abaulado e abdômen volumoso... A cabeça é mais escura, castanho-acinzentada e desgrenhada no colarinho, da nuca ao topo... Veste um casaco bem justo, marrom cor de pedra, mas que no crepúsculo assume aqui e ali o tom violeta; usa meias claras, roupas de baixo de bolinhas... É insolente com o mesmo sexo, tagarela com o oposto... Dessa forma é descrito o pilrito-escuro, e dessa mesma forma sou descrito pelos outros... Mas já passei por muita coisa pior do que ser comparado a ti, pilritinho, pois somos produto das mesmas mãos criadoras, ambos tendo sido talhados no mesmo ferro: tu foste animado no quarto dia; eu, no sexto... E se fosse ao contrário? Se eu tivesse sido empurrado a este palco como um passarinho, a voar pelos céus, e tu nomeado o senhor do planeta Terra? Se assim fosse, um passarinho estaria agora sentado nesta pedra, contemplando pensativo um homem desplumado andando às margens da praia, borrando-se de medo de que o mar, ao afastar-se da terra, não voltasse nunca mais... Homem e passarinho, homem com coração de passarinho, passarinho com consciência de homem, passarinho com coração de homem e homem com consciência de passarinho... Em quase tudo somos parecidos... E por que razão não haveria de ser assim? Há não muito tempo, eu tinha os restos de um irmão teu, um pássaro mandrião, sobre a palma da minha mão, e com os dedos dessa mesma mão eu mexia naquela carcaça sem

vida... Sob as penas do peito, toquei primeiro o esterno fraturado e depois a parte mole que aloja os rins e os intestinos... Enquanto examinava o bichinho, eu passava a outra mão pelo meu próprio torso, vivo... Foi durante a onda de calor, quando os dias quentes resolvem visitar a ilha de Bjarnarey, e me parecia fácil observar a mim mesmo, pois eu não vestia nada além de mim mesmo... Eu podia me dar ao luxo de ficar assim, já que estava sozinho e ninguém me veria ali. Ninguém a não ser o supremo Criador, que, no entanto, já conhece sua criação melhor do que a si mesmo... E não era difícil perceber a mão do Criador, pois meu corpo era talhado nos mesmos moldes que o daquele meu amigo emplumado... No entanto, apesar de nossos veículos serem tão incrivelmente semelhantes, nossas vidas são como as letras de dois escribas diferentes, que aprenderam com o mesmo livro de caligrafia e agora procuram copiar a mesma narrativa, estando um sentado na enseada de Ögur, nos fiordes ocidentais, e o outro nas colinas de Hólar, no vale de Hjaltadalur, ambos preocupados em ler o pergaminho correta e conscienciosamente... Mesmo assim, os mais eruditos são capazes de enxergar remates abruptos no “D” do escriba que trabalha ao abrigo dos tiranos e outros delicadamente curvos e alongados no “D” do escriba que trabalha sob a guarida dos dignitários de Deus, que lutam para escapar daqueles canalhas... Tu, passarinho, eras uma letra talhada com habilidade, num momento em que o sossego imperava na casa do Senhor, enquanto eu devo me conformar que minha feição tenha sido riscada ou rasurada no pergaminho justamente por detratores e inimigos: “Jónas é um patife, Jónas é um ladino e um preguiçoso, Jónas é um fanfarrão, Jónas é um mentiroso, Jónas é um lunático...”. Sim, assim sou pintado nos escritos caluniadores e nos falatórios maledicentes que antecedem minha chegada, aonde quer que eu vá... Digo isso porque, segundo os antigos de Jerusalém, toda a existência e seus habitantes têm como material o alfabeto

do idioma do Senhor, usado por Ele quando enunciou o mundo, como se este fosse uma narrativa tão extensa que ninguém além d'Ele próprio conseguiria viver o suficiente para escutar na íntegra; e o desgraçado do ser humano agradece a cada instante de sua vida o privilégio de ouvir o fragmento dessa história que se refere a ele mesmo... Assim, criaturas diminutas como nós dois, Jónas e pilrito, são pouco mais de uma palavra da classe das palavras mais curtas, aquelas formadas por uma única sílaba: “ai”, “ei”, “ih”, “oh”, “ui”... Palavras que todos entendem, gritadas pelos descendentes de Adão – o Ser Atormentado – quando narram uma desgraça ou quando um deles quebra um dedo do pé... Mas por que razão ocorreu-me a letra “D”, não outra? O que significa o “D” na árvore alfabética de Abraão, filho de Salomão? De que ramo floresceu tal letra? Será o *dálet*? Um pássaro pousou ali e gorjeou na direção do sol da manhã? Ou era um homem de cabeça para baixo, pendurado numa corda que se enroscou naquele ramo? Aqui estou, cego e privado de livros... Tu saltitas aos pés das geleiras da montanha, junto às praias mais longínquas, e espetas o bico avermelhado nas algas do mar na areia cinzenta, grato pelo pedaço de terra que o Senhor te concedeu... Tirando a permanência no reino dos céus, nada é objeto de maior cobiça, e quase todos os humanos islandeses suplicam com o maior fervor para que exatamente assim possam organizar a vida; aqui nasceste, aqui buscas teu sustento, aqui hás de morrer... Em vida, dá gosto ver-te, pilrito, e não importa para onde sejas chamado após tua morte, ainda será possível maravilhar-se amiúde contigo após tua partida... Nosso convívio teve início há uns cinquenta e cinco anos, quando uma pena se desprende da asa do teu corpo sensível, foi soprada por sobre a beira da praia até o pântano e de lá para os campos, até alcançar as encostas, pousando aos pés do meu avô, Hákon, filho de Thormóður, filho de Salómon, construtor de navios. Ele tinha ido colher uva-do-monte com o menino Jónas e,

para evitar que a criança se empanturrasse com as baguinhas, recitou para mim um poema instrutivo, o que costumava fazer apenas quando estávamos sozinhos... Naquele dia tocou-me ouvir o poema “O lírio”, do frade Eysteinn Ásgrímsson, e estávamos no trecho do poema em que eu sempre começava a rir, no qual é descrita a visita de Lúcifer ao malfadado rei no lenho sagrado... Eu contava então seis invernos de idade e sabia que aquelas minhas risadas eram não apenas tolice, mas também heresia... Assim que ele começava a declamar as primeiras palavras daquele glorioso poema, eu mal podia esperar até que ele recitasse: “gaguejar perante a cruz – que se dane!”. O medo de não me conter fazia aquela tolice ganhar ainda mais força na minha mente... É claro que não era culpa, nesse caso, da esplêndida história da libertação da humanidade nem do maravilhoso engenho poético do autor, mas da careta que meu avô fazia toda vez que ele pronunciava a palavra “gaguejar”. Ele flexionava ligeiramente a perna esquerda, de maneira que o ombro direito se erguesse e o outro abaixasse, ao mesmo tempo que franzia o cenho e um biquinho se formava quando a palavra “cruz” chegava-lhe aos lábios; isso tudo ocorria de forma inconsciente, e ele não tinha a menor ideia do que se passava... Era então que eu começava a rir... Nada me parecia mais absurdo que a ideia de o Filho do Homem achar o rosto do viperino Satã tão esquisito e carismático quanto a expressão do meu avô Hákon, naquela hora, para mim... Eu abaixava a cabeça e a segurava com ambas as mãos, mas as risadas escorriam-me descontroladas por entre os dedos, não menos rápidas do que uma multidão de diabinhos sairia de um saco... Ele parou de súbito e olhou o neto de cima a baixo... Naquele instante a pena do pilrito pousou bem em cima de seu pé... Ele disse:

— Me parece que tu terás uma ótima memória, Jónas...

O avô se apoiou nas muletas, de modo que ficamos da mesma altura, abaixou-se até o chão para pegar a pena,

segurou-a por um instante entre os dedos e depois a colocou no meu cabelo, atrás da orelha direita:

— Agora temos que te ensinar como se lê um livro...

Aquela tua pena púrpura-acinzentada me serviu como guia pelas linhas dos livros durante todo o tempo que meu avô levou para me ensinar a ler os pergaminhos... E aquele encontro delicado entre a mão da criança e a pena marcava também a separação entre o menino e o passarinho... Apesar de a ponta da tua pena tocar o pergaminho enquanto eu titubeava de uma palavra a outra, nenhuma parte daquela sabedoria chegava a ti, mas se deixava absorver totalmente por minha memória infantil... Sim, até aqueles momentos em que eu me curvava sob o peso do conhecimento, nossa percepção tinha o início e o fim na mera existência carnal; na forma como a inteligência de ambos decifrava o clima e as águas... Ai, que eu nunca tivesse aprendido a ler! Ali começou o sujeito Jónas sua jornada de tormentos pela boca da baleia e pela terra da frivolidade, abrasado pelos prodígios do ocaso da Reforma, pelo queimar de suas santas cruzes e pela destruição de antigos alfarrábios, enquanto um pequeno frescor do dilúvio, ainda presente, impulsionava a inocência e a bênção da ignorância... Acredito, emplumadíssimo nabo da terra, que Nossa Senhora vele por ti com benevolência, tão logo Hélio se parta em milhares de sóis no alvorecer da Páscoa, sobre as asas que cobrem tua cabecinha ingênua, ou a lua venha a pratear a fina camada de neve sobre teu peito na véspera do Natal: recorda-te disso na euforia das marés altas, lembra-te disso no desespero das vazantes...

— Piu, piu...

É a resposta que recebo do baixio, quando o pilrito alça voo da pedra... Decola batendo afoitamente as asas curtas, a princípio rumo ao mar, mas não demora a voltar à praia e, naqueles ínfimos instantes em que meus olhos acompanham a ave em voo, enxergo a franja azul do continente... De outra forma, minha vista não alcançaria

daqui, deste meu assento no topo da cidadela dourada... Não, procuro não voltar o nariz gelado naquela direção... Como essa visão perturba minha mente! É doloroso demais sentir o perfume da doçura e o fedor da rabugice de lá exalados ao mesmo tempo... Tive que escafeder-me para este atol numa viagem sem volta... Meu lar agora é aqui... Na praia azul, esperam-me apenas tormentas e suplícios, porretes e difamação, pólvora e víboras com a virilha partida, de tal sorte que elas parecem ter dois pés que andam...

* * *

SALPICADO-DO-MAR: a menor espécie de pássaros denomina-se salpicado-do-mar, tendo um pouco menos de um terço do tamanho do pilrito; é mosqueada de preto e branco, por isso diz-se que a terra está “salpicada de neve” em determinados pontos. Alguns homens desenterram certa espécie de alga, com cerca de quatro a cinco braças sem contar as raízes, da qual um pequeno pássaro eclode de seu ovo, embora não se saiba se é o salpicado-do-mar ou outra espécie.

* * *

Há quatro verões, os irmãos-víboras condenaram-me ao desterro e decretaram que quem quer que aparecesse em meu amparo sofreria a mesma penalidade. Naquele dia fatídico, o véu do ocaso da libertinagem jazia sobre a sede do tribunal... Vi um sujeito virar o rosto quando a sentença foi lida: era o correitor Brynjólfur, homem belo e promissor, que estava ali como convidado, humildemente escalado e preparado para assumir o cargo do honorável e falecido bispo Oddur Einarsson, além de discípulo de Tycho Brahe, conhecedor dos astros e formado na ilha de Hven, na Suécia... No entanto, os homens não quiseram acatar as lições do erudito filho de Sveinn nas missas

celebradas nos campos do Senhor ao sul do país, assim como não gostavam que aquele infeliz do Jónas aplicasse emplastrozinhos etéreos às provações mundanas de seus patrícios... Mesmo assim, o sol se deixou ver por um instante na escuridão que se espalhava sobre aquela assembleia de lobisomens. Quando os patifes de aluguel, acólitos de Náttúlfur Pétursson, expulsaram-me do tribunal debaixo de pancadas e de gritos como os de um bando de macacos, o irmão mais novo de meu velho desafeto Ari de Ögur aproveitou a deixa e pôs o pé na frente, junto ao portão, para maior diversão daquela alcateia de hienas... O tombo era iminente, mas, quando eu estava prestes a desabar no lodo, uma mão mais simpática segurou o grilhão bem no ponto em que os ferros mais apertavam e machucavam e, graças a isso, saí de cabeça erguida do tribunal... Apressei-me em virar a cabeça para trás e ainda consegui ver sobre o ombro quando a mão direita de Brynjólfur sumiu sob a manga da capa, pois era ele quem estava junto da pilastra do portão, mas eu não ignorava que outra mão segurava seu pulso, a mão branca e pura como o leite, a mão perfeita e maternal de Maria, que guiou a dele naquele ato de misericórdia a um pobre coitado, ao qual, nos termos da lei, toda e qualquer benevolência era proibida... Bem-aventurado aquele que se faz veículo da bondade de Nossa Senhora... Durante a noite, naquele calabouço, minhas feridas, antes sanguinolentas, começaram a cicatrizar, e delas exalava um olor de lírios... Jónas é o desterrado que já não andará a lugar nenhum... *Piu-piu...* Ao pilrito é dado voar para longe quando coragem lhe falta... Mas o que queria dizer aquele *piu-piu* estridente? Nada, felizmente, ele está apenas saudando... Um pássaro a que cabe ser o portador de notícia tão trivial não guarda qualquer bezoar... *Piu-piu...* Na cachola estreita dele não há nada que desperte a cobiça de um homem da ciência... Ninguém se daria ao trabalho de laçá-lo nem de tostar sua cabeça, pois ele não guarda pedra medicinal nem pedra filosofal, tampouco

alguma pedra capaz de curar a disenteria ou a melancolia... Não, ele não guarda nenhum bezoar... Bezoar! E eu que jurei nem pensar em bezoar hoje... Bezoar! Bezoar! Bezoar! Um compêndio das obras do mestre Paracelso Bombasto, vertido do alemão para o islandês por um antigo e renomado professor de Skálholt e que foi parar por caminhos transversos no fiorde de Steingrímsfjörður, no norte da Islândia, escondendo-se debaixo da cama do meu avô cada vez que algum forasteiro batia à porta: foi com aquele livro que aprendi a ler, e foi aquele o primeiro livro que eu decorei... Depois, aprendi a história de Guðmundur Arason... Foi nessa ordem... Por isso as coisas saíram dessa forma... Assim teve início minha jornada de tormentos, cujo destino final ninguém poderia supor; ou seja, esse recife no qual as aves têm seu cagatório e as focas dançantes, seu palco... No entanto – ó! –, como eu folgava em ler! Quando as letras do alfabeto encontraram a devida sonoridade e passaram a se alinhar em palavras que eu reconhecia na minha própria fala e na dos outros, quando a sincronia dos termos criava todas as explicações sobre as coisas do mundo e as histórias que, juntas, forravam o interior da minha cabeça, como se fossem reflexo das paredes da coleção de gravuras e das prateleiras de livros da Universidade de Copenhague... Lugares que eu, porém, jamais chegarei a ver... Meu destino é continuar aqui, sentado, sozinho, assuntando com esse passarinho tolo que é, afinal, tão parecido comigo... Sim, pilrito, não vamos nos iludir quanto ao pavimento que nos cabe na torre da sociedade humana... Ainda que abras tuas asas molhadas e assim capture o raio de sol viajante, e apesar de eu conseguir erguer o polegar e o indicador de forma que a lua caiba entre a ponta dos dedos como se fosse uma pérola, tais golpes de sorte não serão suficientes para nos sustentar... Basta de falar disso, basta de falar de ti, basta de falar de mim, é a outro que querem que eu me dirija, outro tão grosseiro quanto tu és delicado... Não o

farei... A ninguém é dado escapar com vida do embate com os velhos mortos-vivos... Escapei certa vez de tal provação, mas duvido que consiga escapar novamente... Eu devia ter me contido, mantido calada minha maldita boca, em vez de continuar vomitando tudo o que emergia da inesgotável fonte de sabedoria e das ideias inúteis que a leitura dos livros havia escavado no pó cinzento da minha mente, lá fermentando como mingau num caldeirão aquecido... Não, isso eu não conseguia fazer... Tagarelava o tempo inteiro sobre o tal do bezoar... A mera palavra já inebria como o perfume da flor proibida da árvore da sabedoria... Eu estava mesmo completamente embriagado pela ideia de uma pedra capaz de curar todos os males humanos e que pudesse servir até mesmo aos alquimistas versados na transmutação do chumbo ordinário em ouro excelso... Aonde quer que eu fosse, onde quer que aparecesse, topava com uma carcaça de corvo... Alguém aí viu um corvo morto nos últimos dias ou nas semanas que passaram? Pois é, foi assim que tudo começou para mim... E caso alguém se lembrasse de ter visto um corvídeo morto, eu saía em desabalada correria para pesquisá-lo... Então, era possível avistar o menino Jónas arrastando-se numa greta ou trepando num penhasco para alcançar o cadáver de um *Corvus islandicus* em decomposição... Eu acreditava então, e acredito até hoje, que o bezoar contido nos corvos islandeses seria muito mais potente que o dos congêneres de outros lugares, isso em razão do parentesco próximo com o rei do escárnio, Odin, e com sua gentalha pagã aqui no extremo norte do mundo... Pois bem, eu tinha nove anos quando comecei minha busca pela pedra capital, uma busca que já leva cinquenta e três invernos e que vai tão mal agora quanto sempre foi... Olha, lá vem Hákon com seu netinho; não creio que ele consiga evitar por muito tempo que o tonto escale para ver onde é possível encontrar um desgraçado de um corvo morto... E, apesar de eu me manter calado ao lado do meu avô enquanto ele

tratava com os homens daqueles assuntos de que os homens costumam tratar, eu não deixava de notar as olhadelas e os silêncios que pontuavam as conversas deles e por meio dos quais tentavam me provocar a questionar... Então, eu permanecia num silêncio absoluto, até que puxava a manga da capa do avô Hákon e perguntava:

— Posso dar uma olhada lá na cozinha, vovozinho querido?

Lá havia companhia mais apropriada a um mancebo que aprendera a ler com os escritos do médico Bombasto e neles adquirira tanto conhecimento sobre o abdômen que dificilmente existia algum mal feminino que ele não conhecesse razoavelmente bem – e não tirasse de imediato da manga receita de emplastro capaz de curá-lo... Lá dentro, envolto pelo calor e pela fumaça, junto com o mulherio, eu desfiava conhecimentos e perguntas sobre corvos mortos... Graças a essas visitas às cozinhas, comecei a ganhar fama de médico... “Jónazinho Curandeiro”, diziam às vezes, “podes me dizer alguma coisa sobre estes inchaços?”. Então, uma delas pegou minha mão e a colocou sob a roupa, no baixo-ventre, movimentando-a para lá e para cá sobre uma protuberância que havia em suas carnes... Cerrei os olhos, buscando na memória o livro de medicina até que ele se colocasse, aberto, debaixo de meu nariz, com a página esquerda sob o olho esquerdo e a direita sob o direito... Folheei-o, então, até chegar ao capítulo que tratava sobre essa versão em miniatura, divinamente criada à semelhança do homem, a mulher, que – tudo indica – deve estar submetida às mesmas leis naturais que o homem, já que ele é uma versão microscópica da substância do universo, e ela, uma versão da substância do homem... Lá, na página pertinente, encontrei as descrições dos principais males femininos e as comparei às informações que a palma da minha mão decifrava na página-corpo da mulher a quem cabia-me curar... Continuei lendo assim, simultaneamente, o livro e a

mulher, até que ambos coincidiram; depois disso, só me restava ler em voz alta o receituário das panaceias que acompanhavam a descrição da doença... Remédios que eram ora fervidos, ora macerados; ora quentes, ora frios... De qualquer maneira, sempre depois de cada exame médico, eu dizia em voz alta:

— Ai, como seria bom ter um bezoar.

Depois que fiquei conhecido por minha vocação de colecionador, não havia ocasião em que alguma velhinha sortuda o bastante para topar com algum putrefato irmãozinho de Huginn e Muninn, os corvos de Odin, não arrancasse a cabeça do animal, guardando-a num bolso do casaco “para o Jónas”... Quando passava muito tempo sem conseguir uma cabeça de corvo, eu era pura afobação quando finalmente punha a mão em alguma... Arrumava qualquer desculpa para desaparecer; mal deixava o casario da aldeia, pegava a pederneira, juntava uns gravetos e tostava a cabeça... Era a partir das instruções do meu muito sábio mestre que eu empreendia tais sondagens... Quando a cabeça se reduzia a cinzas, o crânio encontrava-se no mesmo estado... Bem separado do resto, totalmente solto, se desprendia e era fácil abri-lo; lá dentro, talvez se encontrasse uma peça de bezoar, como um pintinho ansioso em sua casca, se a sorte estivesse a meu lado... Mas ela nunca estava... E olha que eu perdi a conta das cacholas de corvos que torrei e abri na vida... Sim, essa era minha paga pelas curas praticadas na cozinha dos praianos, o que não deixava de ser um bom negócio para mim, pois meu avô me fizera jurar que nenhum corvinho sequer havia de morrer pelas minhas mãos... Até que, por fim, aquelas pacientes não quiseram mais minhas grandes mãos se insinuando em seus corpos... Eu tinha então treze anos e examinava uma velhinha um tanto esquisita que trabalhava na estância de Hólmskot benzendo as vacas antes que fossem conduzidas para o pasto logo de manhã... Ela o fazia invocando a proteção de santa Benedita, e o trato que ela tinha com aquela divina

senhora era tão bom que nenhuma das vacas da estância jamais deixou de dar leite... Mesmo assim, ela achava melhor deixar sua própria cura a meus cuidados que confiar absolutamente na proteção dos santos que nunca lhe haviam faltado desde a infância e que haviam sido recém-revogados por decreto e expulsos dos lares islandeses, encontrando guarida sobretudo junto aos velhos desvalidos, exatamente como Hálotta Snæsdóttir, que acabou por despertar meu “bicho”... A sessão de consultas transcorria como de costume; cada uma das mulheres era cuidadosamente apalpada e seus respectivos males eram diagnosticados, com as devidas recomendações e os corriqueiros votos de melhoras, até que chegou a vez de Hálotta, que se encontrava sentada no fundo da cozinha, onde fitava absorta um pedaço de peixe seco que fora posto de molho... Eu mal havia me sentado a seu lado quando ela pescou minha mão juvenil com sua mão velha e manchada e a enfiou debaixo da saia... Não fiquei surpreso, era exatamente o que se podia esperar do abdômen de uma mulher desgastada... A velhinha até que estava em boa forma... Ela conduzia tudo e eu estava ali sentado, com ares de médico, a cabeça pendendo e os olhos fechados enquanto o livro se agitava sob a visão da minha imaginação; no momento em que ela ia devolver minha mão de curandeiro, meus dedos tocaram a parte de cima do *mons pubens*... Não era exatamente a primeira vez que eu tocava naquela parte que ouvira as próprias mulheres chamarem, à meia-voz, de “rata”, e eu conhecia bem a aparência daquela roedora graças às gravuras contidas nos livros de medicina de Hólar... Porém, desta vez, quando a ponta dos meus dedos roçou, assim, sem querer, as partes pudendas da velha Hálotta, aquilo me provocou uma ereção... Aquela reação durou não mais que uns segundos, mas foi tempo suficiente para ela perceber, pois ambos tocávamos aquela parte do corpo da velha... Como para certificar-se do estado lamentável em que eu me encontrava, ela parecia

querer levar nossas mãos ainda mais para baixo no seu ventre, mas eu resisti com firmeza: ela arrancou minha mão de sob a saia e berrou:

— Este aqui, para tocar outra vez em mim, só casando!

Eis o triste fim da minha inocência... O tempo dos exames de toque ficara para trás... Cabia-me descobrir outra saída para ser bem-vindo entre aquelas velhotas que sempre tinham uma cabeça de corvo a oferecer àquele naturalista em formação...

* * *

LUNÁRIA: uma das ervas medicinais mais poderosas usadas no trabalho de parto; deve ser aplicada no cérvix, na porta secreta ou nas partes misteriosas quando a mulher está prestes dar à luz e deve ser retirada assim que a criança nascer para que os efeitos não durem mais nem sejam mais fortes que o necessário. Aplicada como unguento, combate a malemolência e estimula a libido e a vitalidade durante o inverno. Muito confundida com uva-de-raposa. Encontrada em abundância no entorno de pastagens ou de ruínas abandonadas, mas nunca nos pântanos, cresce até a altura de um palmo. Provou-se, em meu caso, o melhor remédio quando, de pequeno, uma tosse convulsiva insuportável me deixou de cama. Eu a masquei em pedaços pequenos junto com brandevinho ou tomilho, no máximo uma colher de cada vez, dose forte o suficiente. Depois daquilo, durante cinco anos não tive tosse nem peguei resfriado. Misturada com outras ervas comestíveis, é mais utilizada para uso interno e menos para aplicações na pele ou direto na carne. Por vezes, nas regiões bem temperadas, a lunária apresenta doze ou treze folhas em um dos ramos, dependendo do número de ciclos lunares do ano; há bagas no outro ramo, sendo estas muito usadas por grávidas para contar o número de semanas de gestação. Erva que deve ser usada com cautela.

* * *

Na casa do avô Hákon era costume transcrever as passagens que ele julgava mais importantes e aproveitáveis... Isso era feito de forma que, num mesmo volume, eram reunidos conhecimentos e versos ou narrativas verídicas ou inventadas que falavam sobre determinado tema e que se encontravam em vários livros que ele tomava emprestados... Para isso, o avô mantinha um pequeno escritório, composto por um leitor, um escriba e um tintador, sendo que a este último cabia preparar as tintas e talhar as plumas de escrever... Eu era o assessor-aprendiz especial do tintador, Helgi Sveinsson, o Vesgo, um sujeito afobado meio parente nosso, que certa vez chegou com um grupo de andarilhos e veio bater à porta dos meus avós... Como ele não se enquadrava direito nem naquele grupo, os pedintes o deixaram para trás depois de ficar sabendo que era possível traçar certo grau de parentesco entre ele e o dono da casa... Meu avô sempre obrigava os incapazes a quem dava de comer a fazer algo para arcar com o próprio sustento... Era bastante insignificante e pouco se aproveitava o que aqueles desgraçados sabiam fazer, mas toda a ajuda é bem-vinda em um domicílio de grande porte; o gato pode até aparentar não ter vontade de mais nada além de se lamber, mas logo os ratos tomariam conta se o enforcássemos por sua vaidade... Devido ao temperamento frágil daquele nosso meio parente, os papéis que cabiam a ele e a mim eram invertidos em relação ao que normalmente seria de esperar de um adulto e de uma criança... Eu era o mestre e ele era o aprendiz, e tomávamos toda precaução para que ninguém notasse quem era de fato o responsável pelo preparo das tintas. Só fomos descobertos depois que eu galguei um degrau na hierarquia daquele escritório e passei a ocupar o segundo dos assentos de escriba... Ali, dei mais um infeliz passo rumo ao terrível destino que afinal me forçou ao exílio no meu próprio país... Mas eu pergunto: qual é a natureza desse exílio? Fui condenado a abandonar

minha pátria, ninguém pode me estender a mão em auxílio, onde quer que eu apareça os homens são obrigados a me deter e não posso ficar nem um minuto em lugar algum sem desobedecer à sentença que me coube, o que daria um pretexto aos adversários para agravar a pena, significando, por fim, que serei obrigado a ir urrando na direção do fogo ardente do inferno... “Jónas Pálmason, chamado por alguns de Jónas, o Erudito, este sou eu, e que Deus, nosso bom senhor e capitão, lhe abençoe com um bom dia... Disseram-me que pretende navegar à Inglaterra com uma carga de lã crua do intendente de Ögur, pois sim... Por acaso o senhor não teria um lugarzinho para um errante imprestável como eu nesta excelente embarcação?” De jeito nenhum... Ninguém se atreve a transportar Jónas dessas praias... Mesmo que ele componha belos versos sobre os cascos deteriorados dos navios que ele sonha tão ardentemente que o levem para bem longe da costa islandesa... Assim o poeta descreveu a nau a que se equilibra apenas sobre uma camada esburacada de betume:

A vela verga sob a onda-leão

Os ursos das pausas...

Os ventos aceleram as velas e esticam os cabos...

Naufragar nas profundezas repletas de monstros, a bordo de uma banheira flutuante como aquela, deve ser menos ruim que tornar-se prisioneiro em sua própria pátria... O que eu gostaria mais que tudo era visitar terras estrangeiras... Visitei-as muitas vezes em sonhos, ao despertar sobre as gravuras contidas nos livros ou ao adormecer em meu leito, vendo-me nas próprias cidades, normalmente a caminho de reuniões com os eruditos locais... Com um pacote comprido debaixo do braço; um presente nada insignificante, que figuraria muito bem nos salões que abrigam os tesouros mais valiosos daqueles países... Então, ouvia-se alguém bradar em bom islandês:

— Olha lá o Jónas!

Ato contínuo, o aspecto exterior dos nativos se transforma e eles se convertem em larvas cinzentas e começam a lagartear na minha direção, sibilando como idiotas:

— Olha lá o Jónas!

Porém, cada uma das lagartas ostenta três rostos humanos, o primeiro dos quais se chama Náttúlfur, o Lobo da Noite; o segundo, Ari, que representa a Águia; e o terceiro, Ormur, que é a Serpente... Depois, eram as visitas aos saraus, uma folheada nos livros que um dia tive, ainda que o desejo gritante de ir até lá em carne e osso nunca tenha resultado em nada além de suspiros pesarosos diante da sina desprezível de ser o próprio Jónas, o Erudito... Talvez faça parte da minha natureza ficar relegado a este litoral gelado... Sim, mesmo que todos os intendentess e os pedintes do país, todos os juizes e os ladrões, os bispos e as prostitutas, os senhores de terras e os arrendatários unissem forças para capturar o sujeito e conduzi-lo ao mar, a embarcação não chegaria a se afastar muito da costa com aquela carga miserável, até que os homens se vissem forçados a lançar bote ao mar para transportar Jónas de volta à terra firme... Pois ele, de fato, sentiria uma saudade avassaladora... Ai, achas mesmo que te esqueci, pilritinho, e do quanto minha natureza parece ligada a tua, ó Jónas do mundo dos pássaros? Não, pois mal tomas o rumo do oceano, voltas à terra firme o mais rápido possível... Assim o fizeste há pouco, e agora te vejo a retornar à mesma cena mais uma vez... Então, lembro-me de já ter permanecido tempo demais, sentado aqui neste lugar... Na Inglaterra és chamado de *sandpiper*. E eu, como seria chamado lá? Jonah Palmson, the Learned? É para lá que eu quero voar... Certos indivíduos descreveram-me a Inglaterra como o país onde uma rainha virgem governa com tamanho decoro que seus súditos acreditam piamente terem ganhado uma nova Nossa Senhora após serem privados da Virgem Maria... Um sujeito viajado contou-

me que em sua visita a Londres encontrou um senhor de idade, o ator Benjamin Jonson, que tinha avô islandês, conhecedor tanto da vida dos salões palacianos quanto das ruas da capital... O sujeito retratara uma bela figura da rainha, afirmando que a nobilíssima Elizabeth vivia como uma santa virgem em seu trono, pois sua carne jamais havia sido maculada por homem nenhum, o interior de seu corpo ainda era puro de toda e qualquer secreção masculina... E nenhum lorde ousava erguer nem um dedo sequer contra ela, por medo de insuflar as massas contra si... Pois, apesar de seus delicados seios virginais serem totalmente diferentes dos seios celestiais da santa mãe do filho de Deus e desprovidos daquele bálsamo branco que cura até mesmo as feridas mais profundas, do peito dela reluzia uma candura tão fraternal que mesmo seus inimigos mais ferrenhos caíam de joelhos e em prantos diante dela e, enlaçando as mãos, eles lhe agradeciam mesmo quando a cabeça era separada do tronco... Com mais severidade, ela investiu contra os papistas – e jamais será perdoada por isso –, apesar de a Igreja episcopal de seu reino da Inglaterra não estar envolta pelas mesmas trevas fétidas e satânicas que a daqui; ainda assim era algo terrível privar o povo de seus santos... Pois a quem a população deveria, então, recorrer quando os governantes infringissem leis contra inocentes, não tementes pela própria honra nem pela prestação de contas no dia do Juízo Final? Era bom poder recorrer à Virgem Maria, ao apóstolo João, à santa Bárbara ou a São Lucas, que sempre está disposto a tudo em favor dos pintores, ou às castas donzelas, santa Ágata com seu véu e suas tenazes, e santa Luzia, a fita e os olhos numa baixela de prata... Agora quem marcha sobre o piso de nuvens do altíssimo salão do reino dos céus e apresenta as queixas dos oprimidos? Muitas vezes, as questões para as quais buscamos alívio são pequenas, em algumas ocasiões podem ser apenas um inchaço persistente nas axilas, mas, em geral, é por nossos irmãos que somos

oprimidos e feitos vítimas de maus tratos, tanto físicos como espirituais... Aquele que foi açoitado e submetido à fome e açoitado outra vez por tentar debilmente conseguir alimento e açoitado ainda mais uma vez, desta com muito mais força e por mais tempo, porque o nome de são Dimas, padroeiro dos presos, veio-lhe aos lábios ensanguentados pela língua macerada; esse indivíduo seria a prova de que, em seu estado indefeso, um homem surrado ao extremo necessita da ajuda de um intercessor no reino dos céus... Entretanto, mais lamentável é o fato de ele ter sido lançado na prisão em razão de sua crença naquela mesma intercessão de que agora estava privado... Por mais que esteja fora do alcance dos olhos, todavia, não significa que abandonara os corações... São Torlácio ainda caminha entre seus pobres conterrâneos, que o invocam para que ele mencione seus nomes quando o santo estiver banhado pela cascata de luz que emana das quatro chagas causadas por pregos e do corte no flanco do corpo de Cristo e da cabeça ferida em que os espinhos romperam a pele até o osso... Porém, apenas àqueles que aprenderam a língua dos anjos é dado saber como se pronuncia o nome do homem no idioma da luz... Por isso, de pouco vale ao homem erguer o queixo para o céu e incluir o próprio nome nas orações, pois os gorjeios em forma de oração são como um nome qualquer grasnado por um arau gigante desalmado se não houver intercessor lá no alto para identificar a denominação humana do suplicante e traduzi-la para a linguagem celeste... Foi preciso que os magníficos são Torlácio e Guðmundur, o Bondoso, traduzissem nossos nomes, pobres pecadores que somos, para o povo magnânimo lá do alto... Eu me chamo Jónas Pálmason em islandês, Jonas Palmesen em dinamarquês, Jahn Palmsohn em alemão, John Palmson em inglês e poderia me chamar Jonus Palmensis em latim... Mas como eu me chamo na linguagem da eternidade é algo que só descobrirei no dia do Juízo Final... Espero que o chamado venha lá do alto, pois se diz

que todo mundo possui um nome também no inferno; longe de mim querer saber algum dia como me chamo naquele mundo horrendo... Mas tu, pilrito, não tens nada a temer, não tens outro nome além daquele pelo qual te chamam em cada lugar da terra, os quais são todos nomes mundanos... No céu, há espaço apenas para os homens bons... Acho que sentirei falta de ti ao chegar lá... Sim, da mesma forma que as pessoas sensíveis percebem a presença dos espíritos ocultos da natureza, mesmo que não os tenham visto com os próprios olhos, as almas verdadeiras podem experimentar a presença dos santos, mesmo que a Igreja lhes tenha tirado suas imagens...

* * *

PEIXE-CRAVO: tem nove braças de comprimento, é o mais belo de todos os peixes e tem a barriga parecida com a do alabote. Sua carne é doce e libera, mesmo nas noites frias, uma ótima e bela manteiga que se acumula na borda do prato. Um espécime, juntamente com algumas trutas, foi surpreendido pela maré baixa em um estuário na costa de Skarðsströnd, mas ninguém ousou comê-lo até que eu o provasse, pois o conhecia muito bem.

* * *

Minha avó falou certa vez para o marido:

— Deixa o Jónazinho curioso ir com a gente hoje à noite ver o carneirinho de são Pedro.

Sim, eles ainda mantinham a tradição de consagrar o primeiro carneirinho do verão a são Pedro... Era a festa da Assunção de Maria, que consagrava o dia em que a finada Virgem Maria ascendera desta nossa terra como o perfume de um lírio em flor e, em seu trajeto até o céu, encontrou Nosso Senhor Jesus Cristo, que, por amor à mãe, descera de seu elevado trono e fora até o meio do

caminho entre aquela existência superior e a existência carnal, acompanhado de um coro de anjos para deixar a ocasião ainda mais festiva. Ele nunca mais se aproximou do mundo dos mortais, mas naquela ocasião aninhou em seu abraço o espírito da Santa Virgem e a acompanhou até a glória dos céus... O casal de velhinhos, meus avós, tinha o hábito de visitar o carneirinho para celebrar tal evento... De fato, eles aproveitavam cada oportunidade que se apresentava para tanto, mas sempre depois que eu já estava dormindo. De minha parte, nunca fiquei surpreso com o zelo que eles reservavam àquele animalzinho órfão, assumindo que eles se devotavam a outros seres desamparados o mesmo carinho que devotavam a mim... Depois de jantar, minha avó me acompanhou ao quarto e me disse para vestir minhas melhores roupas... Obedeci, e ela fez o mesmo... Ela fez o sinal da cruz e recitou os versinhos marianos que eram os favoritos de todas as crianças com cinco invernos:

*Maria foi à igreja
Encontrou com a Santa Cruz
Trazia no cinto uma chave
Para abrir o reino dos céus...
Lá cantavam os salmos
Deus Nosso Senhor e Pedro:
Ambos vamos no verão
Visitar nossas relíquias sagradas...
Por favor, Deus, faça o sol brilhar
Na bela colina onde
Maria ordenhava sua vaca.*

Então, ela pegou minha mão para irmos ver o carneirinho de São Pedro... Mas, quando fomos para a parte de trás da fazenda em busca de meu avô, encontramos uma cena extraordinária... Todos os trabalhadores estavam reunidos na frente da sede, homens e mulheres, tão arrumados e bem-vestidos quanto minha avó... Eles nos aguardavam... Hákon Salómonsson conduzia um sujeito velho e corcunda, que

trajava uma capa com um capuz que cobria até a ponta do nariz e se apoiava num longo cajado... O sujeito começou a andar na direção da montanha e nós o seguimos... O avô Hákon foi na frente, seguido de perto pelos homens que portavam tochas apagadas, pintadas de vermelho no lugar da chama.

— Para que não nos vejam de todas as partes da comarca... — disse um dos trabalhadores.

Mulheres e crianças seguiam no fim da fila... O sujeito do cajado avançava pelos campos de feno, mas ninguém além de mim achava que ele andava muito devagar... Eu estava ansioso demais para ver o carneirinho... Minha avó me segurava com firmeza pela mão, ao que eu reagia puxando-a para a frente com toda a força, projetando-me quase na horizontal de tanto esforço, como um cão destreinado com a coleira, e nem sinal de ela se mover... Pensei que o cordeiro realmente deveria ser uma das mais notáveis criações sobre a Terra, a julgar pelo esforço de todos para manter tamanha solenidade, pelo sigilo e pela morosidade geral... Sim, solenidade, pois todos entoavam cantos enquanto empunhavam tochas; e sigilo, pois não era permitido acender as tochas, e todos cantavam em voz baixa para que o coro só fosse ouvido pelos que integravam o cortejo... Era o sexto dia do mês de agosto e as noites de verão ainda eram claras... Porém, a sombra da montanha começava a ganhar tons azulados ao anoitecer e a relva orvalhada que cobria os campos da fazenda exalavam seu odor com mais intensidade pelas manhãs... Aquela colina verdejante não era a única no mundo... Quando percebi para onde o cortejo se dirigia, soltei rapidamente a mão da minha avó e cheguei o mais perto que pude... À frente, encontrava-se a elevação conhecida como morro da Virgem Maria, que nós, crianças, tínhamos sido enfaticamente advertidos a evitar... Juravam-nos que o lugar era habitado por espíritos ocultos da natureza, que defendiam seus redutos com feitiçarias... Tais avisos eram reforçados com

histórias de juvenzinhos impetuosos que, tentando demonstrar coragem, ousaram desafiar os habitantes da encosta com insolência... Todos eles terminaram babões e acabaram seus dias acorrentados nos currais, juntando-se ao coro dos mugidos do gado... Algumas das crianças mais velhas diziam ter ouvido tais mugidos humanos em lugares mais longínquos, em andanças pelo mundo, como na penúltima fazenda do vale ou ainda depois, naquela além, e eu suava frio quando imitavam os mugidos daqueles semi-homens... Eu era agora o último daquele cortejo e andava arrastando os pés, pois, a menos que estivesse enganado, a procissão se dirigia diretamente àquele lugar terrível, o morro de Santa Maria, onde as pessoas enlouqueciam e se convertiam em bestas-feras... Por que eles mantinham o carneirinho de são Pedro logo naquele lugar? Por que diachos submetiam o bendito animalzinho abençoado a tamanho perigo? E no que o carneirinho teria se transformado se pastasse nas encostas do morro e caísse vítima dos feitiços daquelas maldosas forças ocultas da natureza? Minha imaginação, então, criou um monstro imenso, do tamanho do próprio morro que eu tanto temia... Era uma enorme bola peluda que rolava sem parar, levando consigo tudo o que encontrava no caminho... Pessoas e animais confundiam-se em meio aos chumaços de lã molhados e iam parar junto ao couro pálido repleto de olhos de cabra amarelos, todos fervilhando de vermes... Era a última coisa que eu conseguia ver antes de aquele monstro rolar mais uma vez em torno do próprio eixo e de eu ser esmagado contra uma rocha... A origem desse pesadelo exemplar veio de uma carcaça inchada de um carneiro afogado que as crianças maiores tinham me mostrado na lagoa de Hraunlón no início daquele verão... Então, gritei:

— Eu não quero ver o carneirinho!

Na sequência, atirei-me ao chão, na campina... Minha avó me pôs em pé rapidamente, sem perder o ritmo da caminhada nem da cantilena... Não, eu não escaparia com

facilidade... Permaneci em silêncio absoluto durante o resto do cortejo, enquanto aquele monstro se contorcia, deitava e rolava na minha mente... Quando a procissão alcançou o morro da Virgem Maria, o grupo se reuniu, protegido pela encosta, de forma que ninguém das outras fazendas nos avistasse... Eu achava que o carneirinho de São Pedro nos receberia em carne e osso, balindo de fome como os filhotes costumam fazer, mas não havia nada ali além do próprio morro... As pessoas se ajoelhavam e juntavam as mãos, entrelaçando os dedos – todas menos o avô Hákon, o velho da capa e dois trabalhadores; naturalmente, eu imitava os gestos de minha avó... Espiando por cima de minhas mãos unidas, procurei o carneirinho... Em vez disso, vi quando os dois trabalhadores pegaram as pás que levavam debaixo dos casacos e, seguindo as instruções do meu avô, começaram a escavar o morro... Enfiaram a lâmina das pás numa linha visível na vegetação, cortaram e retiraram tufos de terra e grama, para baixo e para cima e, em seguida, encosta abaixo, da metade do sulco de cima até a metade do sulco de baixo, até que aquilo parecesse as folhas de uma porta de igreja entalhada na colina... Depois, os trabalhadores enfiaram as pás bem fundo, cada um deles logo abaixo da respectiva porta de turfa, soltando, assim, a vegetação da terra... Feito isso, retiraram as portas e colocaram-nas no chão, ao lado, como se fossem os painéis de um quadro de altar, mas as portas propriamente ditas ficaram recobertas de terra preta...

Não apreciei aquela atitude imprudente de meu avô e não conseguia entender como uma pessoa tão boa como ele se divertia daquela forma, perturbando a paz das forças cruéis que habitavam o morro da Virgem Maria, mas o pior ainda estava por vir... Meu avô tirou do bolso uma escova de pelo de porco e começou a escovar a terra nova à altura da própria cabeça... Fechei os olhos e apertei ainda mais as mãos; os espíritos ocultos da natureza com certeza não gostariam nem um pouco daquilo... No

mesmo instante, ouvi outro ruído, o murmúrio suave de contas de madeira... Eram os rosários que se agitavam nas mãos das pessoas, que rezavam a suspiros e gemidos, o que me gerou ao mesmo tempo vontade de rir e tristeza, coisas que, até aquele momento, eu não sabia que podiam conviver... A escova dançava na mão do meu avô Hákon... O homem da capa puxou o capuz para trás e, então, vi parcialmente o nariz e os olhos dele... Tinha um chumaço de pelos no nariz, os olhos azuis inexpressivos... Fincou o cajado na terra macia, curvou-se até o chão e apanhou um punhado de terra. Em seguida, apoiou-se no cajado com a mão esquerda, enquanto com a outra pegava um livrinho do seu alforje... A escova varreu os últimos grãos de terra, revelando, sob a grossa camada de terra, uma camada salpicada de areia da praia... Meu avô usou a escova com a mesma destreza para limpar a areia, e a tarefa era executada cada vez mais rápido, à medida que se dirigia ao fundo... Enquanto isso, com uma voz surpreendente, jovial e acolhedora, o sujeito com pelos no nariz e olhos remelentos, apoiado na bengala, começou a ler do pequeno volume que tinha aberto nas mãos, sem pousar os olhos no livro nem uma vez.

— *Transite, Marie...* no dia em que partiu nossa gloriosa rainha do céu e da terra, santa Maria Cheia de Graça, estavam presentes todos os apóstolos do Senhor... Os sábios pais da Igreja afirmam que, onde quer que cada um dos apóstolos se encontrasse naquele momento, foi transportado por intervenção angélica e levado aonde Maria Cheia de Graça faleceu... Pois Deus enviara um de Seus anjos para buscar cada apóstolo, percorrendo pelo ar a distância de vários dias num único e ínfimo instante, levando todos àquele lugar...

Eu já tinha desistido de tentar entender o que os adultos estavam fazendo... A única certeza que eu tinha era de que, se era preciso passar por tudo aquilo para ver o carneirinho de São Pedro, isso era um aborrecimento só, e eu estava decidido a fugir das próximas vezes que o

fizessem, caso fosse convidado... Soltei as mãos até então unidas e senti o sangue fluir até a ponta dos dedos, que estiquei e flexionei diante de mim... Nisso, minha avó apertou com mais força meu braço magricelo e me repreendeu baixinho... Fiquei fulo com ela por um instante, pois achei que não tinha feito nada para merecer aquela bronca tão ríspida, e pensei em empurrar para longe de mim aquela mão que me apertava de forma tão desproporcional... No entanto, naquele exato momento, os demais integrantes da multidão começaram a emitir murmúrios abafados como os dela... Ah, esse devia ser o começo: os maus espíritos, por fim, se incorporavam naquela gente e, antes que nos déssemos conta, cada um atacaria seu semelhante, mugindo e batendo, esmagando e dilacerando dedos, narizes e orelhas... Com um grito, eu me coloquei de pé e dei no pé... A experiência me ensinara que o melhor a fazer era correr para meu avô Hákon; entretanto, se o mundo estava virando de cabeça para baixo, então ele se tornaria o maior de todos os monstros, e por isso pensei em disparar sozinho para o raio que o partisse...

— Alguns sábios afirmam que Deus havia revelado de antemão aos apóstolos que, no dia em que a santíssima Virgem Maria partisse, todos seriam reunidos num vale conhecido como *Vallis Josaphat*... — entoou o velho.

Não consegui escapar para lado nenhum... Estávamos bem no meio do grupo, eu e minha avó... Então, quando o homem que proferia a pregação se calou, ouvi meu avô dizer:

— Venha a nós, regozijante, ó Virgem Maria, bendita mãe do Nosso Senhor, Jesus Cristo!

Aquilo não me pareceu tão monstruoso, então me enchi de coragem e olhei na direção dele... Como no princípio, a escova dançava em sua mão, mas onde antes havia areia, agora se via a ponta de um nariz bem talhado em madeira pintada, então surgiram as bochechas coradas e, depois de mais uma pincelada, era possível ver o azul-celeste dos

olhos da santa Mãe de Deus, olhando para os céus... A terceira escovada retirou os últimos grãos da face dela, e a quarta mexeu com a areia restante, que despencou como água até os pés da santa, revelando o corpo envolto por um manto... Com isso, minha avó começou a chorar... Como descobri depois, fazia muito tempo desde que ela vira pela última vez a imagem de Nossa Senhora, a Virgem Santa que havia lhe amparado nos partos, na criação dos filhos, na manutenção da casa... Era sua confidente nos mais ínfimos assuntos de mulher, aqueles que decorrem por a mulher não ser feita à imagem do Criador, mas como reflexo do reflexo, posto que foi criada da matéria do homem, o qual foi moldado a partir do barro mundano que se tornou visível quando o Criador deixou a palavra sair de Seus lábios... Então, Ele pegou a matéria com as próprias mãos e dela criou mundos cada vez menores, até fazer a mulher e tudo o que ela contém... A Virgem Santa escolhida conhecia o âmago da mulher melhor do que ninguém, pois ela própria era uma filha de Eva, a mais perfeita de suas descendentes, embora ainda assim fosse mortal... Pelo menos até os apóstolos testemunharem sua ascensão do sepulcro, feito uma nuvem prateada, subindo cada vez mais alto, até o Redentor acorrer ao encontro dela e estender a mão na direção das nuvens para tomar sua mão e alçá-la à máxima altura dos céus... Agora ela está sentada lá, coroada, ao lado d'Ele; continua, porém, fluente na linguagem das mulheres terrenas...

Além da imagem de Nossa Senhora, no interior daquele montículo secreto havia outras santas estátuas... Pois ali estavam protegidas as abençoadas imagens de santos, tanto da região quanto dos distritos vizinhos: pintadas, talhadas e moldadas. Tinham sido ali guardadas quando o crepúsculo cobriu o país como neve, como as cinzas da infernal Hekla, a montanha cuspidora de lava, que, onde quer que caíssem, levava à morte todo o gado que não estivesse abrigado... E o que somos nós, senão teu

rebanho, ó Senhor? Enfrentamos os mesmos perigos que as vacas, as ovelhas e os gansos caipiras que pastam na relva tornada negra pelas catástrofes... Por isso, o rebanho ocultou seus salvadores debaixo da terra, onde terá que buscar forças, agindo em segredo, mas celebrando no coração, até que o jugo dos usurpadores chegue ao fim de seus dias e suas hordas libertinas caiam com as entranhas explodindo como filhotes de ratazanas que se empanturram até a morte ao caírem num tonel de sebo... Daquele belo encontro com a Mãe de Deus no morro da Virgem Maria, fixou-se na mente infantil do Jónzinho curioso a ideia de que todos os morros, as encostas e as elevações na paisagem ocultavam maravilhas celestiais... E, quando completei vinte e três anos, meu avô Hákon confiou a mim, pouco antes de morrer, o roteiro que indicava o local onde os verdadeiros cristãos haviam enterrado seus santos... Tempos depois, aquele foi meu passaporte para a fortaleza da Academia de Hólar... Lá, troquei aquelas instruções pela matrícula e pela posterior educação sacerdotal do reverendo Pálmi Guðmundur Jónasson, que vem a ser meu filho... De pouco lhe serviu ser filho de Jónas, o Erudito, mas pelo menos o pobrezinho conseguiu refúgio lá, porque eu conhecia os esconderijos dos que fugiam pela boca da baleia; entretanto, tive que entregar às autoridades outro, junto com ele: o patife traidor do Nosso Senhor, Ari de Ögur...

* * *

JUBARTE ou BALEIA-CORCUNDA: tem conchas e crustáceos recobrimdo quase toda a cabeça. Quando as águas são muito profundas, esfrega-se contra as barreiras de corais para se manter aquecida. É a pior de todas as baleias não comestíveis, seja para os barcos, seja para os homens, pois tem tendência de abalroar as embarcações e despedaçá-las com nadadeiras, barbatanas ou cauda. Às vezes, posta-se bem no meio do caminho, não havendo remédio a não ser arremeter a

embarcação contra ela. Com isso, ela lança o barco para o alto, se for capaz, e abocanha o que houver nele, a não ser que os homens consigam se esquivar ou que ela mesma passe direto em sua investida. É insuportável para ela ouvir os rangidos de ferramentas metálicas, que a enlouquecem ou a matam. Quando ferramentas pesadas, como grandes serrotes, são utilizadas de forma ruidosa na amurada do convés e o ruído chega a seus ouvidos, ela foge para longe ou dá cabo de si mesma, caso haja um banco de areia por perto. É um animal bem provido de gordura, e seus ossos curtos são apropriados para serem usados como lâminas de patins para trenós. Chega facilmente a sessenta braças de comprimento.

* * *

Sim, pilrito de passos irrequietos, tuas pegadas na areia da praia são tua caligrafia, com ela escreves tuas histórias efêmeras e tuas narrativas sobre o que viste nas viagens que fizeste com essas asinhas... Quanto a mim, aprendi a rabiscar letras e a costurar lombadas de livros no escritório da casa do meu avô... Lá, cabia-me a tarefa de copiar e compilar livros... Esses eram, de início, trabalhos menores e sem pretensão de se tornar clássicos – nem quanto ao conteúdo nem quanto à forma... Rimas curtas e coletâneas poéticas para o entretenimento de viajantes, livretos de bolso com instruções sobre o preparo de iguarias, livros de orações e manuais em que eram preservadas gravuras dos tomos que nos eram emprestados, mas não eram copiados por inteiro devido à falta de espaço ou por terem saído de moda ou ido de encontro aos novos ditames teológicos... Eu também fazia reproduções de ilustrações anatômicas de livros de medicina que mostravam o ser humano exatamente como é, de que forma o corpo se estrutura, as partes em que a carne se prende aos ossos e se avoluma, tudo segundo a forma com que a mão do Criador a modelou, como se tivesse sido com argila comum... E uma vez que as velhotas nas cozinhas já não mais permitiam que eu

examinasse seus corpos, compilei num só livro tudo o que descobrira sobre como curar os males mais comuns que as afligiam... Em ordem alfabética, apresentavam-se ali todos os tipos de indisposições, males do sangue, ondas de febre, calafrios e inflamações dos órgãos vitais e do abdômen superior... Nas entrelinhas, eu transcrevia antigas orações marianas e as intercessões aos santos que haviam se provado mais propícias a aliviar ventres islandeses, além de feitiços e invocações de magia branca para ajudar na luta contra as dores da idade e dos espíritos enfadados... A maior parte desse material foi copiada do guia de medicina do bom sujeito que era o bispo Jón Halldórsson, e as pacientes sentiam-se honradas de ouvir os benignos conselhos de sua altíssima eminência competindo com o ruído intenso da água fervente, com a sucção da chaminé, com a crepitação das chamas, com os passos no chão de cascalho, e diziam que era o próprio bispo que se fazia presente para curá-las naquelas cozinhas cheias de fuligem... Ou seja, continuei firme e forte na lida de curar mulheres e colecionar cabeças de corvos... Porém, aquele guia me causaria enormes problemas, graças aos quais jamais voltarei ao convívio dos homens, prosseguindo nesta conversa erudita com os passarinhos... Já haviam queimado um homem e estavam ansiosos para queimar mais um... “Mestre da escola de bruxaria”, assim me chamaram quando ajudei alguns rapazes a copiar o livro e os ensinei a pronúncia correta do nome das santas citadas nas fórmulas mágicas... E aqueles chacais hipócritas teriam me levado à fogueira caso as mulheres que eu curara com a ajuda do finado bispo tivessem aberto a boca... Mas não, elas não o fizeram, gratas pelos tratamentos recebidos... No entanto, apesar de eu não ter os pelos do corpo estorricados na fogueira, sofri com o calor da ira que nutriam por mim, do instinto raivoso que leva um ser humano a destruir o semelhante na fogueira, como se fosse um livro proibido... Pois, de fato, qual é a diferença

entre os dois? Cada livro é infundido com o espírito humano... As atentas senhoras cobertas de fuligem dos fogões da cozinha sabiam disso quando acreditavam ouvir a voz do bispo nas descrições de suas doenças e se punham de joelhos para só voltar a ficar de pé quando percebiam que eu havia terminado o texto... Faziam-no por gracejo, mas também um pouco a sério... Nem por isso ousou comparar-me com o bispo Jón, da mesma forma que tu, pilrito, não ousarias equiparar o sussurro de tuas asinhas ao rumor do voo da águia... Assistir a um livro ser queimado é algo que me dói nos olhos... Nas chamas crepitantes, ouço o suspiro de quem compôs o texto, de quem reproduziu aquelas palavras, letra por letra, e o suspiro de quem as leu... Ouço como essa trindade respira como um único ser, inspirando e expirando, até que o fogo trague o fôlego dos pulmões e assim acabe com a união daquele ser que o livro nutrira, como o solo do qual emergem galhos de flores mais diversas... E várias foram as almas assim entrelaçadas que arderam no monte Helgafell, quando a antiga biblioteca do mosteiro foi lançada à fogueira, juntamente com as poucas relíquias sagradas e imagens que ainda não tinham sido destruídas... Ai de mim, que estava lá presente! Como eu parecia pequeno diante das piras gigantescas que ardiam com a força de três crateras vulcânicas, tamanho o calor que emanava daquela ação diabólica... E quem haveria de ser o rei da queimada da primeira fogueira, o mestre da segunda e o incendiário-mor da terceira? Era ele, a quem cabia presidir a educação espiritual dos cordeirinhos de Deus naquela paróquia, o reverendo Sigurður Pétursson, jovem que entrara para o sacerdócio havia pouco... De compleição clara, magro, de movimentos ágeis, marido e pai amado por sua esposa e já pela criança que ela carregava no ventre... Vivia no local havia quatro meses quando começou a perder a razão... Isso foi dezessete dias antes de ele ordenar as queimadas... Naquele dia, o reverendo Sigurður foi o primeiro a despertar – e já

acordara alterado... Correu ainda em pijama até a biblioteca, trancou-se lá e começou a jogar a esmo os livros ao chão... Quando os serviçais o encontraram, viram pela janela quando ele arrancara o pijama, se jogara no chão de costas e começara a se revirar em cima dos livros, como um vira-lata infestado de pulgas se revira num galpão... Urrando, o reverendo agarrou um livro ao acaso e esfregou-o contra seu corpo nu, massageando-se de cima a baixo com ele, de um jeito indecoroso... Então, quando começou a arrancar as páginas do livro e enfiá-las hermeticamente nos orifícios do próprio corpo, os serviçais, temendo que ele se sufocasse, botaram a porta abaixo... Correram até o pastor e o dominaram, amarrando-o na cama... Aquele ataque de loucura foi atribuído a uma imagem do tamanho de um polegar, esculpida em osso de baleia, que supostamente retratava santa Bárbara e sua torre, que a jovem esposa do pastor encontrara em meio à bagunça dos tempos de monge do pastor e decidira usar como amuleto para proteger a criança que carregava no ventre dos maus espíritos durante o sono... A jovem esposa do pastor tinha sempre à mão, na cabeceira do quarto do casal, aquele talismã – provavelmente esculpido por algum groenlandês recém-batizado –, mas sem querer o enfiara debaixo do travesseiro do marido... Dessa forma, o reverendo Sigurður dormiu com a cabeça em cima da imagem na noite em que enlouqueceu... Porém, quando soltaram as amarras que o sujeitavam à cama, passados dezessete dias, o pastor se mostrou mais vivaz e pensando de forma mais clara do que nunca... Ordenou que seus ajudantes esvaziassem a biblioteca e amontoassem aquele acervo de heresias no descampado, formando três fogueiras com os livros, aos quais ele mesmo ateou fogo...

A providência me conduziu ao monte Helgafell naquele dia... Quis o destino que eu assistisse àquela tragédia... Eu estava a caminho da região de Staðarstaður para pintar o ícone do altar que havia entalhado no

começo daquele inverno... Foi quando avistei a nuvem de fumaça que subia do monte Helgafell, dando a impressão de que a própria elevação é que ardia; então, não resistindo à curiosidade, fui à sede paroquial... Se eu tivesse asas como um pilrito, bastaria ter sobrevoado o monte para ver o que causava a fumaça... Em vez disso, caminhei até lá e, ao chegar, a queimada estava no auge, então caí de joelhos diante daquela cena e chorei... Naquele dia, as pessoas julgaram que Jónas, o Erudito, atingira novos patamares em sua estupidez... Mas elas não viram o que eu vi... Se viram, não entenderam o que acontecia bem debaixo de seu nariz... Quando a fogueira do meio, a maior delas, exalou seu último suspiro, fazendo com que o ar se insinuasse sobre as brasas, como mil diabinhos adentrando numa única e infinita fila, ouviu-se um estrondo trovejante na fogueira... Aquilo sobressaltou todo mundo... Nenhum explosivo fora lançado à fogueira... E, enquanto as pessoas se entreolhavam, atordoadas com o ocorrido, eu não tirava os olhos das chamas... Foi quando vi um livro aberto se erguer e flutuar sobre a fogueira crepitante... Ele parecia inteiro, com a lombada para baixo e as páginas se abrindo como asas... Num instante, o livro se tornou incandescente... A filha pequena do pastor gritou, com uma voz fininha:

— Oia lá, babai, o passarinho!

Então, o livro se desfez em incontáveis fragmentos, e o calor os soprou para o alto, na direção do firmamento... Um ano depois, o reverendo Sigurður remava para a ilha que fica no lago Helgafell, por conta da temporada de coleta de plumas e ovos de êider. Ia acompanhado de dois irmãos, que o ajudariam... Ele se tornara, então, tão arrogante em assuntos do espírito que não estava nem aí para o feitiço que diziam recair sobre aquela ilha... Durante a viagem, o barco se partiu ao meio, e os três se afogaram... Ó avezinha, não deixes que as incontáveis maldades de homens te atordoem a ponto de te fazer

sobrevoar perto demais das queimadas organizadas por eles para que tuas penas não fiquem chamuscadas... Sim, sim, tratemos de manter nosso juízo, irmão pilrito...

* * *

MOSCA-VAREJEIRA: deposita ovos oblongos, conhecidos como varejas, dos quais nascem as larvas; caso os ovos sejam depositados em chifres de touro, no início da primavera eles eclodem, gerando moscas grandes que são apreciadas pelas trutas. A mosca-varejeira é tão grande e larga quanto um polegar humano.

II

SOLSTÍCIO DE VERÃO, 1636

No inverno passado, senti-me tão solitário quanto Adão durante o primeiro ano no Paraíso. Exceto que essa ilha no inverno em nada lembra aquele lugar de maravilhas. Ela é fria e dura, então a gente não vai além da porta, a não ser para tirar água do Joelho, e mesmo assim sem colocar o corpo todo para fora, apenas abrindo uma fresta entre o caixilho e a folha da porta o bastante para deixar passar o “tubo”. Eu mais parecia um rato desgraçado enfiado na toca que um homem criado à imagem e à semelhança de Deus. Diminuto e encurvado como uma ratazana, não ousei vislumbrar o mundo inteiro do alto, como Adão. Sim, Adão era alto e mantinha a cabeça erguida. Dessa forma, ele via o mundo todo; afinal, era maior e mais robusto que seus atuais descendentes. Um pouquinho menos de trinta metros era a altura dele, e tinha na cabeça uma cabeleira tão vasta que os cachos lhe caíam como uma cascata borbulhante até o quadril. Pois ele era, então, o maior ser que Deus criara a partir do barro. Durante todo o ano solar em que ele andou sozinho pela Terra, seu imenso corpo foi queimado pelo sol, como argila no forno, e fustigado pelos elementos. Tudo era novo na estação do crescimento. As árvores lançaram raízes, sustentaram folhas e depois as derrubaram, ficando desnudas pela primeira vez. Os gansos surgiram grasnando dos lagos e ouviram o próprio ruído pela primeira vez. Os lírios abriram as flores, e seu perfume tomou o ar pela primeira vez. As abelhas pousaram nos epilóbios e mataram a sede com o néctar fresco antes de voar zumbindo até o cálice seguinte. Aquilo nunca tinha acontecido. Tudo era novo aos olhos do homem, e ele mesmo era totalmente novo para si. Moldado pelo Senhor a partir dos quatro elementos, mesclados como se encontram no barro mundano, ele esteve, então, o mais

próximo de sua origem do que em qualquer outro momento. Porém, seu sangue havia sido diluído com água marinha, seixos se infiltraram em sua carne, raízes se confundiram com seus tendões e seus músculos, o sêmen que se inflamava em seus testículos era espesso como teia de aranha e revoltoso como a espuma do mar. Era assim que ele andava pesadamente pelo mundo e, para onde quer que olhasse, ele via os limites da terra. À noite, o céu estrelado girava acima dele como uma exposição de arte incessante, vivaz e resplandecente, e seus olhos cândidos começaram de imediato a traçar linhas entre os pontos luminosos, nos quais buscava correspondências ao que ele discernia durante as caminhadas diurnas. Ali estavam o cisne, o carneiro, a serpente. De dia, reluzia sobre sua cabeça o astro solar fulgurante, que o queimava como argila no forno. O calor do sol também fazia sua pele suar. No dia mais longo daquele primeiro ano da terra, Adão ficou tão quente que todo seu corpo suava e escorria por seu torso humano, alto como um troll. A maior parte daquele líquido era absorvida pela juba dourada que o cobria de cima a baixo e, para se livrar da umidade de seu cabelo, Adão se agitava da mesma forma que vira o cão fazer – de todos os animais, aquele era o único que decidira segui-lo aonde quer que fosse. Porém, apesar de usar de várias artimanhas como aquela, o suor continuava brotando do seu manancial humano. Adão baixou a cabeça e, juntando as mãos como uma vasilha, capturava o líquido que escorria pela testa e despencava como chuva pelas sobrancelhas. Ele viu a vasilha encher, a superfície da água salgada subir rapidamente e, antes que pudesse imaginar, alcançar a altura dos polegares e dos indicadores. Porém, um instante antes de transbordar, aquela superfície líquida se firmou, e Adão teve uma visão extraordinária no espelho em suas mãos: ele viu a si mesmo. A sede ainda não o havia impelido até as águas, e ele ainda ignorava o que era a fome, pois um ano não chegava a ser como uma hora para o homem eterno.

Portanto, ele não se reconheceu no olhar que o fitava do fundo daquela poça de suor nem no rosto suave e luminoso que emoldurava aqueles olhos, tampouco no nariz que os separava. Adão gritou de susto, lançando as mãos para o alto. Porém, quando ele ousou olhar de novo na direção em que tinha visto aquele rosto se formar, os tais olhos já não estavam lá, pois o espelho tinha se estilhaçado em gotas incontáveis e, apesar de ele coletar suor na palma das mãos outra vez, a superfície líquida jamais ficou lisa o suficiente para permitir que se formasse uma imagem completa, tão trêmulas suas mãos estavam devido àquela comoção. Depois de algum tempo, ele desistiu e ficou parado onde estava, os olhos inexpressivos mirando fixos à frente, as mãos caídas ao lado, indolentes. O sol descia no espaço, e ele sentiu o calor do astro cair pelo pescoço até os ombros, onde começava seu trajeto pela coluna. Então, outra coisa esquisita aconteceu, um fenômeno a que ele mal teria dado atenção se aquela visão insólita não tivesse aberto seus olhos à possibilidade de que havia mais na existência visível do que aquilo que a matéria demonstrava; sim, a partir dos pés dele crescia uma criatura que parecia se originar nele mesmo. De início, não passava de mera poça escura, embora nem de longe tivesse a forma característica de uma poça; por um instante, ele achou que aquilo também fazia parte do líquido que escorria de seu corpo. Porém, quando o resquício de sol a suas costas chegou mornamente a sua região lombar, aquele fenômeno ganhou uma forma conhecida: a cabeça achatada, os ombros largos, o torso encorpado, com braços compridos e pernas curtas. Adão recuou – aquilo se parecia bastante com os macacos que viviam ao sul do Paraíso. Ao contrário dos cães, eles demonstravam pouco respeito por ele, urrando e fazendo caretas quando ele se aproximava. Àquela altura, ele não sabia que tais caricaturas semi-humanas tinham sido colocadas sobre a terra pelo Criador para que ele se reconhecesse nelas

quando começasse a pecar. Sim, ainda estava distante o dia em que ele veria em rostos disformes o próprio rosto tomado pelo orgulho, pela inveja, pela ira, pela preguiça, pela luxúria, pela gula e pela avareza. Sem pecado, como ainda era, Adão não compreendeu aquele escárnio, enxergando apenas seres travessos e peludos, surpreendendo-se com o mero fato de que lhes fosse permitido existir. Porém, no mesmo instante em que o primeiro homem recuou, aquela criatura sombria recuou com ele, seguindo em seu encalço, perseguindo-o, como se estivesse colada em seus pés e, depois que ele se endireitou, após se agitar para se livrar daquela criatura, tentando descolar os pés dela, a figura se alongara tanto que praticamente se igualou à altura de Adão. Ele muitas vezes se deitara de costas e apalpara suas extremidades, tocando desde a articulação do ombro até o punho e cada um dos dedos desde a raiz até as pontas. Da mesma forma, a palma de suas mãos passeava desde as coxas, passando pela batata da perna, até alcançar os dedos dos pés... e além. Portanto, Adão conhecia bem o traçado de seu corpo e, naquela mancha escura que jazia a seus pés, ele via pela primeira vez uma criatura parecida consigo. Naquele instante, percebeu seu isolamento, e a solidão invadiu sua alma cândida: viu que tudo à volta existia em pares nas campinas, os leões e os cordeiros, os lagartos e as tartarugas; nos lagos e nos mares, as morsas e as baleias, os alabotes e os salmões; e nos ares voavam um par de cisnes e também um par de águias, enquanto entre os ramos da bétula se aninhava um casal de escrevedeiras-das-neves, cantando as maravilhas da vida conjugal. Adão examinou a amplidão do mundo: teriam seus olhos deixado de notar sua cara metade? Não, em suas andanças pela terra, ele tinha espiado debaixo de cada rocha, movido cada pedra, revirado cada emaranhado de algas e não tinha visto nada que se parecesse consigo mesmo. Porém, no momento em que a decepção ameaçava invadi-lo, trazendo a ingratidão para

com o Criador, ele voltou a olhar para a imagem sobre a terra e uma sensação ainda mais forte se apossou de sua mente, sim, e também de seu corpo. Veio a calhar que, quando aquele ser se projetava da sola dos pés de Adão, este estava de pé às margens entre a terra e o mar, em um solo arenoso cheio de depressões e reentrâncias, moldados com suavidade. Assim, a imagem no chão tinha uma forma muito mais delicada que a dele, e as concavidades e as protuberâncias adicionavam curvas a seu quadril e seu torso. Sim, aquela sensação que se apoderou de sua mente também impulsionou seu corpo. O membro que havia entre as pernas se dilatou e ficou ereto, apontando adiante, como o braço forte de um general que comanda tropas à batalha: “Avante, até a vitória!”. Sem hesitar, Adão seguiu aquele comando de seu membro potente e rijo. Ele se lançou sobre a criatura e inseriu seu membro entre as pernas dela, enterrando-o na areia, copulando com ela até que uma torrente de sêmen espesso e abundante jorrasse de seu corpo com a força de uma gigantesca onda que se choca contra as duras falésias. O orgasmo explodiu um arco-íris sob suas pálpebras, onde cada cor fulgurava no vazio como um meteoro, às vezes violeta, às vezes azul como a água, às vezes amarelo como o sol, enquanto o sêmen escorria pelas fendas da crosta terrestre, pelas frestas entre as rochas, pelos talhos e pelas rachaduras nos cristais, pelos buracos no solo. Assim, Adão fertilizou o baixo mundo, ao se deitar com a própria sombra. A partir desse ato, surgiu a raça que habita os obscuros mundos subterrâneos. Teriam sido três vezes trezentos mil os rebentos gerados naquela única ocasião? Seria essa a explicação para o fato de, onde quer que se estabeleça, a raça humana ser precedida por uma numerosa horda de duendes habitando os morros e as encostas, os rochedos e as montanhas? O Criador viu que aquilo não era tolerável, sendo completamente horrenda a ideia de que o homem pudesse cobiçar a própria sombra, mais horrenda ainda a ideia de

que a cada vez que ele copulasse com a terra brotasse uma prole tão numerosa. Se aquilo continuasse, não tardaria para que o submundo obscuro não mais comportasse sua população, e esta de lá emergisse à superfície com a mesma força que o sêmen jorrou das entranhas de seu genitor. Assim, a primeira coisa que o Criador fez foi destituir Adão de sua sombra até encontrar uma solução para aquele problema. Então, enquanto Adão perambulava pelo reino terrestre em busca do objeto de seu desejo – urrando com luxúria, liderando o coral dos cães uivantes que lhe seguiam a cada passo –, o Criador inventava a mulher, cujo ventre Ele dispôs de tal maneira que este somente seria capaz de abrigar e nutrir três embriões por vez. Além disso, a raça humana encolheria uma polegada a cada geração, até que o homem não fosse muito maior do que este ignorante descendente de Adão que está sentado aqui ao lado de sua sombra disforme, convertendo ideias em palavras.

* * *

Sol, eu agradeço obedeceres aos desígnios do Criador e prolongares tua passagem pelo firmamento durante o verão. Do contrário, nós, que habitamos esta pequena massa disforme que jaz nas paragens mais boreais do mapa-múndi, já estaríamos todos loucos. Pois a realidade é que, aqui, num quarto do ano o céu fica totalmente claro, em outro quarto ele se torna escuro como a asa do corvo, e os dois outros quartos são apenas razoáveis. Assim são nossas estações. Na claridade perpétua do alto verão, temos tempo de pensar na terrível escuridão gelada, ou seja, na estação que chamamos de “inverno”. E em tudo de ruim que ele implica. Depois de refletir sobre isso, a gente se senta, volta a cabeça na direção do firmamento, baixa o olhar e deixa o azul do céu nos convencer do absurdo de que tudo será sempre assim, de

que o mundo no máximo ficará avermelhado, como as bochechas de um jovem tímido, e que nunca mais escurecerá. Afinal, um pouco mais de claridade não faz mal, já que lembranças podem ser tão sombrias, eu mesmo bem o sei. Durante todo esse dia fui vítima de pensamentos horrendos e sinistros. No entanto, tenho muito com que me alegrar. Faz calor e tempo bom, a amplidão é vasta, as aves cantam com candura e os filhotes de foca clamam nas angras, lembrando gritos de bebês humanos. Além disso, minha esposa, Sigríður Thórólfsdóttir, está aqui comigo. Essa admirável infeliz, que pensava ter encontrado como par na dança da vida um sujeito razoavelmente bem apessoado e trabalhador ao se casar comigo. Trinta e cinco anos depois, ela viu no que deu. Trouxeram-na para morar aqui comigo na primavera. Disseram que a coitadinha estava desesperada para me ver. Sim, Sigga é a pobre coitada que convém ao pobre coitado Jónas. Achei que a chegada dela seria um bálsamo em minha vida, que eu gastaria menos tempo preparando minha alimentação, que teria mais tempo para estudar e memorizar coisas importantes. Consigo guardar melhor as coisas se tiver alguém para me ouvir. Porém, agora, ela fica totalmente de mau humor e irritadiça quando quero lhe apresentar minhas teorias. E as coisas encrespam entre a gente.

— Lá vem ele de novo... — diz, dando as costas, como se um jorro de urina saísse de minha boca. Eu tento não retrucar quando ela diz isso. Mesmo assim, ela prossegue, invariavelmente: — É graças a essas tolices que a gente veio parar aqui.

O que ela diz é verdade, ainda que ela não devesse chamar meus estudos de “tolices”. Seria mais correto dizer que foi minha inteligência que nos fez encalhar nestes rochedos. Ou melhor, que fez de *mim* um desterrado, já que foi ela mesma quem pediu para vir de barco a remo viver comigo. Pobre mulher. Porém, entre ser esposa de Jónas, compartilhando com ele seu destino

nesta ilhota erma, e viver entre estranhos, provavelmente o primeiro é, dos males, o menor. Bem posso imaginar como se dirigiam a ela lá na nossa terra natal. E o pior de tudo é que não fiz por merecer tal lealdade. Só fiz mal a essa mulher. Ela se opunha a que eu atendesse ao chamado de Láfi, o Mago, filho de Thórður, neto de Thórólfur, sábio e poeta, que pediu que eu o acompanhasse até o oeste da Islândia para exorcizar um fantasma inconveniente. Foi ali que começou minha desgraça. Foi assim que perdemos tudo. Mas como foi que nos conhecemos? Durante um eclipse solar, se bem me lembro, pois não ousei perguntar a ela. As mulheres acham que nós, os homens, temos de nos lembrar desse tipo de coisa. Da última vez que ela me recriminou por minhas ideias excêntricas, perguntei-lhe por que ela tinha ido ficar comigo depois de tudo. Perguntei se não era para retomar o fio da meada, interrompido no momento em que caí sozinho na clandestinidade a fim de escapar da ira que Náttúlfur e Ari nutriam por mim, Jónas, o Erudito, e por meu filho, o reverendo Pálmi. Sim, por que ela veio para cá, se não para me apoiar em meus estudos sobre o funcionamento do mundo? Pois assim fora antes. Agora, era como se meus inimigos a tivessem convencido a assumir a tarefa de me “trazer de volta à razão”, como diz mais de um – na verdade, mais de dois – dos meus algozes. Isso não está certo. Eu a confrontei sobre isso outro dia, e ela respondeu:

— Se tem alguém que sabe que é impossível lhe devolver o juízo, Jónas Pálmason, esse alguém sou eu.

Sigga era a moça mais encantadora que eu já havia conhecido. A primeira vez que ouvi falar dela foi quando um forasteiro contou a mim e a meu avô Hákon que uma moça de Bakki, no fiorde de Steingrímsfjörður, tinha ficado “aluada”. Mas não daquela forma que as pessoas atribuem aos pobres diabos enlouquecidos, que estariam melhor caso se perdessem pelas estradas. Não, a doença a deixara sóbria e calma, porém com uma fixação pelo luar,

pela trajetória da lua no firmamento, pelo tamanho e pelas mudanças de fase quatro vezes ao mês. Quando ela desaparecia de sua cama, era encontrada ao relento, junto a uma parede do estábulo com o polegar no ar, calculando o quanto a sombra da lua tinha crescido desde a noite anterior. Quando conseguia botar a mão em papel e lápis ou pena, logo começava a rascunhar números e traços. De fato, o pastor convocado para examiná-la afirmou que, ao que lhe parecia, ela tinha sólidos conhecimentos de aritmética. Porém, ela não dizia onde tinha adquirido tais conhecimentos, já que dificilmente adquirira excelência naquilo por conta própria, sem a ajuda de ninguém. Os familiares tinham quase certeza de que algum andarilho deveria ter ensinado aquilo para ela “como pagamento para sabe lá Deus o quê”. Mas a mente da moça não conseguira lidar com tanta matemática e, no final das contas, perdeu o juízo, como bem o prova a obsessão de que foi acometida por aquela criação da natureza que costuma atrair mentes enfermas: a lua. Quem perpetrou aquela barbárie jamais foi encontrado, ainda que as suspeitas recaíssem sobre um estudante expulso da academia de Hólar por golpear o bispo diocesano durante a ceia de Páscoa: um tal Thórólfur Thórðarson, também conhecido como Láfi, o Mago. Aquela foi a primeira vez que Láfi cruzou meu destino. Pois, se ele não tivesse sem querer, daquela forma, juntado meu destino ao de Sigga, e se não tivéssemos de ser gratos a ele por nos conhecermos, ela jamais teria permitido que eu fosse a Snjáfjallaströnd, no norte da Islândia, para ajudar Láfi a exorcizar um fantasma. Para ser bem franco, até então eu tinha tido pouca consideração pelo sexo oposto, cuja companhia eu julgava banal e chata. E tudo indica que a recíproca era verdadeira. Elas se entediavam com minha filosofia e eu me entediava com toda aquela conversa sobre tarefas do lar, mantimentos, criação dos filhos ou como quer que se chamem tais futilidades em torno das quais a vida delas orbita. E é claro que se murmurava que

eu era imprestável para o casamento com as mulheres. E daí? Os outros jovens podiam ficar aliviados, pois eu não competiria com eles pela mão das moças. Entretanto, isso não os impedia de solicitar que eu fornecesse a eles poemas cheios de emoções ardentes pelo sexo oposto. Quanto à moça de Bakki, ela não apenas entrara na puberdade, mas também, segundo diziam, desenvolvera um estranho interesse por corpos celestes. Aquilo era música para meus ouvidos. Então, não sosseguei enquanto não vi com meus próprios olhos aquela moça peculiar. Foi na primavera do ano de 1598, no dia 7 de março. Como não me lembrar disso? Foi naquela primavera que o eclipse enlouqueceu homens e animais. Quando cheguei a Bakki, dei a entender que estava a caminho de Hólar para devolver um livro pertencente ao bispo e que fora emprestado a mim e levava o *ex-libris* do mártir do verdadeiro cristianismo, o decapitado nosso senhor Jón Arason. O livro continha algumas fábulas gregas retratando animais, de autoria do sábio contador Esopo, vertidas para o latim e ilustradas com figuras divertidas de feras irracionais em situações humanas. Compêndio frívolo saído do paganismo oriental, era um salvo-conduto válido para minha pesquisa de campo em Bakki. Eu efetivamente levava o livro, caso alguém perguntasse por ele, e estava pronto a exibi-lo a homens dignos de confiança, se necessário. Fui recebido de forma hospitaleira e generosa, apesar de a tristeza imperar naquela fazenda: o pai do proprietário havia morrido recentemente, e o corpo ainda era velado no andar de cima. Fingi ser apenas um viajante comum de passagem pelo fiorde com a missão mencionada, nada em mim denunciando que eu fora até lá ver com meus próprios olhos aquela comovente moça ensandecida com sua fixação pela lua. Deram-me do bom e do melhor para comer e beber. Aquela gente boa me achou divertido e ouviam em agradável silêncio meus poemas e minhas descrições da natureza. Com efeito, eu adequava o

conteúdo do que recitava à residência em que um cadáver se encontrava no salão. E ninguém achava estranho que eu conversasse com as mulheres na cozinha, como fizera tempos atrás. Lá dentro era como de costume; de fato, mesmo os reis vêm e logo se vão, mas o fogo de uma cozinha está sempre presente, imutável, assim como a comida e as fofocas. Supus que a moça com a lua na cabeça teria algum afazer ali mais cedo ou mais tarde; então, enquanto esperava, atendi a uma ou duas velhotas e apalpei outras três ou quatro, pois elas haviam me dado permissão outra vez, já que nenhuma delas imaginava que eu me aproveitaria de alguma forma daqueles toques – embora elas mesmas gostassem. Além disso, arranquei um molar apodrecido da mais velha de todas, que, para minha surpresa, era a mesma que me havia me provocado com suas palavras havia mais de uma década. Ai, por que o Onipotente permite que a centelha de velhotas imprestáveis persista a tremeluzir, ano após ano, nove vezes nove anos, enquanto sopra de súbito e sem misericórdia aparente a luz recém-acesa dos nossos próprios filhos? Trata-se de um pensamento vil que já ocorreu a todos que alguma vez sofreram uma perda e que se perguntaram, no desespero: “Por que ele?”, “por que ela?”, “por que não esse?”, “por que não aquele?” ou “por que não o outro?”. Eu mesmo não consigo deixar de me fazer essa mesma pergunta! E de uma coisa tenho certeza: aquela velhota ainda vive, com cento e quatro anos de idade, e acha isso a coisa mais normal do mundo, apesar de não servir para mais nada e nada mais lhe proporcionar alegria. Mal o molar fora extraído de sua gengiva, ouviu-se enorme agitação naquela fazenda, gritos e alaridos, e todos começaram a sair das casas. Eu e as velhotas nos levantamos e logo um peão surgiu na cozinha, se atirou de joelhos e punhos no chão e começou a gritar, enquanto abria caminho entre a barra do vestido púido da mais antiga das velhotas.

— Ele está apagando! É, sim, ele está apagando!

* * *

LOANDRO: erva venenosa que cresce às margens do rio Lagarfljót, entre a turfeira de Grænamór e o lido de Jórvíkurrími. O gado que come dessa erva morre imediatamente e incha. Quando friccionado, o loandro ganha um tom verde-amarelado e torna-se um tanto viscoso.

* * *

Foi sob o fogo fátuo do eclipse que meus olhos viram pela vez primeira minha futura esposa. No instante em que o sol se encontrava partido ao meio, Sigríður capturou a minha atenção com seu olhar. E aqueles olhos eram como um porto seguro no centro da tormenta de loucuras que assolava a fazenda. Eu estava tão indefeso quanto os cães ladrando, os gatos sibilando, os corvos voando rente à terra, as vacas vacilando desorientadas pela campina e me sentia tão miserável quanto os demais, tão afetado pela dúvida de quais desgraças aquele eclipse deixaria em seu rastro, que horrores ele prenunciaria, que morticínios, que pragas diretamente do oceano atordoariam nossa ilha, que descontroles, que sandices. E tão em pânico quanto os que corriam aos prantos pelo terreiro, caíam de cara no pavimento enlameado, rasgavam suas roupas e arrancavam os pelos do corpo que conseguiam agarrar, muitos deles vomitando enquanto recitavam a palavra de Deus. Sim, eu estava tão perplexo que tremia até mesmo o tutano do menor dos meus ossos como as asas da mosca-das-frutas – eu era um homem impotente, em meio àquelas cenas descritas nas palavras do apóstolo Marcos e nos sermões da Sexta-feira Santa dos pastores, que ardiam em nossa mente como se marcadas por ferro em brasa: os últimos momentos do nosso Salvador, a nona hora, quando a terra escureceu em pleno dia, quando Ele, em seu tormento, duvidou da presença do Pai

misericordioso. Se naquela hora até mesmo Seu filho favorito e abençoado foi tomado pelo medo, como nós, humanos e pecadores, poderíamos não enlouquecer de medo? Pois loucos de medo estávamos. Todos, menos Sigríður. De dentro da casa, ouviu-se o grito:

— Milagre! Milagre! Ele se levantou outra vez!

Logo em seguida, três homens saíram carregando o cadáver do ancião. Os membros maculados do defunto chacoalhavam de um lado para o outro, fazendo com que o corpo parecesse erguer as mãos esqueléticas ao céu, com a cabeça jogada para trás e a mandíbula escancarada, deixando a língua arroxeada inchada à vista de todos. Não era preciso ser um excelente médico para ver que aquele corpo estava tão completamente morto quanto antes. As pessoas começaram a se juntar em volta dos três homens e daquele boneco macabro. Um deles segurava o cadáver pela nuca e pelo braço esquerdo, o outro, pelo meio do torso e pela mão direita, o terceiro e mais robusto deles estava parado atrás do morto, envolvendo a barriga inchada com as mãos e erguendo-o de forma que parecia que ele saltitava na direção em que eles queriam: até o teto da casa principal da fazenda. Eis uma das formas em que a insanidade pode se manifestar: as pessoas coordenam seus atos para fazer coisas de que não tinham conhecimento – tampouco tinham a intenção de fazer antes de serem tomadas pela loucura. Passado esse momento, não sabem explicar como foram capazes realizar aqueles feitos que, na loucura transitória, pareciam fáceis. Enquanto os peões subiam ao teto com o cadáver do patriarca, eu e Sigríður nos afastamos um pouco. Com aquela iniciativa, ela me livrou de tomar parte naquele embuste. Sem tirar os olhos de mim, deu o primeiro passo e pegou minha mão; quando meu olhar parecia querer se desviar para observar aquele comportamento irresistivelmente contagioso dos demais, ela me seguiu, deu outro passinho para o lado, de forma que eu olhasse para ela, não para os outros. Foi assim que

ela me atraiu, pouco a pouco, rumo a sua serenidade, até conseguir me afastar dali. Quando estávamos a uma distância razoável da fazenda, ela me disse que outro eclipse estava para acontecer, apesar de não saber exatamente quando, claro, mas que não havia de tardar. Meus passos se detiveram, minha boca secou e um suor frio banhou meu corpo inteiro. Ela sorriu para mim e pediu que eu a acompanhasse até ficarmos escondidos atrás das casas da fazenda, onde aquele bando enlouquecido pisoteava o teto de turfa amarelada pelo inverno, erguendo o cadáver contra o céu acinzentado. Lá abrigados daquele espetáculo, ela indicou que eu me sentasse e depois fez o mesmo à frente, no chão nivelado. Então, encheu as mãos de pedras e começou a dispô-las no chão como um sistema solar: primeiro, colocou a pedra maior ao centro e chamou-o de Terra; depois, dispôs a Lua e o Sol; então, os cinco planetas, com eles alinhados. A seguir, começou a movimentar os corpos celestes ao redor da Terra conforme as órbitas conhecidas, até que Sol e Lua ficaram frente a frente.

— É assim que o eclipse lunar acontece.

Com um ramo verde de urze, ela traçou os raios do Sol em direção à Terra para mostrar como, devido à posição, nosso planeta devia lançar sombra sobre a Lua. Depois, contou com os dedos algumas vezes, enquanto sussurrava baixinho os meses e uma série de números. Estava calculando quando o próximo eclipse lunar se daria, então me contou:

— Você vai ver, não importa em que parte do país estiver, vai ver que é verdade... Isto é, se o clima permitir.

— Depois, Sigríður voltou a mover as pedras, enquanto dizia com a suave voz de moça: — Por sua vez, eclipses solares são impossíveis de prever com precisão, apesar de podermos afirmar que eles ocorrerão após determinado intervalo, mais ou menos. Já fazia algum tempo que eu aguardava por este.

A essa altura, eu já prestava mais atenção nos lábios dela e em como eles se moviam do que propriamente nas palavras por eles proferidas. Aproximei-me para vê-los melhor. Sigríður se calou e pegou um pedaço de vidro azulado no bolso do avental, levou-o até a altura dos olhos e mirou o Sol. O canto dos pássaros cessou, o latido dos cães se silenciou, as pessoas sobre o teto de turfa pararam de agitar o cadáver, uma calma cobriu a comarca e, de repente, senti frio. Bem acima da Terra, a sombra da Lua inteira se sobrepôs perfeitamente ao redor do Sol e, naquele mesmo instante, algo perfeito surgiu em mim. Nenhum de nós dois desviou o olhar quando o telhado cedeu ao peso daqueles que carregavam o cadáver e desabou, em meio a um estrondo tremendo. Nossa vida mental, minha e de Sigríður, se converteu num só diálogo contínuo sobre a origem das estrelas, a natureza da Terra e do mar, o comportamento dos insetos e das baleias gigantes; apesar de não ser travado em hebraico nem na língua dos anjos, como no caso de Adão e Eva, ainda assim era nossa ode à criação. Varávamos madrugadas dissecando os maravilhosos enigmas da luz e da sombra. O que acontece com a sombra de tua mão quando minha sombra a encobre? Elas se tornam uma única sombra? Ou será que tua sombra desaparece por um instante? Se for o caso, onde ela vai parar? Podíamos sustentar conversas desse gênero por dias a fio, mas já não é mais assim. Pois ela se calou quando meus inimigos, já não satisfeitos apenas em me injuriar, começaram a perseguir nosso filho, o reverendo Pálmi Guðmundur. O jovem foi privado de seu hábito e de sua vocação. Agora ele é forçado a vagar como indigente de fazenda em fazenda, acompanhado pela esposa quase sempre grávida – nisso, infelizmente, não muito diferente do pai. Sinto-me tão desolado quanto Sigríður com o fato de minha resistência de pouco nos ter valido.

* * *

DIÁDOCO: pedra que possui diversas propriedades naturais. Quando colocada na água, vários espíritos nela aparentemente se manifestam em forma humana, permitindo fazer a eles as perguntas desejadas. A pedra já foi encontrada na Islândia. Exemplo: uma vez, quando morávamos em Uppsandar, minha esposa Sigríður caminhava pela praia ao sopé de uma montanha conhecida como Fellshraun. Sobre uma rocha plana em que as ondas se chocavam e formavam espuma, ela viu alguma coisa esférica flutuar em uma poça. Ela pegou aquilo, que lhe pareceu ser uma pedra mágica. Havia um ponto rosado bem no centro da metade superior, uma faixa vermelha a circundava, e a metade inferior, que estava submersa na água, parecia ser verde. Ela levou a pedra a uma poça menor, onde a colocou. Então, viu incontáveis figuras humanas aparecerem na água. A seguir, lembrou-se de ter me ouvido ler algo a respeito daquilo, pensou rapidamente e quis colocar a pedra em uma de suas luvas para trazê-la a mim. Porém, antes que conseguisse colocar o diádoco na luva, ele caiu sobre a rocha com um estrondo enorme e sumiu de vista. Sigríður nunca me contou o que foi lhe revelado pelos espíritos, mas desconfio que tenha lhes perguntado sobre o futuro.

* * *

Ah! Bem que Sigga enfatizou que eu não encontrasse Thórólfur no oeste da Islândia. Oh, ela tinha razão ao dizer que era o demônio da vaidade que me provocava. Eu queria aumentar meu renome, foi o que eu disse, para que outros se interessassem em pagar por meus serviços. Como eu era praticamente autodidata, precisava provar do que era capaz. Alguém que consegue exorcizar um fantasma tão perverso não seria páreo para qualquer pastor que dele se aproxime e haveria de se tornar valioso quando os prodígios do ocaso chegassem ao cúmulo e Deus derramasse sua ira sobre a raça humana. Lembro-me de ter dito isso, ao que ela respondeu:

— Mas você não vai prestar favores justamente para os cordeiros que Deus sacrificará?

De fato, é provável que tenhamos discutido isso depois. De toda forma, ela concordou que eu fosse, afinal, fora graças a Láfi, o Mago, que tínhamos nos conhecido. No trajeto para o oeste do país, passando pela costa de Snjáfjöll, a coleção de imagens ficou gravada em minha mente – aquele álbum de viagens que está sempre aberto diante de meus olhos quando comparo o cenário piedoso e benevolente que meu avô Hákon esboçou em suas histórias com aquele em que nasci: um mundo em que as boas ações de nada valem e gabar-se das próprias virtudes garante a malfeitores notórios um lugar aos pés do Cristo ressuscitado. Nas bocas as línguas maldizentes se agitam, enquanto os frutos murcham nas videiras. No trajeto rumo ao oeste, segui pela estrada principal que circunda o país, caminho que a população comum assentou com idas e vindas, com o sol incidindo nas praias desta ilha, uma estrada sem fim nem começo, como todos os círculos. O que compele essa multidão maltrapilha de um canto ao outro do país? Mendigar para ter o que comer e o que vestir, é claro. Para sentir a quentura de outra coisa além das próprias mãos. Para viver a compaixão. Para ser peregrino, não um estorvo na própria casa. Para desfrutar de uma pequena amostra do que há de bom na Terra. Por tudo isso. Sim, para ser um filho de Deus entre filhos de Deus, nem que seja nos raros dias que duram os festejos religiosos. Aquilo aconteceu um pouco depois da bendita Páscoa. Um feriado que perdeu o sentido agora que a Quaresma já não tinha lá muita importância e as pessoas devoravam tudo o que aparecesse diante de si. Restos putrefatos de carne se deixavam ver, como enfeites de Natal, entre os dentes dos paroquianos quando eles bocejavam no meio do sermão da Sexta-feira Santa; uma gengiva inchada e vermelha onde os vermes começavam a escavar. Ainda assim, não se davam ao trabalho de palitar os dentes; em vez disso,

sugavam e lambiam aqueles restos com a ponta da língua, acalentando a dor cortante nos nódulos inflamados, suspirando quando o pus escorria entre os molares, levando consigo os restos de carne até o fundo da boca, um verdadeiro molho sobre aquela iguaria putrefata. Mas nem todos tinham o privilégio de passar a Páscoa com a boca cheia de petiscos desse tipo. Cordeirinhos de Deus, cordeirinhos de Cristo, cordeirinhos de São Pedro. Houve uma época em que os mendigos itinerantes que assentam as estradas sabiam onde aqueles cordeirinhos de nomes tão belos eram mantidos e em que época do ano podiam ser encontrados. Aqueles pobres famintos circulavam sem parar pelo país, como as estrelas do céu no arco sideral do globo terrestre. Ah, sim, quando Sveinn Hráki protegeu os olhos com as mãos e olhou na direção de Gaulverjabær, no distrito de Flói, ou Sigurgeir Perna de Pau estava em Eyjafirði, estreitando os olhos para se certificar de que faltava pouco para chegar a Laufás. Marcados por Deus para ser alimentos pascais ou assados natalinos, aqueles cordeirinhos com nomes tão festivos iam ao encontro dos necessitados, deixavam os estábulos, deixavam suas lãs, livravam-se de sua pele, felizes e gordos e sangrentos, e seguiam adiante, apesar de sua carne mudar de cor quando eram assados durante a marcha, desciam o monte de feno banhados na própria gordura derretida e aguardavam os convidados na encruzilhada, empertigando-se e rodopiando para que esses convidados admirassem seus pernis musculosos e tostados debaixo da gordura brilhosa e os quartos dianteiros, de onde o sangue jorrava e escorria por sobre o lombo. Então, voltavam à fazenda para que a multidão faminta os seguisse de boca aberta e com dentes arreganhados. No pátio, paravam e observavam aquele grupo de desgraçados por sobre os ombros, antes de se chacoalharem como se tivessem acabado de nadar, respingando a gordura de suas carcaças, formando um arco enorme, que caía como uma cascata sobre os rostos

daqueles necessitados, que corriam com a língua para fora, como crianças perseguindo flocos de neve que precipitavam do céu, lambendo e deglutindo aquela chuva de sebo e limpando as manchas de gordura de seus olhos e suas bochechas. De volta à fazenda, os cordeirinhos eram levados outra vez à cozinha pelos peões e pelas cozinheiras. E lá andavam de um lado para o outro, sobre as grelhas que o fogo lambia alegremente, com sua garganta ardente liberando fumaça e balidos de lamentação, anunciando que a bendita labuta logo teria fim, logo acabaria a jornada e eles subiriam às tábuas da mesa comprida do salão onde seriam acolhidos os andarilhos e as andarilhas, além de suas proles; ali seria o fim da linha, alcançando seu derradeiro propósito. Assim estaria consumado seu dever perante o Criador, pois ali andariam para as bocas escancaradas dos convidados do festejo e sacolejariam entre os dentes deles até que sua bela carne dourada se desprendesse dos ossos e a gordura cascadeasse da língua para a garganta de tais convidados. Mas aquilo só aconteceria na Páscoa, então, até lá, o Sveinn Hráki e o Sigurgeir Perna de Pau ainda teriam de jejuar como seu Salvador e comer peixe seco com manteiga. Nisso também havia algo de abençoado, algo de devoção e de participação na encarnação terrena da divindade. Porém, quando fiz a jornada até Snjáfjallaströnd, já havia muito desde aqueles dias. A multidão descalça já não era convidada para banquete nenhum, nada de pernis suculentos de cordeiros consagrados aos santos nem de pele de hadoque seco, tampouco abrigo para seus corpos ou luvas para suas mãos geladas. Longe disso. Agora imperava o salve-se quem puder: só havia o estilo de vida libertino, e tudo aquilo que alguém conseguia era apenas para si próprio, sua família e seus agregados. Os demais, que pastassem aquilo que restasse no chão congelado! Era o que lhes cabia fazer. Quando eu estava chegando à casa principal de uma fazenda, que antes era governada segundo o

almanaque de Deus, fui testemunha de uma cena desumana: cadáveres de mendigos jaziam à beira da estrada – a pele, desgastada pelo relento, em volta dos ossos de velhos e crianças. Os corvos e as raposas tinham roído cabeças e mãos, arranhado e destroçado farrapos de roupas e se saciado com a carne esquelética daqueles miseráveis. Sim, eis aí que, não importa se te sentas nos assentos mais altos ou nos mais baixos, se és um guerreiro robusto no campo de batalha ou um novilho descarnado, quando acaba teu tempo nesta Terra, serás um saco de pele sem conteúdo: tua alma terá partido, e sem ela não passas de mero invólucro de couro e ossos, nem mais nem menos.

* * *

MONSTROS MARINHOS: deles, nada digo, pois não li muito a respeito, apesar de ter visto um bom número deles, até que sumissem de nosso país na penúria do terrível inverno sangrento do ano do Senhor de 1602, que os habitantes dos fiordes ocidentais chamaram de “inverno do suplício”, e os demais habitantes da Islândia, de “inverno da clava”.

* * *

Láfi, o Mago, não era magro nem passava fome. Tinha pernas curtas, quadril bem largo e ombros caídos desde jovem, bochechas gordas, cabeça redonda com vivos olhos azul-celeste e cabelos negros que sempre pareciam molhados, pois costumava untá-los com óleo de fígado de bacalhau. Tinha o humor tão leve que seu comportamento beirava a tolice. Durante suas caminhadas, ele estalava os dedos e assobiava, depois girava de repente sobre os calcanhares, batia palmas e dizia “oi, oi, oi, cara de boi!” ou outra besteira do tipo. Ele era divertido e versado em poesia, o que lhe era de muita serventia no trato com os

fidalgos daquelas terras do oeste, cuja simpatia assim ele conquistava. Isso lhe ajudava a oferecer seus serviços, que consistiam principalmente em lhes fazer companhia durante viagens, contar piadas e compor versinhos cômicos sempre que alguma oportunidade se apresentasse. Além disso, preparava cataplasmas quentes para curar inchaços, aplicava-lhes sangrias, barbeava-os e chamuscava-lhes os pelos das orelhas. Por último, mas não menos importante, estava sempre alerta caso algum bandoleiro pretendesse assaltá-los ou tentasse passar adiante mercadorias da pior qualidade. Naquela ocasião, Láfi me chamara para ajudar a dispersar um fantasma que andava aterrorizando toda a região de Snjáfjallaströnd. Tratava-se de um espírito tão astuto que Láfi tinha desistido de encará-lo sozinho. Acreditava-se que era o fantasma do filho de um reverendo que fora brutalmente maltratado pelo pai e pela madrasta, que o espancavam e zombavam dele. Por fim, mandaram-no, durante uma terrível tormenta, recolher ovelhas que não corriam risco nenhum, pois estavam reunidas em uma gruta que havia na montanha, ao pé da qual a propriedade se encontrava. Como o peão da fazenda desistira de levá-las de volta, o reverendo fez questão de que seu filho mostrasse à vizinhança que era mais viril que todo o resto. Não fez aquilo de má-fé, já que tanto o peão quanto o filho do reverendo estavam enamorados da mesma criada, e todos percebiam que ela preferia o primeiro, pois tinha um aspecto mais rude e mais barba na cara. Já o filho do reverendo era um rapaz delicado, que andava a passinhos miúdos e era tão imprestável para os trabalhos braçais quanto para os espirituais. Era profundamente apegado à finada mãe, a quem outrora ajudava nas tarefas de costura. Naquela ocasião vestia diversas camadas de casacos, calçava botas pesadas, tinha a cabeça coberta por um chapéu de pele de urso-polar e um curto bastão recoberto de aço na mão direita. Foi com essa indumentária que ele partiu, com suas pernas longas e na

ponta dos pés, sobre a neve congelada. As pessoas fizeram piada da forma burlesca como ele andava naquele dia, erguendo as pernas bem para o alto, fazendo com que levasse quase um dia inteiro para chegar ao topo das colinas, trecho que um sujeito normal não gastaria mais de duas horas para percorrer. Ali perderam-no de vista, e pouco depois ele caiu de um penhasco, fraturou a perna em três pontos diferentes e morreu congelado. Não tardou para que voltasse e se vingasse do pai e dos vizinhos. Tornou-se um dos fantasmas mais notórios de que se teve notícia naqueles territórios, tendo muita gente sido vítima de seus golpes e suas pedradas, já que ele ficava à espreita dos transeuntes na escuridão do inverno. Caso uma lamparina se apagasse em uma sala de jantar durante as refeições, apressava-se em lambar os pratos de madeira antes que as luzes se acendessem novamente. Não menos intolerável era sua predileção por apalpar os fundilhos das mulheres ou dar pontapés nas partes íntimas dos homens, o que fazia com intenção de esterilizar aquelas terras para que ficassem abandonadas. Ele tinha acertado um pontapé tremendo no meio das pernas de Láfi, esmagando um dos testículos como um mirtilo entre os dentes, o que tive a oportunidade de comprovar com meus próprios olhos e dedos. As tentativas de Láfi para exorcizar o fantasma do filho do reverendo não tinham surtido efeito. Nos primeiros meses que se seguiram a esse ataque, ele tinha diminuído um pouco a atividade, raramente hostilizando alguém, ainda que se fizesse ouvir por vezes, uivando pela chaminé das cozinhas. Porém, quando o verão chegou e o monstro decidiu jogar de cara no chão um jovem que recolhia ovelhas e arrancar-lhe as calças, Láfi se deu por vencido. Uma assombração que não precisava se abrigar nas trevas para cometer tais atos malignos estava acima de suas habilidades. Por isso, resolvi lhe ajudar a mandar aquele cadáver de volta às profundezas da terra – para onde aquela alma penada iria depois já não era de nossa conta.

Láfi ficara de receber algum pagamento por aquela caçada ao fantasma e o dividiria comigo. Tínhamos um bom suprimento de comida e bebida e éramos tratados com toda a hospitalidade na residência pastoral em Staður. Além disso, como naquele ano o tempo estava excepcionalmente bom, passamos a maior parte do verão ao ar livre, acampados em uma barraca que Láfi conseguira com um baleeiro espanhol. Começamos a caçada indo de fazenda em fazenda perguntar se o espectro tinha aparecido ali e, em caso positivo, como se comportara. Éramos recebidos de braços abertos e, em troca, divertíamos as pessoas com cantigas e adivinhas, além de histórias que eu contava sobre o povo de minha região distante. Foi naquela expedição que compusemos os “versos ornitológicos”, hoje conhecidos por todos. Naqueles dias e noites ensolarados em Snjáfjallaströnd, ambos pensávamos como um só. Foi Láfi quem começou o poema, compondo as três primeiras estrofes, nas quais esgotou seu estoque de nomes de pássaros, encontrando-se em um impasse quando eu lá cheguei. Nas caminhadas de fazenda em fazenda, juntos fomos recitando e compondo os demais versos. Ele apresentou para mim aquele início que tinha arranjado com alguma destreza para que eu pegasse a métrica, na qual entrei como uma língua nas órbitas tenras da metade de uma cabeça de ovelha bem fervida. Compúnhamos durante horas a fio, fazendo revoar um pássaro depois do outro, e encontramos espaço para todos eles na nossa ode passarineira. Uma vez que, no verão, o dia e a noite se fundiam em uma só coisa e não estávamos à mercê do calendário de ninguém, não fazíamos pausa quando tomados pela inspiração, à qual nos entregávamos, deixando que nos conduzisse às esferas mais elevadas da arte poética, que alguns chamariam de êxtase poético, mas que não é nada mais do que um estado delirante de felicidade, que faz com que os homens sob sua influência se mexam com movimentos rápidos e espasmódicos de

seus membros, tenham ataques de riso e se alvorocem, por exemplo, pulando a esmo e gritando palavras na direção do céu azul, ora a oeste, ora a leste, a terceira à frente, a quarta para trás, a quinta acima e a sexta terra abaixo, e depois se deixem cair sentados pesadamente ao solo, como se fosse para segurar lá embaixo os diabinhos que eventualmente poderiam erguer a cabeça em reação àquela mensagem inesperada, terminando ali sentados com toda a firmeza, balançando-se de um lado a outro, resmungando disparates e, ao mesmo tempo, fazendo malabarismo com aquelas seis palavras, até que elas formassem um semiverso concluído e bem inserido. E assim seguimos, até desfalecermos com um verso incompleto nos lábios, dormindo onde quer que despencássemos, muitas vezes até bem depois do meio-dia. Infelizmente, nem sempre era assim, e a maioria dos versos foi composta em conversas como as inúmeras que tomam lugar entre os eruditos. Cheguei mesmo a intrometer no poema nomes de algumas espécies de pássaro de outros lugares, das quais Láfi nunca tinha ouvido falar, como o nobre pelicano, que aninha os filhotes no próprio bico, alimentando-os com o próprio sangue, e o papagaio, aquela ave babilônica, que fala todas as línguas da Terra. Quando ele contestou a existência daquelas criaturas, assim respondi aos questionamentos:

— Quem pode dizer que elas não vieram até nossas praias alguma vez, impelidas por ventos tempestuosos ou até mesmo na bagagem de algum daqueles capitães de navios estrangeiros que constantemente aportam em nosso litoral, carregando as mercadorias mais extraordinárias? De fato, achas que alguém que nos surpreendesse em nosso delírio consideraria mais inconcebível ouvir um pássaro azul-celeste de asas vermelhas tagarelar em latim do que saber que aqui nesta terra vivem homens como nós?

— Sim, eu acho... — respondeu Láfi. — Mas certamente não existe essa avestruz, algo entre pássaro gigante que não voa e um arbusto.

A coisa progrediu de tal forma que, quando chegamos à praia em que o espectro mais importunava, compusemos a última estrofe. De fato, é bastante improvável que a minha língua estivesse tão afiada como de fato esteve quando nossos caminhos se cruzaram – o meu, Jónas, o Erudito, bem vivo, e o dele, fantasma do filho defunto do reverendo Jón – se eu não a tivesse exercitado com a composição dos versos ornitológicos durante a semana anterior.

* * *

Onde foi que encontramos o jovem fantasma? Bem, estávamos dormindo numa campina ao pé de um penhasco escuro, conhecido como Hafsteinn (também conhecido antigamente como Hófsteinn, Hofsteinn ou Hásteinn). Até achei que receberíamos a visita de outros habitantes sobrenaturais daquele rochedo escuro antes do fantasma, esse que faria o trajeto desde sua tumba enregelada para vir nos atacar. Estávamos desacordados depois de um de nossos êxtases poéticos quando fui desperto por algo deslizando entre o cascalho logo acima, na parte leste do penhasco em que estávamos. Era como se algumas pedras tivessem sido deslocadas por algum pé e rolado até o fundo cheio de pedregulhos, fazendo um estrondo enorme. Imaginei que uma raposa caçasse pela encosta, voltei a fechar os olhos e aguntei firme, na expectativa de que o bicho concluísse o passeio no rochedo. Porém, quando não ouvi mais nada, achei melhor dar uma espiada para ver quem era o viajante. Prendi a respiração e escutei atentamente. Durante algum tempo, não se ouvia nada além de pios dos ostraceiros recém-acordados, que andavam pela praia na enseada

mais abaixo. Então, ouvi passos cautelosos sobre a rocha coberta de musgo na parte da encosta logo acima de onde estávamos. Soube imediatamente que era o fantasma que viera a nosso encontro, pois nenhuma criatura mortal seria capaz de percorrer com um único passo do alto do penhasco até o urzal onde eu e Láfi nos encontrávamos. Imaginei que o fantasma tinha um dos pés na rocha ali em cima e o outro na rocha coberta de musgo, formando um “V”, como um osso da sorte. Esperei, e a coisa fez o mesmo. Eu respirava com cautela, totalmente em silêncio. Então, ouviu-se um estalo quando o fantasma levantou o pé que estava no alto da encosta e bateu com ele contra o pé que estava na rocha coberta de musgo, joelho contra joelho, em um choque que teria sido doloroso para um ser vivente. O morto, por sua vez, não emitiu um pio sequer. Aquele estalo fez Láfi despertar. Ele levantou a cabeça do solo, ia começar “que foi? que foi? que foi?” ainda sonolento, mas eu fiz um sinal para ele ficar calado. Ele obedeceu e se virou para mim, para que eu pudesse indicar com gestos o que estava se passando. Mexíamos o mínimo possível, virando a cabeça com toda a cautela na direção daquele canto do penhasco sobre o qual o demônio estava a postos. Tive a impressão de ver uma sombra com forma humana se mover lá em cima, mas era evidente que o espectro estava aguardando e também nos observava. Naquele momento, a paciência dos jogadores era posta à prova. Em geral, os desencarnados são mais persistentes que nós, viventes, sendo a melhor demonstração disso a maneira como jazem quietamente nos túmulos enquanto nós pulamos para todos os lados como camundongos silvestres apavorados, tremendo de cima a baixo nos raros instantes em que conseguimos ficar parados, ora como uma ratazana, ora mais como um rato doméstico que conseguiu escapar do gato e se enfiar na toca da parede, mas que continua acompanhando o barulho dos movimentos do gato, na esperança de que ele desista e vá embora, mesmo que não tenha certeza se o

gato continua lá ou se já se foi, pois os felinos também sabem ficar parados, imóveis, sem que as articulações fiquem enrijecidas. Ou seja, eu e Láfi podíamos contar como certo que o filho defunto do reverendo Jón levaria a melhor naquela batalha, que é ganha por aquele que sabe esperar mais do que o rival. Vi Láfi suspirar, e seus olhos giravam do penhasco até o céu, mas aguentei firme e aguardei. Até que o momento chegou, numa terrível visão que durou um único instante, como quando vemos o semblante de alguém com quem compartilhamos um cômodo, que paira como uma máscara arroxeadada diante de nossos olhos quando sopram a vela para apagá-la: um, dois, três... sumiu. Foi assim que a cabeça horrenda do espectro apareceu e desapareceu quando torceu o pescoço ao redor da parede rochosa e fitou meu rosto. A pele branca, com uma mancha cadavérica do tamanho da palma da mão, que ia da têmpora até o canto direito da boca, as bochechas putrefatas, os cabelos caídos como garras sobre a testa e, abaixo, os olhos arregalados e vermelhos. O jovem desditoso escancarou sua bocarra, cujos dentes estavam quebrados até a raiz ou afundados pela queda sobre a rocha que causara sua morte. Ele estalou a língua ruidosamente e sumiu assim que Láfi olhou em sua direção. O Mago olhou para mim e começou a ofegar e choramingar de medo, pois aquela visão estampara tamanha expressão de pavor em mim que fora mais que o suficiente para ele se acovardar. Naquele momento, entendi o porquê de ele não se sentir capaz de lidar com aquela tarefa sozinho. Porém, antes que eu conseguisse seguir essa linha de raciocínio e antes que Láfi parasse de chorar, o espectro nos atacou. O cadáver do filho defunto do reverendo saltou para o topo do rochedo, onde ficou de cócoras, abaixou as calças até mostrar os fundilhos e, antes que nos esquivássemos, ele expeliu sobre nossa cabeça uma torrente de quase todo o tipo de imundices humanas: a escória de homens e de gado, fezes humanas e estrume de cavalo, excremento de

ovelhas, ovos podres e ossadas de animais, carcaças de aves cheias de vermes, vômito de recém-nascidos e vísceras de peixe, farrapos dos mortos e todo o tipo de supuração e corrimento humanos. Enquanto aquilo tudo chovia sobre nossas cabeças, nos levantamos e erguemos as mãos para nos protegermos daquele dilúvio diabólico, que continuou por algum tempo, mesmo depois de corrermos dali até o charco. Minha lente de leitura foi soterrada naquela assombrosa montanha de esterco e nem eu nem Láfi nos animamos a recuperá-la. Levaria anos até que eu conseguisse outras lentes tão úteis como aquela, e nem vou falar o quanto isso retardou minhas pesquisas científicas. Do alto do rochedo, o espectro lançou um grito lancinante, quando terminou de obrar. Podemos dizer que o sol brilhava em um céu sem nuvens nos pântanos naquele dia, enquanto estávamos encharcados por aquela cascata repulsiva e o charco exalava seu melhor odor naquele maravilhoso dia de verão? Eu mesmo fedia como um arrote de defunto. Tiramos as roupas às margens do primeiro riacho que encontramos e lavamos toda aquela imundice delas e de nós mesmos. Enquanto as roupas secavam, tomamos o desjejum e pensamos em como agir. Aquele fantasma desnaturado claramente se encontrava fora de controle e não estava sujeito às leis dos homens nem às leis celestiais, pois não havia sido despachado do reino dos vivos nem acolhido no reino dos mortos, como deveria. Precisávamos deixar claro para o fantasma qual era a situação dele, agora que havia morrido de vez.

— Para isso, acho que o melhor a fazer é usar o exorcismo que os padres do tempo do catolicismo conheciam tão bem, ou seja, narrar ao fantasma a história do mundo, dos seres sobrenaturais e dos homens, tanto dos bons quanto dos maus. Dessa forma, ele saberá onde ele mesmo se enquadra no grande desígnio criado por Deus e há de entender que está no lugar errado. Pois como é que um defunto pode enxergar a diferença entre si e

nós, os vivos, se ainda consegue andar e é capaz de participar de pelejas e fazer traquinagens? E como pode saber que não é um duende, se tanto os duendes como os fantasmas vivem à parte da sociedade? Como pode saber que não é um tronco de madeira encalhada, se sua própria carne também é pútrida e malcheirosa? E que não é um cão perdido, se ele também é enxotado por toda a gente? Ou uma pedra que rola pelas encostas das montanhas e da qual as pessoas se esquivam? — Então, continuei, com determinação: — Temos que encontrar um local de descanso apropriado para esse fantasma, precisamos encontrar a prateleira certa para ele no museu de fenômenos deste mundo, colocá-lo lado a lado com seus iguais para que tanto ele como os que por ele passem saibam qual é sua natureza; assim, nem ele nem nós seremos mais assolados por todo esse medo e esse sofrimento. Pois só é possível controlar uma coisa depois que ela foi devidamente classificada.

Sim, eu e Láfi mostraríamos ao cadáver do filho do reverendo como o mundo gira e qual era o lugar dele aqui; depois disso, ele encontraria seu caminho até a porta certa: a tampa do seu caixão. Para que aquilo desse certo, eu precisaria enfrentá-lo. Láfi revirou os olhos para o lado e franziu as sobrancelhas a fim de me alertar que o fantasma se movia furtivamente atrás de mim. Girei sobre os calcanhares. Sim, ali estava ele, pútrido e horrendo. Então, comecei o encantamento:

*De Jesus, o sangue e a paixão
são, de nosso sofrer, redenção
e se interpõem entre mim e tu
e teu obscuro poder, espírito...*

E prossegui:

*Há horas refregamos a esmo,
eu, humano, e tu, abentesmo,
mas possa agora essa conjura
debelar tua alma impura...*

Nisso, a mandíbula inferior do espectro bateu com tanta força contra a superior que os incisivos se quebraram até a raiz. Não que ele pudesse ter respondido ao desafio, pois sua língua já estava apodrecida demais, mas ele ainda conseguia urrar e cuspir. Porém, aquela algazarra ali mesmo teve fim, apesar de a garganta dele ainda crepitar e de gemidos encontrarem uma forma de sair por seu nariz. Ele se queixava daquele encantamento, do qual, quanto mais bem composto e mais explícito, menos ele gostava. Enquanto eu o recitava, Láfi cuidou que eu me mantivesse a uma distância em que o fantasma pudesse me ouvir, pois nem preciso dizer que ele tentava escapar daquela lição de moral, como um cão sarnento tenta escapar de um banho, e se movia com uma agilidade irritante, pois ainda podia estender as pernas da maneira como descrevi há pouco. O cadáver fugia e não deixava de correr, salvo para se abaixar, pegar um punhado de pedras, de barro ou de estrume de ovelha ainda morno e arremessar na direção da minha cabeça, à medida que eu corria atrás dele e recitava o encantamento tão alto quanto meu fôlego deixasse, enquanto Láfi corria à frente dele, tentando atrapalhar sua marcha ou fazer com que ele se desviasse para trechos mais acidentados, onde tivesse que seguir mais devagar. Por fim, conseguimos conduzi-lo a um pântano, onde ele afundou em um atoleiro, até a altura do umbigo. Então, invoquei bem diante de seus olhos putrefatos a imagem daquela horda de demônios que caiu à Terra quando Lúcifer foi lançado do mais alto firmamento. Eram tão numerosos quanto as centelhas incandescentes que há em um raio de sol – sua malevolência fervilhante em busca de algo em que pudesse se agarrar – ou quanto as gotas de chuva que caem durante um dilúvio de nove dias ininterruptos. Consolei-o explicando que ele não fazia parte daquele grupo. Então, descrevi como os firmamentos sobem e descem ao ritmo da lua, três em sequência acima dela e três em sequência abaixo dela. Esses firmamentos são

habitados por espíritos aéreos de aspecto diverso, uns bem afeiçoados outros nem tanto, mas todos perigosos de encarar, devendo apenas ser enfrentados por sábios preparados, como eu e Láfi. Nisso, aquela carniça humana morta-viva se agitava feito um lobo numa armadilha, debatendo-se na areia movediça e tentando sair daquela charneca. Prossegui, agora me referindo ao próprio caso dele, contando como os espectros consistiam de corpos de pessoas mortas que tinham padecido de todo o tipo de percalço com seus iguais, que os cadáveres de desgraçados como ele mantinham suas portas bem abertas, pelas quais o diabo em pessoa podia adentrar. E ele assim o fazia de bom grado, assumindo o controle daquele corpo, montando naquele defunto como um cavaleiro cruel em seu cavalo, mas, no caso, o coração vingativo se transformava em uma sela infernal, e suas esporas eram cravadas nos pulmões putrefatos. Quando eu tinha, com isso, desmascarado o Senhor das Trevas que profanara o cadáver do filho do reverendo, foi como se todo seu fôlego se esvaísse. A carcaça despencou, os braços tombaram sobre os flancos, pendendo à frente, ainda presos no atoleiro, como um cavaleiro bêbado que dorme sobre o lombo da montaria, os cabelos emaranhados tremulando por obra da brisa noturna. Foi naquela posição que a carcaça começou a enrijecer, como apropriado a um cadáver como aquele. Um silêncio mortal cobriu a região, a brisa acariciava nossas bochechas, e achei que havíamos acabado com aquela cavalgada do tnhoso. Assim foi, por um tempo. Então, a boca do cadáver se escancarou e, de onde eu estava, vi que uma pinguícula minúscula, que crescia em uma moita ali perto, arremedava os movimentos daquele cadáver; seu cálice se abriu com um estalinho, deixando escapar o mosquito que aprisionara no mesmo instante em que o mundo se pôs em silêncio. O mosquito não ficara demasiado tempo imerso no suco digestivo, então, revoou, com um zumbido alto de desgosto, direto para

dentro da boca do cadáver. Com aquilo, a carcaça imediatamente se recuperou de sua rigidez. O diabo a tinha possuído outra vez, na forma de mosquito. O cadáver conseguiu se desprender do atoleiro e soltou um bramido tremendo, fugindo na direção da montanha, com a gente atrás dele. Mas ele estava tão exaurido depois de meu exorcismo que Láfi conseguiu alcançá-lo antes que ele se enfiasse completamente em uma fenda. Láfi agarrou-lhe pelas pernas e usou todas as forças para puxar o fantasma, que tinha enfiado metade de sua carcaça na fissura, tentando se agarrar desesperadamente a qualquer toco de raiz ou outra coisa ao alcance de suas mãos. Era evidente que aquele demônio violento queria ir para o lugar onde se sentia melhor: o inferno. Então, voltei a recitar e ordenei que largasse a alma do filho do reverendo para que Deus lá no céu pudesse julgá-la, pois apenas assim ele estaria livre para descer aqueles quinze círculos que separam o mundo dos homens e o inferno mais ardente, onde moram os diabinhos. Assim, ele cessou totalmente aqueles esperneios, e com isso nossa missão se encerrou. Puxamos o cadáver daquela fenda, limpamos a terra de seu rosto e, apesar de estar bastante roído pelos vermes e desfigurado, conforme já descrito, ele ainda tinha aquele semblante sereno comum às pessoas bem mortas. Eu e Láfi carregamos o jovem até a residência paroquial. O reverendo e sua esposa nos agradeceram aos beijos e aos gritos por termos exorcizado o ser diabólico que se infiltrara na alma do filho deles. Eu e Láfi recebemos a recompensa prometida, que não era grande coisa depois de dividida em duas partes, embora fosse mais do que suficiente, se levarmos em conta o renome que conquistamos com aquela façanha. Não ficamos para cear na fazenda, pois estávamos mais do que fartos da companhia daquele cadáver malcheiroso, então pegamos nossa merenda e fomos acampar na montanha com nossa barraca. Como era o dia mais longo do ano, e aquela seria a última noite que eu e Láfi passaríamos

juntos, tudo prenunciava um incrível êxtase poético. No dia seguinte, eu partiria de volta ao sul, para junto de Sigríður e Pálmi Guðmundur, nosso primogênito. No íntimo, eu estava exultante, pensando no renome que o extermínio daquele fantasma maligno me proporcionaria, que provavelmente me elevaria ao mais alto grau de prestígio, de onde eu contemplaria o mundo como se ele fosse meu parque de diversões. Então, no exato momento em que pensava naquilo, tive um sobressalto ao ouvir uma voz brusca dizer:

— Pois tire algum proveito de teu renome!

Era a bruaca da Sigríður. Eu nada respondi, apenas dei uns tapinhas na moita a meu lado. E ficamos ali, sentados, admirando o sol terminar seu giro pela Terra. Ele sobe, atravessando o mar celeste de espumas nebulosas, veleja, fazendo um arco delicado pela orla do horizonte, onde se aninha como o pólen de dente-de-leão que, mal tendo tocado na superfície úmida da rocha, é soprado pelo vento, que o põe novamente em revoada.

III

PEDRA NO RIM

A luz ofuscante: quando o dia está tão branco-azulado que a abóbada celeste deixa de ser a moldura do sol ardente, tornando-se a haste daquela tenda de prata que queima rapidamente e se ergue no horizonte e se arrasta por todo o mundo visível, ao passo que o circuito de montanhas do norte, do oeste e do sul oscilam como miragem, sendo às vezes sombra, às vezes claridade, jamais se fixando no olhar, e o mar é um tecido de veludo soprando a partir das praias desta ilha até a barra da saia do céu, enquanto a própria ilha cintila em meio aos fios entrelaçados como um botão amarelo-dourado sobre a almofada bem fornida de penas, esperando ser abafado pela cabeça de uma criança celestial; e toda essa visão é inteiramente trespassada pelos brilhantes fios claros de seda, enfiados com habilidade entre a terra e o mar e o céu e o sol resplandescente com uma poderosa agulha que costura os quatro elementos. No entanto, o traçado daquela costura ardente pouco diz ao olho humano, porque, apesar de uma linha surgir da outra, como os veios que dão origem a outros veios nas folhas de bétula, no dorso das mãos ou nas pedras preciosas, esse magnífico jogo de luzes é tão diminuto em contraste com sua infinidade que, para visualizar a imagem completa, o espectador precisa dar tantos passos para trás que teria de chegar ao outro mundo, ao lado do trono d'Aquele que, no princípio, abriu a boca e pronunciou a palavra: luz.

E a luz se fez, ofuscante.

* * *

Jónas, o Erudito, está sentado numa pedra na praia, fitando aquele mundo que, em silêncio, se fundiu em um único ponto de luz. Não tirara os olhos dele desde que se sentara ali e a visão tinha começado a se formar. Agora, suas pupilas estavam do tamanho de grãos de areia, a proteção lacrimosa das pálpebras havia secado: ele precisa piscar urgentemente, mas não pode, pois a visão talvez sumisse diante dele antes que fixasse seus mínimos detalhes na memória, o que era essencial fazer para decifrá-la. Mas é inevitável: ou ele faz as pálpebras deslizarem sobre seus olhos, ou fica cego. Ele pisca. Em vez de se desfazer, a visão ainda por cima se expande: na extremidade a noroeste, em uma enseada angular em que a terra encontra o mar, numa miragem tremeluzente, um ínfimo ponto negro se agita e, lentamente, começa a se mover baía adentro. Sem perder a mancha navegante de vista, Jónas se acomoda sobre a rocha e respira fundo: a espera pode ser longa. Ele abre bem os olhos e os mantém assim, arregalados, até que uma câibra infernal ataca todos os músculos de sua cabeça, desde os cantos da boca até o couro cabeludo, o rosto desfigurando-se numa careta grotesca de agonia. Já naquele momento o ponto havia assumido o tamanho da unha do mindinho de um recém-nascido, e só então o espectador se atreve a fechar as pálpebras novamente, por um instante. Quando Jónas volta a observar o ponto, este havia mudado de forma: já não era uma mancha, mas um losango, sim, um losango preto que desliza sobre o oceano plácido e sedoso – aquilo era a proa de um barco, e aquele barco velejava em direção à ilha.

Um homem segura o timão, de pé na proa – o observador em terra firme aperta os olhos, na esperança de reconhecer o outro (“será que vieram me trazer mantimentos?”), mas a luz recai sobre as costas do homem, que segue apenas como uma silhueta humana; então, ele ergue a mão direita num gesto amplo, como se acenasse para Jónas Pálmason, o Erudito. Jónas está

prestes a retribuir o aceno, mas deixa a mão tombar sobre o colo ao perceber que aquela saudação não se destina a ele. Pois, tão logo a mão do homem pousa sobre a própria cabeça, um ruflar de penas se torna tão intenso que produz ventos em todas as direções, quando todos os pássaros da região boreal respondem à ordem do homem, revoando acelerados tanto do mar quanto da terra firme. De asas grandes ou pequenas, de plumagem sarapintadas ou de patas negras, de bicos curtos ou pernas longas, com urze no estômago ou enguia-de-jardim na goela, os pássaros respondem ao chamado e circundam o homem como um tornado, fazendo algazarra e piando até que cada um encontre seu lugar no céu. Por fim, quando a plumagem para de cair como neve das asas do bando, Jónas vê que a revoada formou um leque colorido e vivo sobre o barco, e um par de cada espécie – lagópodes macho e fêmea, águia macho e fêmea, êider macho e fêmea – se posicionou de acordo com o tamanho, desde as carriças esvoaçando à altura dos ombros do homem, passando pelo papagaio-do-mar, com seu rápido bater de asas, um pouco mais acima, pelo irrequieto maçarico, planando acima do pato-silvestre, mas abaixo da águia cruel, até o casal de cisnes, batendo asas tão alvas que rivalizam com o prateado do firmamento.

Depois de contemplar aquilo durante um bom tempo, Jónas piscou, enquanto o homem baixou a mão até apontar para a superfície do oceano. No mesmo instante, o mar ficou tão cristalino quanto uma fresca noite outonal, dando a impressão de que o barco flutuava no ar, não na água, pois esta se tornara tão translúcida que podia-se ver todo o fundo, até onde a vista alcançava no horizonte. E Jónas viu que a ilha era como um penhasco afilado; ele não estava sentado sobre uma rocha na praia, mas na beirada de um precipício. Então, o mar de vidro começou a fervilhar, e o fundo do oceano se revirou, os peixes surgiram nadando depressa, saídos tanto do sul quanto do leste, dos baixios junto à costa e das ravinas do

oceano em volta. Eram o peixe-vermelho e a pescada, o tubarão e o linguado, o peixe-escorpião e o alabote, a arraia e o bacalhau, o arenque e a foca e todos os outros peixes que Jónas, o Erudito, conhecia, além de alguns que desconhecia. Eles seguiam a mesma regra que os pássaros no céu, organizando-se de acordo com o tamanho, desde a quilha do barco até o fundo do oceano, esgana-gatos no topo e cachalotes no fundo, entremeados por tantas espécies que, quando cada dupla ocupou seu lugar, aquele cardume se espalhou pelo mar translúcido como a concha de uma vieira, num reflexo cintilante do leque voador. Não havia descanso para os olhos de Jónas, movendo-se o tempo todo entre o céu e o mar, memorizando o aspecto e a semelhança das aves e dos peixes, com cores e formatos: eis ali o tordo-ruivo e o peixe-vermelho...

Enquanto durou aquele fenômeno, o barco deslizava cada vez mais próximo da ilha – navegando por conta própria, apesar de não haver vento favorável naquele mundo calmo, deslumbrante e desprovido de nuvens; se Jónas tivesse prestado atenção na figura situada na proa, teria visto que se tratava de um homem de cerca de quarenta anos, vestindo capa de lã crua marrom acinzentada com manchas cinzas e um gorro de lã crua da mesma cor, sob o qual os olhos cintilavam como sóis de vidro. O homem moveu o braço novamente, desviando a atenção do naturalista daqueles seres das alturas e das profundezas: desta vez, apontava na direção da terra firme. Então, Jónas teve uma epifania: das praias da costa aos picos dos glaciares, um exemplar de cada planta que era nutrida pelo solo da Islândia se erguia delicadamente da terra e do cascalho – desde a não-me-esqueças até a sorveira-brava –, e as flores da terra cresciam em direção ao firmamento, leves como uma coluna de vapor que se ergue no sopé da montanha. Lá no alto, plantas e ervas se agrupavam de acordo com o tamanho, formando uma grandiosa guirlanda que dançava sobre a vastidão devastada, exalando um perfume tão doce que Jónas

quase perdeu os sentidos. Aliás, ele lutou para manter a consciência, pois o espetáculo ainda não acabara: sobre a rocha cheia de musgos, entravam em cena os animais terrestres – as raposas e os ratos silvestres, estes aninhados com serenidade entre as orelhas daquelas.

O timoneiro do barco repetiu o gesto anterior, recolhendo a mão estendida, flexionando-a, então, em direção à terra firme. Com isso, a Terra se abriu. As cadeias de montanha regurgitaram suas entranhas mais profundas, revelando o interior, onde incontáveis metais, cristais e pedras preciosas se alojavam nas mais variadas reentrâncias, reluzindo e cintilando, algumas muito antigas e outras recém-surgidas, avermelhadas pela incandescência das erupções vulcânicas e banhadas pelas águas dos rios subterrâneos.

— Sim, sim... É isso mesmo!

Jónas Pálmason, o Erudito, balança para frente e para trás sobre a rocha. Sim, dali ele via o ponto mais alto, a reentrância mais alta, o preciosíssimo metal que ele sempre desconfiara se esconder no seio inclemente de sua pátria, o próprio sangue da terra: o ouro!

— Eu não disse? Eles...

Ele não é capaz de continuar. Um som de corneta ecoa.

— Hu-hu-hu!

É o casal de cisnes que distende as cordas vocais. Os outros seres se calam, a truta-do-mar agita suas nadadeiras com suavidade, o corvo bate as asas com delicadeza. As cornetas emplumadas soam mais uma vez. Jónas ergue o olhar e se dá conta de que o barco está bem próximo da terra. Ele se levanta para receber o tripulante, abotoa o grande casaco, passa a mão na cabeça para ajeitar o cabelo e, então, percebe que as cornetas não tocavam para celebrar a chegada do barco à ilha. Surge ao norte do horizonte marinho um grupo de baleias, nadando rapidamente, direto para a parte sul da enseada.

— Hu, hu...

O toque das cornetas festeja as visitas. Num balé aquático sincronizado, elas passam por debaixo do barco e colocam a cabeça para fora d'água bem do outro lado: eram doze narvais, recém-chegados da Groenlândia. Eles erguem ao céu seus chifres espiralados, com sete varas de comprimento, batendo-os uns contra os outros e cruzando-os como as lanças de guardas de honra, sendo que toda essa dança era conduzida ao som de uma cantoria estridente e batidas de nadadeiras. Com isso, a visão se encerra: trata-se de um brasão de armas complexo e refletido:

*A ave é no ar,
o peixe é no mar,
a erva é na terra,
o bicho é na turfa.
As pedras, no chão,
o homem, lá fora,
baleia, antes má,
mas dócil agora.*

* * *

A luz ofuscante brincava sobre a retina de Jónas Pálmason, o Erudito, que jamais vira algo tão belo em toda sua longa existência de sessenta e três anos na Terra. Desde que se entendia por gente, desejava secretamente que o bom Deus lhe revelasse a ordem por trás das coisas, que lhe permitisse ver como o mecanismo do mundo fora montado. Certa vez, quando ele e Sigríður moravam em Uppsandar, pareceu-lhe ter enxergado pés gigantescos nos céus, que se apoiavam ao redor da Terra. A planta do pé acompanhava a superfície do mar e o calcanhar se apoiava nas terras baixas, abaixo das geleiras, enquanto o tornozelo podia ser visto quando o sol atinge o ápice do meio-dia. Lá, onde havia um anjo.

Jónas, o Erudito, caiu de joelhos, seus olhos se encheram de lágrimas, sua língua ficou seca e grudou no céu da boca. Ele se deitou de lado e levou os joelhos ao queixo; sentiu calafrio, dor de cabeça, câibras musculares e cólicas intestinais. Então, começou a suar frio. Seus sentidos tinham sido forçados para além dos limites humanos.

— Ai, só espero não perder o juízo! Tenho que manter a sanidade para ser capaz de compilar essa revelação em forma de poema...

Ele ouviu estalos sobre o sambaqui: pés calçando botas pisaram bem ao lado de sua cabeça. Jónas olhou para cima. Era o timoneiro que estava junto a ele. O barco se encontrava em parte coberto pelo sargaço. Nada sobrara da visão. O homem e o barco. Aquilo era tudo. O céu e o oceano haviam recuperado sua correta coloração. De onde Jónas o via, o homem estava emoldurado de nuvens, que escureciam quando baixava o olhar. Uma gaiivota grasnou. Logo iria chover.

O forasteiro estendeu a mão para Jónas. Era delicada, comprida e estreita. No dedo médio, um anel de prata inscrito com letras góticas islandesas. Jónas aceitou a mão. O homem lhe ajudou a se erguer. Depois, ainda segurando a mão de Jónas, olhou para ele com curiosidade e disse:

— Salve, Jón Guðmundsson, o Erudito!

Jónas não retribuiu o olhar. Estava tão absorto tentando decifrar a inscrição no anel que parecia nem ter notado que o homem errara seu nome. Respondeu com indiferença à saudação:

— Sim, salve, tu também...

Antes que Jónas identificasse uma única palavra do anel, o homem largou sua mão. Então, deu as costas a Jónas e disse, com voz firme:

— Eu vim para buscá-lo. Prepare-se para a viagem. — Jónas parou de limpar a areia de suas roupas. Teria ele ouvido bem? Ele estava livre? O homem continuou: —

Leve lápis, pena e cinzel, pois serão úteis lá onde passarás o inverno.

— E onde seria?

— Tu vais a Copenhague...

O coração de Jónas bateu mais forte, e ele pulou no mesmo lugar. Depois, apressou-se até a cabana e gritou:

— Sigríður, nós vamos embora daqui! Estamos livres!

Sigríður Thórólfsdóttir não estava lá. Jónas vasculhou a ilha toda. Subiu a encosta em que a cabana se encontrava. Ali de cima, descortinava a ilha inteira. Sigríður não estava em parte nenhuma. Ele gritou o nome dela repetidas vezes. À beira da praia, o forasteiro estava curvado sobre o barco, sem prestar atenção nele. Jónas correu até o homem e puxou-lhe pela capa, gritando sem parar:

— Onde ela está? O que fizeste com ela?

O homem não respondeu, tampouco desviou os olhos do que estava fazendo. Continuou o trabalho sem pressa, encaixando um remo na reentrância no meio do barco. O remo ficou ali, fixo como um mastro. Jónas achou aquilo curioso, o que o calou por um instante. Então, o homem disse:

— Faz o que eu te pedi e junta tuas coisas.

— E minha Sigríður?

O forasteiro se virou para ele. Foi só então que Jónas viu seu rosto. Recuou. O homem tinha a cabeça um tanto pequena, o rosto que afinava perto do queixo, bigode, barba de bode e suíças até o meio das bochechas. Usava um par de óculos cuja armação era presa atrás das orelhas. Jónas se curvou para examinar melhor aquele artefato. Então, o homem ergueu o braço esquerdo, agarrou Jónas pela camisa e puxou-o para junto de si. Com a boca quase colada a uma das orelhas do ilhéu, o estranho disse, baixinho:

— Sigríður está parada lá na porta da cabana. Ainda estás possuído pela tua visão, por isso não consegues enxergá-la.

Jónas olhou por sobre o ombro e se deu conta de que era verdade. Não havia ninguém na porta da cabana. Então, ele perdeu o equilíbrio, a cólica intestinal se manifestou outra vez, ele se sentiu fraco. Quis se deitar, se encolher sobre a areia. O homem manteve Jónas em pé, segurando sua camisa com ainda mais força e, então, sussurrou:

— Vamos garantir que ela esteja aqui quando voltares...

Com a mão direita, ele desamassou a camisa de Jónas. Estendeu os dedos, passou as unhas bem cuidadas sobre uma costela do flanco direito de Jónas – a quinta contada tanto de cima para baixo como de baixo para cima –, erguendo desta forma a carne e a pele até chegar ao osso, que ele havia fraturado próximo à junção com a coluna; então, o homem puxou a costela com firmeza, fazendo com que a ponta frontal do osso se separasse da cartilagem que o prendia ao esterno. Jónas não sentiu dor, apesar de ter sangrado, escorrendo pelos dedos do homem, passando pelo dorso de sua mão e pingando em seu pulso. O homem levou o osso até debaixo do próprio nariz. A costela estava mais gorda do que Jónas esperava: o verão fora bom para ele e Sigríður. No banco de areia das focas, ao sul da ilha, ele tinha conseguido atrair um filhote de nove semanas. Que comida boa! Comeram mais do que haviam planejado, salgando menos carne para conservar para o inverno. Jónas se alegrou de ver o quanto de banha de foca tinha se transferido do filhote para ele mesmo.

O homem arremessou a costela.

— Ali ela há de ficar!

O osso bateu na porta da cabana e quicou até parar no urzal, junto ao caminho que levava à casa, e lá ficou. O homem soltou Jónas, tirou do bolso um lenço branco e começou a limpar a mão ensanguentada.

— Agora, vamos logo...

Jónas se levantou das rochas da praia. Tocou o ferimento, que já havia cicatrizado, restando apenas uma cicatriz roseada, além de uma cavidade no ponto em que ficava a costela. Jónas abotoou a camisa e se apressou na direção da cabana. Numa mochila, enfiou meias compridas, camisa de baixo, calças curtas, blusão, capuz e luvas. Material para escrita, cinzel, papel em branco, um estojo cúbico de osso de foca e um livrinho iam em uma bolsa a tiracolo. Era tudo o que ele levaria para aquela viagem longa que o aguardava. Jónas colocou seu chapéu de couro. O homem se encontrava ao lado do barco, pronto para ajudar o passageiro a embarcar. Jónas seguiu o caminho que levava à praia. Ao passar pelo local onde sua costela jazia, não se conteve. Caindo de quatro, beijou a costela com lábios ardentes, por onde as lágrimas escorriam.

— Minha querida e excelente esposa, amada caríssima, senhora do meu lar, mãe dos meus filhos, Sigríður Thórólfsdóttir, Deus te abençoe e te proteja na tua solidão, nesta condição tão pouco natural a qualquer mulher: privada da orientação masculina... Que Ele te preserve e atenda a tuas preces na viuvez, caso eu venha a cair nas mãos dos piratas... Que Ele te dê forças na tua aflição se receberes a notícia de que, por obra dos inimigos, eu fui escravizado... Que Ele te conforte se eu for esquartejado pelos assaltantes que assolam as estradas... Que Ele te receba em Seu abraço cheio de ternura, se alguma pérfida serpente marinha virar meu barco, destruindo-o e matando a todos, inclusive a mim... Que Ele tenha piedade de nós e permita que voltemos a nos reencontrar em Seus salões celestiais caso Ele se farte da iniquidade dos homens e desfaça a Criação enquanto as terras e os mares nos separarem, enquanto estás aqui e eu ainda estiver lá... Que Seu rosto paternal a vigie...

De repente, começou a escurecer e a garoar. O homem correu até Jónas e o levantou. Colocou os braços em volta dos ombros de Jónas, ajudou-o a concluir a descida ao

mar, fez com que ele embarcasse e o colocou sentado no assento no meio do barco, com as mãos no remo que ali havia deixado, ereto como um mastro. Com o outro remo, impulsionou a embarcação contra o local em que havia atracado. A quilha raspou no fundo do mar, a pá do remo rangeu. Por fim, o barco se livrou e embalou sobre as ondas. O homem ergueu o remo, colocou-o paralelo à quilha e se postou no assento de popa.

A embarcação seguiu a sudeste, sob o ocaso que caía depressa. Eles navegaram em silêncio. Depois de um bom tempo, ocorreu a Jónas que a ferida no flanco do Salvador era no mesmo lugar que a ferida causada pela costela arrancada de Adão. Ele ia comentar aquilo, mas desistiu quando viu que o homem cabeceava em seu assento. Eles podiam discutir aquilo mais tarde. O crepúsculo se aprofundou. Jónas olhou à volta e notou que havia uma bandeirola presa no topo do remo: uma asa vermelha sobre um campo branco. Era o lenço manchado com o sangue de Jónas, levando a marca da mão do homem.

A escuridão era quase total quando o homem acordou e apontou com a ponta da bota direita para o baú amarrado bem forte na proa. Do baú, saía um ruído irritante:

— Isto é para Ole Worm...

Então, sobreveio uma escuridão tão completa que somente podia se comparar à claridade absoluta que reinara no início daquela visão, a mesma que Jónas testemunhara.

* * *

No início de setembro de 1636, buscaram Jónas Pálmason, o Erudito, na ilha de Gullbjarnarey e o levaram secretamente para o sul da Islândia. Depois de uma cavalgada de cinco dias, ele chegou a Bakki. Chegou ao anoitecer, embarcando de imediato em um navio mercante, que partiria na manhã seguinte. Ele não sabia

quem estava por trás daquele traslado, só que os envolvidos se comportavam de forma mais gentil do que ele tinha se acostumado a ser tratado pelas autoridades e que as condições a bordo do navio eram melhores do que as que um condenado poderia esperar; ele não foi colocado em uma cela a bordo, mas nas mesmas acomodações que a tripulação. Toda aquela operação era um mistério para ele. Quando foi julgado por feitiçaria – que supostamente ele teria praticado – e por ensinar feitiçaria – de que também era suspeito – e sentenciado ao mais rigoroso exílio, proibindo-se a qualquer pessoa abrigá-lo ou ajudá-lo, Jónas tentou, em vão, deixar o país. Vagou, acompanhado da esposa e dos filhos, por todos os cantões da Islândia, pedindo a qualquer navio que aportava no país que dali os levasse. Ninguém aceitou. Se foi por temor de contar com um feiticeiro a bordo do navio, por pura maldade ou pela ação coordenada dos inimigos de Jónas – que podiam condená-lo com rigor ainda maior, até mesmo à pena capital, em caso de descumprimento da sentença de exílio –, isso dificilmente saberemos, mas aquela relutância em conceder que ele executasse a própria sentença o tornou um fora da lei em seu próprio país por nada mais, nada menos que cinco longos anos, até o momento em que, subitamente e sem qualquer explicação, colocaram-no a bordo daquele navio que embalava seu sono na maré noturna do porto de Bakki.

Quando o navio levantava âncora, ao alvorecer, outro passageiro embarcou. Jónas acordou quando o homem, com um saco de estopa amarrado sobre a cabeça, foi conduzido ao alojamento por dois integrantes da guarda de Prosmund, o vice-rei dinamarquês da Islândia. Eles mandaram o homem se sentar no chão, na diagonal de onde Jónas tinha sua rede, tiraram-lhe as algemas e partiram. O recém-chegado gemeu de forma deplorável e se retraiu ao começar a desatar o nó que mantinha o saco de estopa amarrado à cabeça; teve dificuldade para fazer

aquilo, e suas mãos, ainda azuladas por causa das algemas, pareciam inúteis. Jónas desceu da rede e soltou o saco de estopa da cabeça do homem. Debaixo do pano, surgiu um rosto de barba clara e melancólicos olhos azuis; era seu filho, o reverendo Pálmi Guðmundur Jónasson. Pai e filho se abraçaram, aos prantos, e seguiram chorando por um bom tempo naquele camarote, até que, por fim, um marinheiro os levou ao convés, onde eles choraram mais um pouco, até as lágrimas quase se acabarem diante daquela cena aterrorizante, mas inescapável, que era ver a terra firme sumir no horizonte.

Pai e filho navegaram os mares e chegaram em segurança ao porto.

Nas primeiras horas depois de desembarcar em Copenhague, Jónas, o Erudito, viu mais pessoas do que tinha visto em toda a vida: mais aventais, mais chapéus, mais botas, mais galinhas, mais porcos, mais cavalos, mais carrinhos de mão, mais cães, mais soldados, mais canhões, mais carroças, mais telhados, mais casas, mais janelas, mais portas. E também várias coisas que só tinha visto em ilustrações: moinhos de vento e bombas-d'água, torres e praças de mercado, igrejas e castelos, estátuas e canais, árvores e lagoas, sapateiros e alfaiates, queijeiros e tocadores de burros. Ele tentava não se deixar afetar por aquilo, afastando imediatamente aquelas coisas de sua mente, pois desejava, sobretudo, se imbuir da ideia de que se encontrava no reino da Dinamarca do rei Gorm, o Velho. Foi inicialmente tomado por esse sentimento quando avistaram as ilhas Feroé durante o trajeto. Por fim, Jónas via com os próprios olhos alguma das coisas que tinha desenhado nos mapas-múndi que às vezes usava como pagamento pela hospitalidade ou por mantimentos obtidos quando ele e Sigga se refugiavam com os filhos. Em vez de se debruçar sobre o papel e olhar para baixo, do céu para a terra, como se fosse o pássaro que voa mais alto que todos os outros, ele próprio estava no mapa. Então, foi tomado pela convicção de que,

quando botasse os pés em terras dinamarquesas, todos os caminhos se abririam para ele. Agora, Jónas estava ali, no campo em branco, onde o mapa acabava – naquele espaço em que o cartógrafo se sentia compelido a decorar com monstros, cavalos-marinhos e ursos-polares à deriva para que os olhos não fiquem entediados com a imensidão dos oceanos –, e chegara a um lugar que lhe era estranhamente familiar, apesar de, até o momento, tê-lo conhecido apenas como obra de seu próprio punho, criado com tinta de bétula e colorido em tons pastel, naturalmente, para que os nomes ficassem legíveis. Como estava habituado a pensar no mundo como uma ilustração que se pode dobrar e guardar no bolso ou como os tratados geográficos dos historiadores antigos, pareceu-lhe que, do lugar onde se encontrava agora, seria fácil ir aos principais sítios históricos da antiguidade, a Constantinopla, ao sul, à Terra Santa, à Suécia e à Rússia, mais a leste, à Nova Zembla e à Ásia.

Mas o cenário que se desdobrava aos olhos dele não era nada se comparado ao que atacava seus ouvidos, pois tudo tinha seu ruído: os estrépitos, os cacarejos, os gritos, as batidas, os latidos, os tinidos, os relinchos, os urros, os golpes, os grunhidos, os choramingos, os estalos, os passos abafados dos animais e dos homens, correndo, mancando, trotando e marchando. Decerto Jónas era capaz de restringir seu campo de visão seguindo Pálmi Guðmundur bem de perto, olhando fixamente o meio de suas costas – apesar de suas reclamações constantes de que o pai pisava em seus calcanhares –, mas aquela algazarra ele não conseguia evitar. Era impossível cobrir as orelhas com as mãos, pois ambas estavam ocupadas. Em uma, ele carregava o fardo de roupas de seu guia, um estudante do sul da Islândia que, mediante ajuda de carregar sua bagagem, prometera levá-los a uma hospedaria razoável; na outra, trazia uma caixa oblonga que ia do punho ao tornozelo. Para silenciar o estrondo da cidade, ele teria que encher as orelhas com cera.

Jónas Pálmason, o Erudito, era uma dessas pessoas cuja vida gira sem parar, ao sabor da roda da fortuna. Mal chegara a um porto seguro e já era despachado outra vez ao mar bravio, sempre em uma embarcação pior do que aquela em que acabara de viajar. Pai e filho se hospedaram na estalagem Sommerfuglen – que Jónas chamava de Escrevedeira-das-Neves, o passarinho precursor do verão em sua terra –, domicílio decente para homens de fino trato, testemunho de que a Providência parecia querer, dali em diante, tratar a ele e ao reverendo Pálmi Guðmundur com luvas de pelica. A permanência naquela estalagem foi tão aprazível em comparação com a vida na ilha de Gullbjarnarey e a viagem no navio mercante que, durante a primeira semana, ele não pôs os pés fora de casa, ficando apenas jogado em sua cama o dia todo, lendo sem pressa uma nova edição das fábulas de Esopo. Além disso, dali ouvia-se menos os rumores da cidade. Por sua vez, o reverendo Pálmi Guðmundur andava num corre-corre pela cidade para tentar resolver o assunto que motivara aquela viagem: obter um decreto real que revogasse as penas a eles impostas. Procurou todos os conterrâneos islandeses que achava que poderiam ser úteis a ele e ao pai, sendo por eles aconselhados sobre a melhor forma de levar o assunto à atenção do rei, pois, para persuadir os juízes do Althingi, a assembleia nacional islandesa, a mudar seu parecer, seria preciso nada menos que um decreto assinado e chancelado por Sua Majestade, o rei Cristiano iv, em pessoa. E isso não era coisa fácil de obter. O reverendo Pálmi soube também que os responsáveis por aquela viagem, sua e de seu pai, eram eruditos cansados das perguntas de Ole Worm a respeito daquele tal Jónas, o Erudito, que o professor dinamarquês estava convencido que detinha conhecimentos importantes sobre o antigo alfabeto rúnico. Durante seis anos, eles lhe responderam sempre da mesma forma, que pouco se sabia sobre a situação desse Jónas, apenas que fugia sem cessar das

autoridades, era um condenado que contaminava com seus problemas todos os que dele se aproximavam. Por fim, quando o dr. Wormius intercedeu para que o conselho superior da Universidade de Copenhague se ocupasse de Jónas, bem como do filho dele, caso necessário, seus colegas islandeses já não podiam ignorar os pedidos de seu irmão cientista e amigo cordial do rei e angariaram recursos para pagar a passagem de Jónas. Para acompanhá-lo, despacharam o reverendo Pálmi Guðmund, na esperança de que aqueles controversos pai e filho nunca mais voltassem à Islândia.

Sob o pretexto de que uma loja próxima ao porto tinha um macaco em exposição, Pálmi Guðmundur conseguiu despertar o interesse do pai para que ele visse em Copenhague algo além da estalagem e de seu jardim. Desde que lera a fábula de Esopo sobre o macaco e a raposa, Jónas vinha quebrando a cabeça com aquele paradoxo de que o animal cuja aparência mais parecia à do homem pudesse perder para o quadrúpede que parecia ter inteligência humana. Por isso, queria muito ver um macaco com os próprios olhos, pois já tinha visto raposas mais que o suficiente. Mas antes que Jónas, o Erudito, trocasse o colchão de palha pela visão do macaco, as engrenagens do destino silvaram mais uma vez: chegaram aos ouvidos do pai e do filho boatos de que seus inimigos da Islândia tinham ido a Copenhague antes deles e de que já haviam começado uma campanha de difamação. Aqueles canalhas reuniram em um pergaminho todas as coisas mais horrendas e lamentáveis já ditas ou escritas a respeito de Jónas, o Erudito, sendo a maior parte transcrita da sátira de autoria do reverendo Guðmundur Einarsson de Staðarstaður, vulgarmente conhecida como *Tratado*, cujo título era *In versutias serpentis recti et tortuosi*, ou seja, um pequeno tratado sobre as enganações e as artimanhas do diabo, que às vezes anda reto e às vezes anda torto a fim de perverter a redenção dos homens. As partes mais suculentas desse

cozido eram apimentadas com advertências para que os dinamarqueses não se compadecessem de um salafrário como Jónas, muito menos que o recebessem em seu país. O pior de tudo era correr o risco de acolher uma escória como aquela em Copenhague, onde o intendente Juren havia muito padecia de uma condição desconhecida, mas bastante dolorosa, submetendo-se a terapias caríssimas e penosas, que não apresentavam resultado além de mantê-lo à beira da morte. Comentava-se à boca miúda que a raiz daquela doença era um feitiço, não se devendo poupar esforços até que os responsáveis por aquilo fossem descobertos. Em um ambiente como esse, não foi nada difícil que os inimigos de Jónas espalhassem as sementes da desconfiança e da perfídia contra ele. Então, num meio-dia de meados de outubro, um grupo de guardas palacianos invadiu a estalagem e prendeu Jónas, em nome do rei.

Arrastaram-no até a presença de um juiz no prédio da intendência da cidade. Lá, aquele pergaminho difamatório foi recitado e aceito como verdadeiro, apesar de seu formato ser caso perdido, pois não tinha nem pé nem cabeça. Jónas foi condenado a ser repatriado à Islândia. Entretanto, como nenhum navio zarparia antes da primavera, ele seria mantido encarcerado até lá. O juiz nem sequer levou em consideração quando Jónas, ou melhor, quando o reverendo Pálmi Guðmundur, em nome dele – pois Jónas ficou com todo seu vocabulário entalado na garganta –, afirmou ter ido a Copenhague buscar seus direitos diante da irregularidade jurídica perpetrada no Althingi, além de ser o emissário especial que levava um presente particular para ninguém menos que Olaus Wormius, missão que ainda não se concluíra. Aquele cientista certamente daria o testemunho de que Jónas não era a pessoa perigosa que aquela epístola descrevia. Pois o juiz não sabia que sua alcunha era “o Erudito”? O magistrado não deu ouvidos a isso nem aos demais argumentos que o reverendo Pálmi Guðmundur levantou

em defesa do pai. No fim das contas, o próprio presente que levara para o excelentíssimo reitor Ole Worm se mostrou decisivo para aquela sentença injusta, pois corroborou o caráter duvidoso de Jónas – afinal, tratava-se de um arau gigante ainda vivo.

Aquela criatura causara alvoroço entre os hóspedes da estalagem Sommerfuglen, pois era diferente, muito maior e mais imponente que todos os pássaros já vistos, com uma grasnada rouca que mais parecia o arfar de alguém morrendo afogado. Nos primeiros dias, Jónas descia ao refeitório com a ave, colocava a caixa oblonga a seu lado, tirava a tampa e alimentava o arau com arenque, um peixe que havia mais que de sobra naquele país. O animal gostava tanto da comida quanto os próprios dinamarqueses, apesar de se engasgar com cada bocado daquela comida intragável e gordurenta. Após o jantar, permitiam que ele soltasse o bicho no jardim dos fundos da estalagem. Não havia risco de ele escapar, pois, mesmo que conseguisse sair da gaiola, ele não era capaz de voar e era bem fácil de cercá-lo. Porém, foram exatamente aqueles passeios noturnos do arau gigante que deram nos nervos de quem via o animal por aí. O fato de aquele pássaro, se de fato fosse pássaro, cambalear em meio às galinhas, ereto como um anão, invocava as histórias mais assombrosas, nos recantos mais sombrios da mente: os contos das pessoas que haviam escapado vivas das garras das bruxas na noite de santa Valburga, mas que, sem sorte, acabaram desfiguradas e sem fala, tornando-se um fardo para si próprias e para seus entes queridos pelo resto da vida; ou ainda as descrições de espíritos encarnados subalternos àquelas mesmas bruxas. Esses eram, em geral, um cruzamento de homem e animal, não muito diferentes daquela criatura solitária, banhada pelo luar no galinheiro, como uma miniatura de bruxa nariguda com capa preta. Sim, o pássaro estava solitário, pois os frangos se amontoavam de uma vez no galinheiro, tremendo de medo, com pavor daquele hóspede de

aparência bestial. Ao menos foi o que o depoimento do estalajadeiro souou quando indagado em juízo a respeito das atitudes do réu, Jónas Pálmason, o Erudito, naqueles catorze dias em que ficou hospedado na Sommerfuglen. Não foi preciso outro testemunho, e o islandês foi algemado e transferido para um lugar novo e ainda pior: a casa de correção do carrasco Rasmussen. Então, provou na própria pele que Copenhague era como o destino: inconstante para muitos, mas especialmente para Jónas.

* * *

É neste ponto que entra na história um contemporâneo de Jónas Pálmason, o Erudito: o autor do tratado naturalista *Historia animalis, Qvod in Norvagia qvandoqve e nubibus decedit, & lata ac gramina, magno incolarum detrimento celerrime depascitur* [História do animal que na Noruega desce das nuvens e rapidamente devora os cereais e os pastos, em grande detrimento dos habitantes], que também foi o mais renomado antiquário da primeira metade do século XVII, sendo conhecido como o patrono dos estudos nórdicos. Talvez tenha sido quem melhor retratou os cientistas de sua época: versado em diversas áreas do saber e sedento por conhecimento, dedicou-se à maioria dos ramos da ciência, não sendo indiferente a nada que dissesse respeito ao homem. Além disso, seu trabalho foi tão significativo para a literatura islandesa, tendo ele mantido contato intenso com vários sábios da ilha, que seu nome é digno de celebração. Trata-se do médico e filósofo natural Ole Worm.

Quando o conselho universitário anunciou o veredito sobre o caso Jónas Pálmason, o Erudito, na quarta-feira, 15 de abril de 1637, o réu recém-absolvido foi retirado da cela logo abaixo do salão, no prédio do consistório, e conduzido às pressas ao laboratório do preceptor Worm, que presidira pessoalmente o julgamento. Assim, Jónas

recebeu liberdade no âmbito da jurisdição da universidade, poupando-se de ser devolvido ao calabouço onde deveria, segundo os rigores da lei, ficar trancafiado até que Cristiano iv homologasse a sentença absolutória. Assim que chegou, o islandês foi conduzido diretamente para a lavandaria que havia no prédio. Lá, retiraram seus grilhões, cataram à força os piolhos e as pulgas e, por fim, colocaram-no numa tina enorme que, em geral, era usada para ferver até que saíssem as gorduras e as penas daquela miríade de ossos de animais e carcaças de aves que o dr. Worm recebia de várias partes do mundo para incorporar ao acervo. Terminado o banho, encontraram o funcionário do gabinete do reitor cuja compleição mais semelhava à de Jónas, e foi ordenado ao barrigudinho que emprestasse ao forasteiro uma muda de roupa limpa. De volta ao laboratório, o patrono encontrou o hóspede na cozinha. Ali sentado, ele merendava sozinho, mas sob os olhos de uma grande plateia, pois sua estadia na prisão não tinha melhorado muito seus modos à mesa. Como travessura juvenil, continuaram servindo-lhe comida ainda por um bom tempo depois que ele já estava farto de comer – divertiam-se ao vê-lo enfiar tanta comida na boca que as bochechas lhe saltavam –, pois Jónas esquecera o que era moderação depois de meses no calabouço, devorando tudo o que botavam diante dele. Worm logo percebeu que ele explodiria se continuasse a comer. E assim, a apresentação entre o autodidata Jónas Pálmason e o acadêmico Ole Worm foi um pouco mais íntima do que este planejava. Mandou que levassem o homem sôfrego ao mesmo consultório que usava para examinar e curar os altos membros da sociedade de Copenhague e, uma vez que o paciente ficara empanturrado de todas aquelas iguarias, o médico ministrou-lhe tanto um emético como um enema. Após aqueles drásticos procedimentos purgativos, o rotundo assistente do reitor viu-se obrigado a emprestar a Jónas outra muda de roupa e, como este novamente sentia uma

fome a lhe corroer, serviram outra refeição, a qual, porém, foi ingerida sob o olhar vigilante do cientista.

Na manhã seguinte, bem cedo, Jónas foi convocado ao gabinete de Ole Worm. Lá, descobriu que não fora puramente por benevolência que lhe haviam poupado uma estadia ainda mais longa na Torre Azul. Nem bem Jónas se sentara diante de seu benfeitor, este começou a lhe fazer perguntas sobre os mais diversos assuntos, especialmente sobre runas e outros tópicos da cultura pagã constantes nas antigas sagas dos islandeses.

— Conte-me a respeito das runas funerárias. Quem era Bragi? O que quer dizer a palavra *fúthark*?

Jónas desconfiou, fingiu desconhecer aqueles tópicos ou não entender as perguntas de Ole, apesar de elas serem feitas em bom dinamarquês, ou, ainda, passou a dar respostas genéricas: “sim”, “aham”, por vezes “bom”. Aqueles resmungos, murmúrios e ladainhas prosseguiram até perto do meio-dia. Então, mandaram chamar o reverendo Pálmi Guðmundur na cidade para explicar ao pai que o interesse de Ole pelo passado pagão era puramente científico, que nada do que dissesse entre as paredes da universidade seria usado contra ele. Jónas mal podia crer naquilo. Pálmi Guðmundur também levou os pertences do pai: tintas, cinzéis, livros e papéis, além do arau gigante que ele alimentara durante o inverno. O colecionador ficou entusiasmadíssimo por obter um espécime vivo daquele famoso pássaro exótico, abraçando e beijando o doador repetidas vezes. Ole pediu desculpas a Jónas por questioná-lo daquela forma obstinada, mas estava tão ansioso por conhecer pessoalmente o sábio islandês que não se conteve. Então, mostrou a Jónas as respostas às várias cartas que enviara a seus conterrâneos, sondando a respeito de sua situação, as quais o reverendo Pálmi Guðmundur verteu do latim para que o próprio Jónas entendesse. Entre outros, dizia Magnús de Laufás:

“Pelo que ouvi falar, será levado a vossa presença aquele homem que é nosso melhor runólogo, apesar da pesada condenação que recebeu por praticar ‘artes mágicas’. Fui informado de que ele será transportado no navio do comissário Rosenkrantz. Com ele a vosso dispor, podereis obter respostas orais referentes àqueles tópicos que se apresentam obscuros à leitura e, se assim desejardes, podereis colher junto a ele ‘o ouro do esterco de Ênio’. Ele se chama ‘Jónas Pálmason’, de alcunha Erudito, e, até onde ouvi falar, tem muito conhecimento em várias áreas.”

Jónas estava exultante ao final da leitura. Assim, consentiu em continuar hospedado na casa do doutor Ole, enquanto o reverendo Pálmí Guðmundur se concentraria na preparação das alegações da defesa para o iminente julgamento de sua apelação.

Transcorreram dias em meio a dissertações sobre runas e antiga poesia islandesa. Ole Worm submeteu a Jónas várias conjecturas a respeito da *Edda* e do *Skáldskaparmál*, de Snorri Sturluson, e ele respondeu sem hesitação. Um ano antes, Ole publicara um compêndio sobre as runas, intitulado *Danica literatura antiqvissima: vulgo Gothica dicta*, e agora confirmava suas suspeitas de que a obra continha vários pontos equivocados ou obscuros. Porém, o reitor da universidade tinha outras tarefas de que se desincumbir antes de sondar a sabedoria de Jónas, e isso deu ao Erudito a oportunidade de conhecer as atividades do Museu Wormiano, cujo acervo contava com exemplares naturais e exóticos pertencentes a Worm. A coleção incluía uma ampla variedade de amostras biológicas e itens relacionados aos diversos ramos da ciência investigados pelo sábio: medicina, estudos de arte e cultura nórdicas clássicas, filosofia, zoologia, mineralogia e botânica, além de obras de arte e antiguidades. Alguns seletos alunos, os preferidos do reitor, trabalhavam classificando o acervo, organizando-o nas estantes e nas arcas, pendurando itens nas paredes e

nas vigas de sustentação ou exibindo-os em pedestais feitos sob medida. Ali, Jónas viu com os próprios olhos, pela primeira vez, muitas maravilhas sobre as quais apenas tinha lido nos livros: havia pedaços enormes de coral, ovos de avestruz, peles de lemingue e dentes de dragão fossilizados – aquela coleção não era apenas a maior do mundo em sua categoria, como era a mais incomum, distinguindo-se por seguir os mais rígidos critérios científicos e não se deixar levar por impulsos infantis ou fúteis que em geral caracterizam as coleções de príncipes-eleitores ou rainhas. Ole Worm estava compilando um catálogo geral do acervo para publicação, e os estudantes trabalhavam constantemente anotando o nome e a origem daquelas relíquias, tudo de acordo com o sistema racional estabelecido pelo diretor do museu, além de localizar suas gravuras em publicações científicas mais antigas ou rascunhar aqueles que ainda não haviam aparecido em impressos. Mas nem todos os jovens eram bons de desenho, razão pela qual a ilustração do catálogo progredia mais lentamente que o previsto. Até que um dos estudantes surpreendeu Jónas, o Erudito, sentado sozinho na biblioteca com seu material, passando o tempo a copiar o desenho de uma mulher barbada e de vestido do livro *Monstrorum historia*, de Aldrovandis – o que naturalmente fazia com primor. Desenvolvera o hábito de esboçar os objetos a lápis, enquanto os outros arrematavam gravuras com tinta. Ole elogiava os empregados do museu pela agilidade e pela qualidade das ilustrações, enquanto Jónas se ocupava com seu passatempo predileto, além de admirar em detalhes a coleção e a biblioteca de Worm. Assim seguiram as coisas, até o momento de catalogar o item que ficava guardado num armário trancado no gabinete do naturalista. Aquela preciosidade era exibida no museu com toda pompa e circunstância, incluindo nada menos que a presença de dois lanceiros da guarda real, que ficavam de vigia junto à entrada. O tesouro tinha cerca de cinco varas de comprimento, era envolto num

manto de veludo escarlate bordado a ouro e marcado com a insígnia do rei Cristiano iv, e o próprio diretor e mestre erudito se encarregava do manuseio e da catalogação do objeto, já que conquistara a graciosa gentileza de tomar emprestado aquele item da coleção particular do rei. Os estudantes se acotovelavam em torno da longa mesa de exame para ver Ole, com luvas, retirar o manto protetor e exibir um magnífico chifre de unicórnio. Não se tratava de um exemplar qualquer de adorno daquele animal arisco, já que o chifre ainda estava preso a um fragmento do crânio. Todos os presentes prenderam o fôlego, pois era inusitado encontrar, daquele animal, algo além do extraordinário chifre espiralado; outros ossos de sua carcaça eram extremamente raros, e reinava no mundo acadêmico o consenso de que os poucos espécimes desse tipo encontrados em algumas coleções eram falsificações. Naquele caso, tratava-se de uma parte da testa e da coroa da cabeça da criatura, sendo possível comparar os fragmentos com a cabeça de outras criaturas de cascos fendidos, sendo o unicórnio via de regra considerado mais próximo do íbex.

Então, Jónas Pálmason, o Erudito, começou a rir sem parar. As pernas curtas cederam debaixo do torso estremecido pelo riso, e ele despencou ao chão, onde ficou quase que chorando de tanto rir. Os estudantes se entreolharam; estavam habituados com as peculiaridades de Jónas, pois sempre o viam murmurar ou gritar frases pela metade, mas aquele comportamento desmesurado, na presença do reitor e do tesouro real, era tão escandaloso quanto inapropriado. E os guardas, que viam Jónas pela primeira vez, mas se julgavam tão capazes de reconhecer um louco quanto aqueles universitários, ficaram alarmados e empunharam as lanças com mais força. Todos aguardavam a reação do sábio e cortês, porém austero, preceptor Ole Worm. Ele se afastou da mesa, se aproximou do islandês risonho, inclinou a

cabeça, franziu o cenho e cofiou a barba da raiz ao peito, como se estivesse diante de um caso de doença rara.

Depois de ponderar por um bom tempo, o cientista se empertigou todo e disse:

— Sim, eu deveria ter suspeitado... — Então, também foi vítima de um ataque de riso incontrollável. Ele se abaixou, estendeu a mão para Jónas e ajudou-o a se levantar, declarando, entre gargalhadas: — É evidente, é tão evidente!

Ainda rindo, Ole ordenou que os assistentes embalsassem o chifre de unicórnio para guardá-lo de volta em seu gabinete. Depois disso, ele e Jónas se retiraram, ainda gargalhando. Os estudantes repetiam o que tinham ouvido o mestre exclamar:

— É evidente, é tão evidente!

Entretanto, é claro que não sabiam o que havia por trás daquela constatação tão eloquente. Mas de uma coisa tinham certeza: as gargalhadas sonoras do mestre indicavam que ele tinha feito uma descoberta importante. Worm era um homem tão sábio que nada lhe parecia mais engraçado do que descobrir que havia se equivocado.

* * *

Talvez seja exagero afirmar que o reitor Olaus Wormius, *Doctor Medicinæ in Academia Hafnæ Professor Publicus*, tivesse se equivocado quanto à existência dos unicórnios. De fato, já alimentava dúvidas com relação à origem e à natureza daqueles chifres espantosos havia algum tempo. Ele começara a especular por que razão tão pouca gente tinha visto aqueles animais com seus próprios olhos em tempos mais recentes; o último relato de testemunhas oculares tinha mais de cem anos. E havia outro fato enigmático: por que jamais encontraram outra parte de sua carcaça além do chifre? Ninguém duvidava do caráter nobre dos unicórnios, que eram um exemplo de piedade e

pureza. A maior prova disso consistia no fato de que apenas moças virgens eram capazes de acalmar seu humor frenético, um encontro entre ferocidade e ternura que já tinha sido retratado em várias pinturas, gravuras, joias e tapeçarias. Ainda assim, todas as obras de arte que Ole examinara tinham um elemento comum: a julgar pelo tamanho daqueles chifres, cujo comprimento ele medira e cujo peso aferira, os unicórnios retratados nessas obras eram pequenos demais. A experiência simples de prender uma réplica exata do chifre de unicórnio em um bode provava que, para suportar aquele chifre longo e pesado, com cerca de vinte libras, era preciso mais do que um gênio forte: uma testa larga teria de crescer numa cabeça enorme, que, por sua vez, se apoiaria num torso muito maior do que aquele; qualquer pessoa podia imaginar. Aquilo tornava a invisibilidade dessa criatura ainda mais inconcebível. Então, Worm começou a investigar a origem dos chifres que decoravam os salões do tesouro das basílicas e dos palácios reais. Essa investigação revelou que, descontando o chifre de unicórnio do cetro de Elizabeth I, a rainha virgem da Inglaterra – adquirido de um negociante moscovita por um preço que equivalia a um castelo –, todos os chifres tinham sido encontrados em lugares em que havia estudantes ou mercadores islandeses ou onde estes recuperavam as forças de suas peregrinações a Roma ou a Jerusalém. Por exemplo, o enciclopedista flandrino Johannes Goropius Becanus afirmava que os três chifres que ele teve a oportunidade de examinar na Antuérpia em meados do século XVI eram originários da Islândia. Worm estava ciente de que, no período anterior à introdução da reforma luterana na ilha, a elite daquele país enviava os filhos para estudar economia e comércio na Antuérpia.

O erudito ficou obcecado por aquilo. Tinha bons amigos na ilha dos vulcões, velhos colegas que se formaram com ele na Universidade de Copenhague, que podiam confirmar se havia outros animais terrestres em sua

inclemente terra natal além dos camundongos silvestres e das raposas-do-ártico, se seria possível que unicórnios desfilassem pelas areias negras das terras desoladas, sob acompanhamento dos vulcões ribombantes e das línguas das geleiras; caso negativo, se aquele marfim por acaso não teria sido levado àquelas praias pelas ondas, de bem longe. Porém, seus antigos colegas pouco ajudaram a esclarecer suas dúvidas; achavam ser improvável encontrar tais animais por lá – ao menos nunca os tinham visto com os próprios olhos e, apesar das repetidas promessas de que averiguariam o assunto junto a esse ou aquele idoso de boa memória, acabavam se esquecendo totalmente do assunto. Assim, apesar das incontáveis cartas, Wormius continuava bem longe de qualquer confirmação quanto à possível exportação de chifres de unicórnio daquela colônia ao norte. Além de sua insistência junto a bispos, pastores e senhores de terra – sim, seus amigos eram a nata da sociedade –, Ole Worm fora autorizado pela chancelaria dinamarquesa a realizar análises químicas em um dos dois chifres pertencentes ao rei, o que foi feito sob o mais estrito sigilo, pois ele não queria melindrar seu sogro e mentor, o catedrático Caspar Bartholin, que no ano de 1628 publicara o livro *De Unicornio*, em que sustentava o poder curativo dos chifres, os quais ele considerava um excelente remédio contra epilepsia, melancolia, câibras, gota e outros males, além de ser um antídoto infalível contra picadas de cobras peçonhentas e venenos da terra, como o arsênico e o sublimado corrosivo. Vários métodos eram usados para administrar a medicação, sendo o mais comum a raspagem do chifre com uma faca afiada, diluindo-se o pó resultante em vinho, que era então ingerido pelo paciente. Além disso, também havia quem entalhasse a base do chifre, usando-a como uma taça, cujo poder era tanto que qualquer bebida pura nele derramada instantaneamente se convertia em panaceia; em contrapartida, se na taça fosse colocado líquido venenoso, dela transbordaria uma

espuma. Possuir uma peça tão valiosa era coisa que estava apenas ao alcance dos mais ricos e poderosos, que costumavam ser envenenados com frequência. Ole resolveu pôr esses poderes à prova num experimento: numa sala nos fundos da drogaria Woldenberg, dava arsênico a filhotes saudáveis de gato, até que as patas começassem a tremer e a sangrar pelos orifícios da cabeça. Então, ministrava o pó de chifre de unicórnio diluído em leite. Todos os filhotes morreram, bem como os pombos alimentados com milho embebido em cloreto de mercúrio. O que o sempre curioso Wormius aprendeu com aqueles experimentos com chifres de unicórnio foi que seu cerne e sua matéria se pareciam mais com o marfim do que com o chifre de rinoceronte. Suas pesquisas não progrediram além disso, até que Jónas Pálmason, o Erudito, pôs os olhos naquele precioso tesouro do rei, aquele chifre de unicórnio preso a um fragmento de crânio, e riu até cair no chão.

Depois de se recompor e se refrescar com suco de cassis – ótimo para os rins – e comer pão de especiarias – bom para o intestino –, Ole e Jónas conversaram, ficando claro que este era tão excelente naturalista quanto rúnologo, além de ter ampla experiência como entalhador de dentes de animais, tendo desde jovem esculpido belas gravuras tanto em marfim de baleia como em presas de morça. Ele esclareceu que aquela peça envolta em veludo certamente não era o que parecia ser, pois se tratava, sim, de uma presa da baleia feroz conhecida como narval, ou baleia-carniceira, em razão de sua predileção por marinheiros afogados. Ou seja, era um chifre de narval, o “unicórnio do mar”, como Ole registrou em sua caderneta. Os islandeses haviam descoberto tais criaturas abomináveis na Groenlândia quando lá fundaram uma colônia por volta do ano 1000, Anno Domini, e logo começaram a exportar dentes das baleias, os quais batizaram de “chifre de unicórnio”, de acordo com o costume da época. Esse comércio clandestino fez

prosperar muito os groenlandeses e os intermediários da costa oeste da Islândia, assegurando à colônia na Groenlândia um balanço mercantil favorável com o estrangeiro e criando bases para a riqueza das famílias mais poderosas da Islândia. Aquele comércio continuou até a colônia na Groenlândia ser abandonada, cerca de um século antes, ou seja, por volta do ano do Senhor de 1540. Agora, aqueles ossos de narval eram raridade no país, mas, enquanto persistisse a crença na existência do unicórnio, os islandeses ainda conseguiriam obter alto preço por tais peças. Por isso, o dr. Worm deveria jurar que não contaria aos correspondentes na Islândia quem tinha lhe revelado a verdade, ao que ele assentiu sem hesitar. Então, Jónas fez para o cientista algumas ilustrações que mostravam a forma daqueles peixes enormes nadarem pelos mares e brandirem seu chifre como uma lança. Comparando os desenhos com o exemplar de propriedade do rei, Ole teve certeza de que aquilo se tratava de um fragmento de crânio de narval, nada além disso. Sim, naquele dia, no Museu Wormiano, o destino do unicórnio foi selado: um ano depois de seu encontro com Jónas Pálmason, Ole Worm publicou um artigo que marcou época, sobre a semelhança entre o chifre do unicórnio e as presas dos narvais. As três décadas seguintes assistiram ao debate entre as mentes mais brilhantes do mundo ocidental a respeito da existência daquela fantástica criatura, com chifre, barba de bode, torso de cavalo, cauda de javali, cabeça de antílope e patas de elefante, até que, por fim, os céticos prevaleceram. Com isso, o preço dos chifres de unicórnio despencou. Para Jónas, o Erudito, aquilo representou uma vingança doce, ainda que tardia, já que vários dos principais promotores da perseguição de que fora vítima na Islândia eram descendentes de mercadores de chifres.

Tamanha era a satisfação do professor com o novo membro da equipe que ele começou a esboçar planos para que Jónas se radicasse em Copenhague. Ao consultar o

reverendo Pálmi Guðmundur, que obtivera um veredito aceitável em seu caso, podendo retornar à Islândia para assumir as funções de pastor auxiliar na paróquia de Hjaltastaður, ficou decidido que, em vez de Jónas voltar com o filho à Islândia, a esposa dele, Sigríður, iria à Dinamarca. Jónas contava, então, sessenta e três anos e, ela, cinquenta e sete; ele ajudaria Worm em traduções de textos antigos e também desenharia itens do museu, conforme necessário; ela podia ajudar na cozinha. Providenciariam boas acomodações privativas para o casal nos alojamentos dos funcionários de alto escalão, onde finalmente teriam paz depois de viver como desterrados por vinte anos seguidos. O coração de Jónas Pálmason, o Erudito, encheu-se de esperança: apesar de ele não ter andado pelas ruas de Copenhague, Sigga com certeza apreciaria as novidades que a cidade oferecia; os fogos de artifício, a moda da corte e os edifícios ornamentados seriam um bálsamo para seus olhos exaustos.

Na noite de maio em que ele e o reitor selaram aquele plano com um aperto de mãos, Jónas tirou de sua pequena bolsa lateral a caixinha cúbica de osso de foca. Nela, estava guardado seu bem mais raro, um cristal vermelho-escuro de bordas amareladas, que ao mesmo tempo era criação da natureza e relíquia divina: um cálculo renal que ficara retido nas partes íntimas de Guðbrandur Thórlaksson, bispo diocesano da sé de Hólar, e que Jónas dali extirpara com as próprias mãos, seguindo as lições contidas na saga do médico medieval Hrafn Sveinbjörnsson, amigo de Gvendur, o Bom: abriu o membro viril como um chouriço cru, removeu os cálculos da uretra e fechou tudo com pontos. O corpo calcificado do clérigo gerara três cálculos, um dos quais Jónas guardara sorrateiramente e levava consigo a vida toda. A gratidão do bispo Guðbrandur garantira a matrícula de Pálmi Guðmundur no seminário de Hólar (com ajuda do documento que ficara em posse de Jónas e que provava que o genro do bispo, Ari Magnússon, de Ögur, ferira a

legislação do reino), e agora Jónas presentearia o amigo Ole com aquele cálculo renal, por oferecer abrigo e proteção a ele e a Sigríður.

No dia seguinte, chegou-lhe às mãos um decreto assinado e chancelado por Sua Majestade, o rei Cristiano IV. Nele, o rei homologava a resolução do conselho universitário, declarando que Jónas Pálmason não era feiticeiro. Porém, em vez de inocentá-lo incondicionalmente, remeteu o caso ao Althingi, que se reunia na pradraria de Thingvellir, rogando que os próprios islandeses revogassem formalmente a sentença, na presença do réu.

Jónas, o Erudito, voltaria à Islândia.

IV

SOLSTÍCIO DE INVERNO, 1637

A noite caiu no dia mais curto do ano. E eu estava, Deus, diante da noite mais longa do ano. Quantas horas de claridade tive? Duas? Três? Uma? Fora um dia sinistro, depois de um péssimo começo. Então, quando finalmente voltou a alvorecer, ainda fui privado daquela ínfima claridade diurna com que antes contava. Uma grande massa de nuvens fechadas cobria a ilha, tão baixo quanto possível, coroada por manchas negras: um fardo pesado e impiedoso, perto da praia, que não levava nem chuva nem neve. É o pior tipo de nuvem. Elas sugam o viço da gente, fincam suas escuras garras acinzentadas em nosso crânio, cravando as unhas bem fundo em nossos olhos e nossos ouvidos, insinuando-se em nossa boca e nossas narinas, tentando encher nossa cabeça com seu granizo cinzento para fazê-la implodir, esmagando-a com seu peso. Com a inclemência dos fortes, elas deprimem nosso espírito na direção dos abismos mais profundos e frios da mente humana, onde o mantêm cativo; no entanto, diferente das nuvens de fumaça das casas incendiadas, que obrigam as pessoas a se arrastar pelo chão na esperança de aspirar um fôlego de ar vital, naquela profundidade desesperadora nada nos aguarda, apenas uma fonte inesgotável de bílis azeda e amarela na boca. Aqui, nesta terra enregelada, não há meio-termo nem delicadeza nenhuma; o solo é pedregoso debaixo dos pés, o gelo se estende até a rocha da crosta terrestre. O oceano segue congelado até a metade do caminho entre a terra firme e a ilha, o gelo de um preto imundo depois da tempestade de areia na noite de São Martinho de Tours. Nem sequer enxergo a terra firme, e as montanhas parecem tão escuras quanto o céu. Continuarão elas no lugar? Não tenho certeza. Que elas vão para os trolls que as carreguem! Acima disso, jaz a escuridão nebulosa do céu, como a tampa de um pote de

ferro. Assim começara aquele dia, depois só foi piorando. Quando a nebulosidade começou a se dissipar, não foi o sol que surgiu; não, foi a lua com sua mísera semiclaridade. Deveria eu me alegrar com aquilo, afinal, luz é luz? Ou será que não? Ah, não, o luar gelado era, para mim, um amargo lembrete do que eu estava sendo privado: o sol invernal. Pois, apesar de seu calor débil não ter o poder de afastar o gelo do mar, ao menos desperta a fertilidade na terra, resgata o canto dos passarinhos, e seu pálido semblante reaviva em nosso peito a fé de que ele de fato é capaz de fazer tudo isso. Assim, o coração se aquece. Muito mais do que a luz do sol propriamente dita, era dessa centelha de esperança que eu estava privado. Não era necessária claridade forte para realizar o trabalho que eu tinha pela frente ao me arrastar de minha toca por volta de meio-dia; para isso, até mesmo o sorriso amarelo da lua seria o bastante. E o que é que eu precisava fazer naquela terrível noite invernal? Sim, descarregar do penico aquele conteúdo fétido que nele havia congelado durante a madrugada. De onde entra pouca coisa, pouca coisa sai: apenas duas bolinhas de fezes, em meio a uns poucos pingos de urina. Várias são as razões: primeiro, cabe dizer que já sou um senhor de idade tão acabado que minhas entranhas ficaram mais preguiçosas; em segundo lugar, o clima tem sido tão tempestuoso nas últimas semanas que não deixo minha cabana a não ser em caso de extrema necessidade; logo, não me movimento muito e, por isso, preciso ingerir menos alimentos; em terceiro lugar, já não tenho quase mais nada para comer. E nada posso fazer quanto a essas três coisas: a idade, o clima e a falta de comida. A cobertura de gelo começa no centro da praia e envolve a ilha toda com estalidos nervosos e uivos fantasmiais, um adorno como a gola rufo dos desembargadores. Na praia, tudo o que é vivo foi queimado pelo frio: a areia está dura como pedra, as algas, ressequidas. Os hadoques e os bacalhaus jazem além, debaixo da capa de gelo – se é que não morreram

congelados –, aonde não tenho força nem coragem de chegar, privado de barco como estou. De qualquer forma, o que eu faria lá? Convencer os peixes a quebrar a camada congelada? Disponho de poucos equipamentos de pesca e estou fraco demais para abrir buraco no gelo. As gaivotas nada têm que buscar aqui além das rochas em que pousam para descansar antes de continuar na caçada por comida com suas asas débeis e sua grasnada faminta. Aliás, mesmo que eu tivesse um pedacinho de corda para uma arapuca, não teria isca nela, a não ser a carne de meus próprios ossos, uma vez que não pretendo alimentar aves de rapina com meus recursos escassos – até a primavera, terei de me virar com um pacote de trutas secas, um punhado de algas vermelhas desidratadas, ossos para sopa, meio saco de farinha e a manteiga que ainda não raspei do fundo do tacho – acho que não seria inteligente deixar que os pássaros provassem meu próprio gosto. De qualquer maneira, dificilmente isso será necessário: acho que, neste instante, Már e Bjalla, o senhor e a senhora gaivotas, planejam um banquete com minha carcaça, caso eu morra congelado nessas saídas para esvaziar o penico. Se minha vida tiver fim dessa forma, o jantar das gaivotas será mais escasso do que esperam, e que façam bom proveito. O pior ainda estava por vir, aquele dia ingrato reservara seu golpe mais cruel para o final. O Senhor, em Sua sapiência, decidira me provar ainda mais. Eu mal começara a esvaziar o penico quando percebi que a lua tinha mudado de formato: sua porção esquerda estava afundada, como a bochecha que afunda ao ser estapeada pelos dedos do espectro da fome. De início, achei que eram as nuvens de tempestade que voltavam a encobri-la e lamentei que não a deixassem em paz lá no alto, mas, observando melhor, percebi que as nuvens na verdade ainda estavam se dissipando. Bati o penico contra as pedras. Apesar de haver apenas pouca coisa nele, cuidava para não golpear o fundo com muita força, pois a madeira estava começando a ser corroída

pela urina, e eu não podia me dar ao luxo de quebrá-lo. Entre uma e outra batida surda, observei quando uma quarta parte da lua foi devorada. Medo e pavor! Em meio à letargia do inverno, dei-me conta do que estava acontecendo: um eclipse lunar! A lua, única fonte de luz que restara em minha solidão, naquele dia mais escuro do ano, estava entrando em eclipse. Atrás, o sol se arrastava furtivamente sob a orla da Terra, projetando a sombra do globo terrestre sobre sua pobre irmã. Dessa forma, ele nos colocava a ambos em nossos respectivos lugares: lembrava à lua que, sem ele, ela não era nada além de uma escura, enorme e triste montanha de basalto; a mim, o pobre velho de bengala, Jónas Pálmason, lembrava que eu deveria voltar ao abrigo. Pois humanos, insignificantes como são, não estão convidados à comédia familiar dos corpos celestiais, e, se eu ficasse mais um instante com o nariz voltado para a lua eclipsada, morreria congelado ali mesmo onde estava e seria encontrado só na primavera, inerte e com as mãos enrijecidas agarradas ao penico. Então, percebi que aquele dia não fazia jus ao nome, que o mais correto seria arrancá-lo do calendário, colocá-lo entre as páginas do livro negro *Noites*, cujo autor é o diabo. Acatei aquela ordem do sol furioso, voltei com pressa, passei a tranca na porta, arrastei-me até a cozinha, coloquei o penico debaixo da cama, deitei-me de bruços, me cobri com a manta e fiz o sinal da cruz. E aqui ainda estou, deitado. Oh, mas não seria correto e verdadeiro tudo aquilo que os charlatões estrangeiros escrevem em seus diversos e eruditos relatos de viagem sobre o mau tempo e os absurdos desta ilha de condenados, a Islândia – ainda que todos os cidadãos educados deste país sintam aversão e se revoltam contra esse tipo de relato? Arngrímur Jónsson, o Velho, soltou o verbo contra essas crônicas em dois de seus livros, sendo que ambos chegaram a ser impressos: num deles, publicou um retrato de si mesmo, enquanto o outro traz uma ótima gravura de macaco. O bispo Oddur Einarsson

também compilou um livro desse tipo, cujas cópias ainda são encontradas em diversos lugares, apesar de não ser ilustrado; seu filho, o bispo Gísli Oddsson, está escrevendo dois panfletos, ainda que despertem pouco interesse do público. Não li nenhuma dessas apologias islandesas, pois todas foram escritas em latim, idioma em que não sou versado, mas certamente são obras que não primam pela verdade, além de soarem enfadonhas e serem de difícil leitura, já que nenhum dos três alcançou a graça popular nem é reconhecido pelo domínio das palavras. No entanto, ouvi de segunda mão vários trechos desses controversos escritos peregrinos, apesar de não os ter visto com meus próprios olhos, pois as autoridades do país os tratam com a mesma severidade de um homicídio. Entretanto, julgando a partir de tais fragmentos, vejo claramente que seus autores estão em grande parte equivocados, contam diversas mentiras, exageram e inventam aquilo que ignoram – de fato, alguns sábios garantem que a leitura de tais escritos demonstra que os autores nem sequer puseram os pés na Islândia; ainda assim, de todos os disparates neles contidos, uma coisa é certa: os autores andam perto da verdade ao afirmar que o inverno islandês não é nenhum jardim do Éden, mas o próprio inferno. É o que o inglês Thomas Nashe teria afirmado em sua obra *Terrores da noite*: “Encantadoras (acima de todo o resto) são as incompreensíveis maravilhas do lago Vetter, cujo fundo é insondável e sobre o qual nenhuma ave sobrevoa sem congelar até a morte e pelo qual homem nenhum passa sem trocar de genitália e acabar imóvel como uma estátua de mármore”. Evidentemente, não há na Islândia lago Vetter; além disso, pouquíssimo pode ser considerado encantador em todo esse horror, embora eu não consiga afirmar se algum de nossos maiores lagos tem ou não fundo. Porém, o que aquele cavalheiro estrangeiro conseguiu descrever nesse trecho, melhor que eu ou qualquer um de meus compatriotas mais eruditos, é o amargo e entorpecente

desamparo que sinto neste dia, no meio do inverno, na praia de Náströnd, distante do sol. Eu sei disso porque estou aqui. E assim é com todas as ideias fantasiosas de Arngrímur e seus iguais: com suas queixas toscas sobre noites sem fim, neves que ardem, baleias do tamanho de montanhas, o toque das cornetas dos mortos em vulcões e icebergs, bruxas que vendem ventos favoráveis aos marinheiros ou que mandam seus filhos à lua; de uma forma estranha, parecem muito mais com as histórias que nós, gente humilde e comum, contamos a nós mesmos quando tentamos compreender nossa existência aqui e torná-la mais aceitável. Agora que considero essa questão um pouco melhor, como posso saber se há ou não aqui lagos como o descrito na obra do sr. Nashe? As autoridades da Islândia não quiseram custear minhas expedições científicas pelo país; fingiram ser surdas aos conhecimentos que reuni sobre areias de prata, veios de ouro e jazidas de pedras preciosas. Não, estão ocupadas enriquecendo com os frutos que esta terra libertina lhes oferece, condenando inocentes, impedindo homens honestos de prover a seus filhos, separando suas famílias, decepando-lhes dedos e orelhas. Lê-se naquele mesmo trecho do livro do cavalheiro Thomas Nashe: “É dito que, em tempos muito remotos, o papa expediu em Roma uma bula pontifícia com a qual autorizava os islandeses a usarem hidromel na celebração da missa, pois tamanho é o frio daquelas praias que o vinho mediterrâneo se converte em areia vermelha ao ali aportar”. E também: “A cerveja deles é viscosa como resina. Eles a levam nos bolsos dos casacos e, quando sentem sede, derretem-na sobre uma fogueira para beber”. O Onisciente sabe que, nessas horas miseráveis, seria um grande consolo para mim enfiar a mão no bolso e de lá tirar uma caneca de cerveja morna e reconfortante. Porém, oh, azar, o velho Thomazinho aí conta uma mentira deslavada.

* * *

BALEIA-BRANCA: também conhecida por alguns como “beluga”; desta criatura veio o ditado que “raramente a baleia-branca se afasta do cardume”. É considerada um animal muito esperto e curioso, que com frequência acompanha os pescadores, apesar de se manter longe das vistas, raramente vindo à tona. Conta-se que, certa vez, quando toda a tripulação de um navio que caçava tubarões dormia, exceto um marinheiro, uma beluga veio à tona e encostou à embarcação. O marinheiro agiu rapidamente e desferiu-lhe um golpe com porrete. Quando os demais acordaram, disseram-lhe que o animal se vingaria, e ele, dando ouvidos ao aviso, se retirou para as montanhas. Durante treze anos ele se manteve longe do mar. Passado esse tempo, julgou que, àquela altura, a beluga já teria perecido e foi pescar na mesma região onde o fato ocorrera. Então, a beluga veio à tona e, de toda a tripulação, abocanhou apenas ele. Nunca mais foram vistos – nem o animal nem o marinheiro. E essa foi a origem do ditado “fulano é mais vingativo que uma baleia-branca”.

* * *

A cozinha é o menor cômodo da cabana. Aqui é mais fácil se manter aquecido – se é que a situação pode ser considerada fácil ou o cômodo ser chamado de aquecido. Para fazer entrar a cama aqui, retirei os batentes das portas que dividem o corredor da sala de estar e entre a cozinha e o corredor. Não os coloquei de volta, mas os usei como lenha. Uma péssima ideia, eu sei – a cabana ainda vai acabar despencando na minha cabeça –, mas eu precisava me aquecer depois de tanto esforço. E como o espaço da porta da cozinha ainda assim era estreito demais, tive que arrancar os pés da cama para fazê-la passar pela porta; depois disso, foi impossível colocá-los de volta. Portanto, também foram usados como lenha. E como a profundidade da cama era maior que o tamanho da cozinha, eu a escorei de um lado contra a chaminé, que

fica na parede à direita de quem entra, e do outro contra as pedras da lareira. Portanto, quando me deito, fico um pouco na diagonal, o que significa que ou mantenho a cabeça na altura da metade da parede e os pés junto ao fogo, ou os pés no alto e a cabeça embaixo, e, assim, quando as chamas ardem sob a panela, fico com a cabeça fervendo e os pés congelados ou vice-versa. Por isso, o tempo todo troco de lado na cama, de lá para cá e de cá para lá, sem parar, como um pião – o que não é nada bom para alguém que, como eu, sofre de reumatismo. É assim que fico, junto à fogueira, como faria qualquer herói caseiro, arrancado de suas aventuras e totalmente esquecido e enterrado para ser convocado para realizar seus feitos de coragem em reinos longínquos. Apesar disso, fui um visitante útil no reino daquele soberano ocupadíssimo, Cristiano iv. Voltei triunfante da Dinamarca no verão passado, com um decreto régio, assinado por Sua Majestade em pessoa e chancelado por diversos selos de seus dignitários, encarregando seus súditos, meus patrícios, a dispor conforme o desígnio, convertendo em absolvição aquela sentença tola e brutal que haviam feito recair sobre mim em sua corte libertina, no lodo da pradaria de Thingvellir, naquele ano de 1631. Ao decreto, ele anexara uma sincera recomendação que os sábios mais notáveis do reino da Dinamarca haviam me dado depois de terem me sabatinado durante um dia inteiro, sob a direção de seu reitor e sapientíssimo preceptor, Ole Worm. Reunidos naquele conselho universitário, que denominam Consistório, por ser respeitado pelos cavalheiros daquele país devido a infalibilidade e retidão, assim sendo os mais hábeis praticantes da arte do aprendizado, todos reconheceram que Jónas Pálmason, de Strandir, havia apenas compilado conhecimentos populares antigos e inofensivos, uns melhores e outros piores – como tudo o que é feito pelos homens –, sendo que a maioria de tais informações já tinha inclusive caído em desuso, mas nem por isso aquele

homem podia ser acusado de feitiçaria por ser nada mais do que um diligente conhecedor das artes mentais e manuais, apesar de não possuir treinamento formal. Com aquele testemunho favorável e o decreto assinado pelo rei, peguei um barco em Copenhague na última primavera, certo de que, de volta à pátria islandesa, enfim justiça se faria. Porém, a alegria durou pouco. No mesmo barco em que fui, viajavam os emissários daquelas línguas caluniadoras e bipartidas que insinuaram mentiras suaves nos ouvidos dos dinamarqueses no outono passado, levando-me, assim, ao calabouço. Eram comandados pelo sobrinho do intendente Ari Magnússon, conhecido por uma marca de nascença junto ao canto do olho esquerdo. Aquelas viborazinhas fizeram a cabeça do jovem capitão que tinha sido encarregado de me levar à Islândia, convencendo-o de que eu era culpado pelos ventos que agitavam as ondas, lançando os vagalhões contra seu barco. Manipularam tão bem a alma simplória dele que, quando chegamos à costa islandesa, em frente ao promontório de Rosmhvalanes, demônios do mar, quimeras, sereias malignas e outras criaturas medonhas causaram uma tempestade de seis dias, que nos impedia de avançar e de recuar; o capitão achou que era eu quem agitava o mar daquela forma, usando de feitiçaria, e mandou a tripulação me lançar às ondas. Porém, quando eles já me erguiam na amurada do navio, a tormenta se acalmou subitamente; portanto, não seria necessário me afogar daquela vez. Depois daquilo, o pobre mercador e a tripulação ficaram ainda mais convencidos de que eu era mesmo um feiticeiro e me achavam tão poderoso que me deixaram em paz durante os dois dias que restavam de viagem. A nenhum deles ocorreu que se tratara de uma intervenção da abençoada Providência, que daquela forma evitara que matassem a um inocente. Já aquelas víboras serpentearam e esperaram junto às cordas do convés até chegarmos à terra firme. O navio mercante mal tinha lançado âncoras em Hafnarfjörður quando aquelas línguas

caluniadoras lançaram um bote ao mar e remaram até a praia. Aquilo não era bom sinal. E, antes de que nos déssemos conta, o carrasco do governador de Bessastaðir foi transportado de bote e subiu ao navio com outro sujeito, levando correntes e grilhões, sendo óbvia a missão deles: prender-me. Fugi do carrasco às pressas, trepei no mastro e gritei que preferia me lançar ao mar a desembarcar em minha própria pátria a ferros. Então, os tripulantes, antes tão dispostos a me atirar às ondas, tentavam a todo custo evitar que eu me afogasse voluntariamente. A presença do carrasco lhes conferiu bravura, e eles me seguiram até o alto do mastro, puxaram-me para o convés e seguraram-me firme enquanto ele colocava o grilhão no meu pescoço. Foi assim que desembarquei, acorrentado como um vira-lata feroz. Aquele era um prelúdio condizente com o tratamento brutal que os inimigos haviam reservado para mim. Prenderam-me a ferros, amarrado de costas sobre o lombo de uma égua velha e a fizeram seguir à frente da caravana para que, perto de algum povoado no trajeto até a pradaria de Thingvellir, fosse a mim que os cães farejassem primeiro, e corriam ganindo e latindo em torno da égua, seguidos de uma turba de crianças e adultos que me cobriam com vaias e insultos grosseiros, ainda que nenhum deles soubesse o que o suposto criminoso havia feito de tão ruim. Ao chegarmos à corte, os juízes desconsideraram o decreto do rei, ignoraram o parecer do conselho universitário e confirmaram a sentença de desterro que haviam proferido antes. O que me deixou mais pesaroso foi o fato de aqueles juízes se dizerem fiéis ao rei, vários deles sacerdotes e outros que se consideravam cristãos, muitos dos quais, em suas estadas em Copenhague, eram convidados na casa do hospitaleiro Worm e abusavam de sua benevolência mesmo depois de voltarem à Islândia. Vi com meus próprios olhos como esses falsos amigos atormentavam o senhor doutor com cartas maçantes, em que pediam que

ele lhes enviasse todo o tipo de futilidade, como aguardente e tecidos finos; que mencionasse o nome deles na corte do rei; que prescrevesse tratamento para suas hemorroidas ou as das sogras, para as dores de dente de suas esposas e para as prisões de ventres de seus filhos – sendo que todos os sintomas derivavam dos hábitos que esses “nobres” do interior da Islândia tentavam imitar do estilo de vida cortesã, com a correspondente preguiça e o excesso em devorar guloseimas com a pontinha dos dentes, à moda dinamarquesa. Não satisfeitos em pedir que ele tratasse com indulgência seus filhos indolentes, que faziam de conta que estudavam naquela universidade – os fundos gastos para custear as bebedeiras e as extravagâncias absurdas de vestuário daqueles tolos seriam mais bem empregados se a Igreja os confiscasse para ajudar o rebanho de mendigos que diariamente eram expulsos da cozinha das casas das famílias desses beberrões bem adornados –, como se não fosse o bastante, os mais impertinentes desses requerentes ainda por cima pretendiam que o sr. Worm dedicasse seu precioso tempo para compor poesias fúnebres para eles e, poupando-lhe o trabalho, eles mesmos sugeriam os elogios. Em retribuição por essas encomendas, costumavam enviar-lhe livros velhos, pedras medicinais e exemplares da natureza, dos quais poucos chegavam intactos ao destinatário: plumagens de pássaros cheias de vermes, arraias apodrecidas, conchas e ovos partidos em mil pedaços, pedras de invisibilidade, grosseiramente contrafeitos, e por aí vai. Enquanto fui hóspede do preceptor Worm, nos divertíamos jogando fora todo esse lixo, ambos às gargalhadas: ele, o acadêmico, e eu, o poeta. Ele se conformava com aquele comércio unilateral com os islandeses, pois, de vez em quando, calhavam de lhe enviar alguma preciosidade, como as peças um tanto antigas e bastante bem entalhadas de um jogo de tabuleiro, feitas em dentes de baleia, presente de Magnús Ólafsson, da estância de Laufás. Apesar de os

correspondentes traiçoeiros de Ole Worm incluírem sujeitos honestos, como meu tio e também o primo de Laufás, nenhum deles se encontrava entre os magistrados que agora voltavam a me julgar, com má-fé. Na melhor das hipóteses, eles agora tinham por mim um ódio ainda mais venenoso que antes: ressentiam-se do fato de o parecer do conselho universitário declarar, na verdade, que a sentença deles carecia de fundamento e a condenação fora arbitrária; minha amizade com o sábio Ole Worm enchera o coração deles com inveja e temor de que eu contasse a ele toda a verdade a respeito deles; e, como o covarde que mijava nos novilhos depois de ser açoitado por atirar pedras nas vacas, decidiram aumentar sua desgraça. Endureceram minha pena, acrescentando uma cláusula dizendo que, até que alguém se dispusesse a me levar para o estrangeiro, eu deveria ser mantido a ferros no calabouço em Bessastaðir, ciente de que, como antes, nenhum capitão se disporia a tal missão e, portanto, eu provavelmente morreria naquele buraco escuro – ideia que muito lhes agradava. Ali revivi meus pesadelos de seis anos antes, com a diferença de que agora Brynjólfur Sveinsson e sua mão abençoada não estavam por perto. Debaixo da zombaria barulhenta da assembleia, fui novamente amarrado no lombo da égua e, quando o carrasco estava prestes a açoitá-la para fazê-la partir, a voz de seu superior, o representante do governador, Jens Söffrinson, procurador de Bessastaðir, se fez ouvir. Pedia clemência ao tribunal para que ele não sofresse com os encargos de abrigar um indivíduo tão problemático como Jónas Pálmason. As palavras daquele homem influente causaram gargalhadas e risadinhas, além de gestos com as mãos, com a cabeça e cusparadas. Quando os homens recuperaram o controle das mãos para limpar a baba dos cantos da boca, conformaram-se em acatar tal pedido. Com isso, fui desterrado novamente nesta ilha.

* * *

Ali estava ela, naquele trecho de urzal ao lado da trilha que ia até nossa cabana, aos caprichos do clima e dos ventos: minha esposa, Sigríður Thórólfsdóttir, que agora não passava de uma massa disforme enrolada em farrapos negros. Larguei a bagagem, corri até ela, me joguei de joelhos e a envolvi em meus braços, gritando:

— Sigga, Sigga!

Entretanto, soltei-a de imediato: de seu corpo emanava uma friagem, como uma corrente de ar que chega do corredor. Saí em disparada na direção da praia em que havíamos atracado, acenando e gritando por ajuda, mas o moço que havia me levado até a ilha já estava fora de alcance: próximo à beira de Norðurbær, ele se inclinou para remar e não me viu ou fingiu não me ver. Corri de volta, abracei Sigríður outra vez, apertando-a com força: ela era só pele e ossos debaixo do xale. Dei com toda força o punho contra minha própria testa. Meu Deus, meu Deus! Ai, os porcos malditos traíram a promessa de ajudá-la com as tarefas do outono. Nem se deram ao trabalho de trazer mantimentos para ela passar o Natal ou de dar uma olhada em como minha velha estava, ali, na ilha de Bjarnarey. Desejei que fossem todos para o inferno. O lenço cobria-lhe até a ponta do nariz, não deixando ver quase nada de seu rosto além dos lábios franzidos e do queixo impassível. Puxei o lenço suavemente por sobre a testa, sua carne amarelo-azulada estava fria como o gelo, mas parecia intacta, a não ser por um ramo de tomilho em flor grudado em sua bochecha direita. Onde estavam os olhos? Teriam sido arrancados pelos corvos? Toquei nas pálpebras e, graças a Deus, ali estavam seus olhos, cuja coloração muito negra fizera eu me enganar. Chorei. Começou a chover e parou de chover. E eu continuei chorando. Não havia eu matado minha Sigga também? Anoiteceu e começou a chover outra vez.

Carreguei-a para dentro da cabana, coloquei-a sobre a cama na sala, ajoelhei-me diante dela e pedi que me perdoasse por tudo de ruim que eu lhe causara, por todas as coisas, pequenas e grandes, por todos os tormentos que ela teve que aturar graças a minha curiosidade obsessiva, por minha mania de colecionar objetos, que abarrotava as prateleiras de todos os tipos de frutos medicinais, minérios e plantas venenosas, além de livros em idiomas que nenhum de nós sabia, enquanto as correntes de ar assobiavam nas panelas vazias, por meus discursos sobre o rapogato e a gatoposa, pela noite em que a repreendi na frente de nossos filhos, pelos golpes de mestre totalmente inúteis e pelas ideias penosas que minha mente sempre engendrou e que costumavam resultar em enrascadas, pela possibilidade de fama que nos arrastava de comarca em comarca, de morada em morada, de um cantão ao outro da Islândia, nos deixando mergulhados em dívidas junto justamente a quem me tornaria rico, por fim obrigando-nos a abandonar nosso lar, e isso repetidas vezes. Pedi que me perdoasse pelos sofrimentos imperdoáveis que lhe causei ao me intrometer em assuntos muito fora da alçada de um pobre poeta, provocando a ira dos poderosos a que eu não era páreo e que não entendi se tratarem de chacais, não de leões, e que eles não se dariam por satisfeitos enquanto não me desferissem um golpe mortal. O silêncio era opressivo, total. E, desta vez, não foi quebrado pela rápida bronca que Sigríður, nos últimos tempos, lançava logo depois que eu expunha minhas várias ideias:

— É graças a essas tolices que nós viemos parar aqui.

Sempre que ouvia minha esposa me recriminar dessa maneira, eu perdia todas as forças para seguir adiante, pois nada me fazia sentir mais impotente que aquelas palavras. Aqui ou ali fomos parar graças àquelas tolices, lá e acolá, para a frente e para trás. Foram tantos “aquis” em que paramos contra a vontade, fugindo o tempo todo de meus desafetos, das garras prateadas de aves de rapina

que perseguiram a mim e a meus familiares. A mim e a tudo o que me era caro. Espiões se escondiam atrás de cada moita, ansiosos por delatar o pobre fugitivo, na esperança de que inimigos poderosos o recompensassem com alguma migalha. Sim, efêmera foi a alegria de Judas, e aflitivo e escaldante foi seu remorso; porém, esses traidores não tinham escrúpulos, pois gabavam-se de ter ajudado a prender o desterrado Jónas, o Erudito, afirmando ter feito isso apenas por divertimento e pela paga de trinta moedas de prata. Ainda arde em minha mente a visão do desespero de meus filhos quando o pai deles foi coberto de estrume, esmurrado e espancado com punhos e porretes antes de ser jogado, inerme e indefeso, de cabeça para baixo no calabouço. Ainda ouço o pranto lamurioso daquelas crianças, abraçadas às paredes externas da prisão, encostando as orelhinhas tenras na pedra fria na esperança de ouvir papá dizer que tudo iria ficar bem. Do lado de lá da parede, eu me contorcia, preso às correntes, erguendo as mãos aos céus e gritando exatamente aquilo:

— Vai ficar tudo bem, meus filhos queridos; com a ajuda de Deus, tudo vai acabar da melhor maneira quando o Senhor, do alto de Sua glória, ouvir as preces de vocês e minhas súplicas. Então, tudo vai acabar bem.

Apesar disso, nada melhorou; pelo contrário, só piorou. Acaricieei a testa de Sigríður, passando pelo nariz e pelas bochechas dela, contornando o raminho de tomilho. Da última vez em que a ouvi dizer “nós”, ela se referia tão somente a ela própria, coitadinha, e a mim, este desgraçado, os dois infelizes na ilha de Gullbjarnarey. Porém, antes, ela se referia a “nós dois e nossos quatro filhos”, depois “nós dois e nossos três filhos”, e um pouco mais tarde “nós dois e nossos dois filhos”, até significar apenas “nós dois e o pequeno Gvendurzinho”, já que nosso filho mais velho, Pálmi Guðmundur, foi o único que chegou à fase adulta, tendo a ajuda de ter sido batizado com o mesmo nome do bom bispo Guðmundur

Arason. Seus irmãozinhos e sua irmãzinha foram ceifados como pequenas flores de haste frágil, tombando ao solo e murchando precocemente. São coisas com que não se pode conformar. O carneiro correr mais depressa que o cordeiro, o cisne revoar antes do filhote, a truta ser mais ágil na água que o alevino, a criança se exaurir antes do pai. O pai e a mãe assistirem impotentes à morte dos filhos.

— É graças a essas tolices que nós viemos parar aqui.

A portadora dessa amarga verdade agora havia partido, e a palavra “nós” se referia apenas a mim mesmo. Naquele momento sombrio, eu daria minha vida para ouvir os lábios dela, ainda vivos, me dizendo aquela frase uma vez mais. Então, vi o brilho de uma lágrima brotar no canto do seu olho esquerdo. Por um instante, fui tomado de uma alegria extraordinária: Sigga não havia morrido, apenas havia perdido os sentidos em razão da fome; eu poderia curá-la, usando algumas ervas, massageando suas mãos rijas para aquecê-las, amparando-a durante caminhadas nos campos acidentados até que ela recuperasse as forças – então voltei à tenebrosa realidade ao perceber que se tratava apenas de uma lágrima que havia escorrido do meu olho para o dela. Sigríður jazia de lado, com os joelhos dobrados, como se cochilasse: assim seu cadáver tinha enrijecido. Deitei-me ao lado dela na cama, colocando o braço sobre seu corpo e pousando o rosto sobre sua nuca; o xale ao redor de sua cabeça tinha um aroma de beijo-de-freira e de empetrácea. Então, sussurrei:

— Partiste para o reino além das nuvens, além do sol e da lua e do céu, para uma terra onde todo o pesar é consolado pela eterna luz e misericórdia, junto aos pés de Cristo. Ali, onde teus filhos irão te receber, correndo em tua direção, de braços bem abertos...

Foi só o que consegui sussurrar, já que as últimas palavras me criaram um nó na garganta. Se nossos filhos ainda estivessem vivos, já seriam adultos e teriam muitos

filhos também. E levariam o casal de velhos, o vovô Nasi e a vovó Sigga, para viver com eles, pois quem uma vez já morou no corpo de sua mãe e já teve um cantinho no coração de seu pai acabará por prover um teto sobre sua cabeça na velhice. Mas isso nunca ocorreu nem nunca vai ocorrer. A ira tomou conta de mim. Cerrei os punhos e implorei:

— Meu bom Deus, leva o canalha Náttúlfur Pétursson e devolva-me o pequeno Hákon, que sempre foi tão gentil quanto uma menina. Pai misericordioso, leva Ari Magnússon de Ögur e devolva-me Berglind, de mãos rápidas e tão habilidosas em esculturas quanto às do pai. Criador celestial, leva o velhaco mentiroso do reverendo Guðmundur Einarsson e devolva-me meu filhinho Klemens, que tinha um olho verde-musgo e o outro azulado. Senhor glorioso, leva toda aquela multidão de patifes inúteis que cotidianamente sobrevive a suas vítimas, folgados em seus altos postos e tronos, devorando carne gordurosa e fumegante de um rebanho que pasta nos campos verdejantes de uma campina, cuidados com diligência por pessoas trabalhadoras, inocentes e piedosas; aqueles, que se gabam de ter tirado a comida da boca de certo homem e a pensão de determinada mulher, quando eles mesmos mal conseguem falar, com a boca cheia daquele alimento advindo de suas desonestidades, desfrutando até a velhice dos frutos de seus feitos mais cruéis durante sua existência terrena, com as bênçãos dos bispos e convencidos de que, graças àqueles atos vergonhosos, a que denominam “a labuta diária nas vinhas do Senhor”, terão comprado um lugar no céu; meu Deus, leva todos eles daqui e fala o que quiseres com eles, mas me devolva minha Sigríður Thórólfsdóttir, mulher temente a Deus, esposa querida e mãe zelosa, que jamais pediu nada para si, mas rogava por misericórdia e boa sorte para os amigos e até para os desconhecidos.

Essas maldições saíam de minha boca como ondas quebrando contra as pedras. Eram tão terríveis que, quando dei por mim, desejei que o Senhor, com Sua piedade e Sua compreensão da precariedade humana, fingisse ter fechado Seus formidáveis ouvidos enormes, que a tudo ouvem, exatamente naquele momento sombrio. E Ele ainda não brandiu sobre minha cabeça o castigo do açoite – afinal, o que mais Ele poderia me causar? Eu segurava as mãos enrugadas de Sigríður, sentindo cada tendão, os ossos das mãos dela delineando-se sob a ponta de meus dedos, e entre eles a carne esquelada, pois ela começara a sofrer de inanição muito tempo antes de morrer. Apesar de minhas tentativas de dissuadi-la, ela fez questão de ficar sozinha naquela ilha. Porém, como poderia uma mulher sozinha sobreviver a um inverno inteiro nesta ilhota maldita? Nem mesmo a diligente Sigríður Thórólfsdóttir seria capaz. E quem sabe o que será de mim? Na hora de sua morte, ela juntara as mãos e, com meu indicador, senti que ela segurava algo. Estiquei-me na cama e vi pelas frestas de seu punho cerrado um fragmento de tecido marrom, escuro. Aquele retalho envolvia um presente do nosso amigo Pedro, o Piloto, confessor e timoneiro da baleeira *Nuestra Señora del Carmen*. Eram relíquias sagradas: quatro minúsculas lascas de madeira, não maiores que os restos de unhas quando as cortamos, todas avermelhadas.

* * *

AERONAVE: ocorreu um evento singular na região ocidental da Islândia – uma corda com uma âncora na ponta despencou do céu e ficou presa no calçamento de uma igreja. Isso foi testemunhado por toda a congregação; as pessoas que deixavam a igreja tocaram naquilo. Passado algum tempo, um homem desceu pela corda e tentou soltar a âncora; ao ser tocado pelas pessoas, o homem esmoreceu como um peixe fora d'água, e a marca da morte logo se fez presente sobre ele. O pastor proibiu

que voltassem a tocá-lo e mandou que as pessoas soltassem a âncora. Com isso, tudo foi ao ar, o homem, a corda e a âncora, e ninguém nunca mais os viu.

* * *

Chegaram pelo mar como catedrais de velas brancas, navios da Igreja, lançados ao mar a partir das praias meridionais, com seus três mastros exibindo bandeiras e flâmulas cristãs tremulando; as figuras de proa eram pintadas com requinte e encaravam, com olhar de censura, os monstros marinhos que ousassem se aproximar demais, e havia cruzes entalhadas em ambos os lados, enquanto na popa erguia-se a imagem da Virgem Maria, com seus braços maternais abertos, envolvendo tanto o barco como a tripulação. Na amurada, estava escrito o nome das igrejas mais sagradas e dedicadas à santa Maria em sua pátria: Nuestra Señora de la Paz, Nuestra Señora de la Estrella e Nuestra Señora de la Inmaculada Concepción. E, quando soprava a brisa, podia-se ouvir o sino do navio cantar.

— Paz, estrela, imaculada... Paz, estrela...

Eu e Sigríður morávamos em Litlu-Vík havia apenas dois meses quando os vimos chegar pelo mar. Foi no início do verão de 1613. Ela cuidava das ovelhas. Eu estava na oficina, supostamente entalhando uma gravura no chifre de um boi, encomenda pela qual eu já tinha recebido e que já estava atrasada, mas na verdade eu lia, ainda que com dificuldade, um compêndio das fábulas de Esopo em alemão. Pálmi Guðmundur estava sentado na entrada da oficina, brincando de empilhar uns ossos de ovelha que eu tinha pintado de várias cores para ele. Então, Sigga entrou correndo, pegou o menino no colo e gritou para que eu fosse ver algo incrível. Subimos em um morro da fazenda e protegemos os olhos com as mãos. O que vimos era realmente incrível, era muito mais do que

apenas "algo". Ergui as sobrancelhas e lancei um olhar inquisitivo para a Sigga, que apenas sorriu. Senti um enorme alívio, pois ela relutara em se mudar de Ólafseyjar, apesar de não estar especialmente contente lá, menos ainda quando os nativos não me pagaram a recompensa que me haviam prometido para exorcizar o fantasma de Geirmundur Hjörsson, alegando que eu também prometera encontrar seu local de repouso final, para onde ele levava seu tesouro. Ainda assim, consegui convencê-la de que seria melhor para nós viver no lugar onde meu renome era maior, ou seja, na região onde nasci, em Strandir, a oeste de Snjáfjallaströnd. Sim, aquele maravilhoso espetáculo flutuando no mar de verão faria nossa estada ali promissora. No entanto, quando ficou evidente que aquelas naus extraordinárias navegavam para além da vista, passando a leste pelo promontório para adentrar no fiorde vizinho, decidimos juntos que, ao raiar do dia seguinte, partiríamos atrás delas. Seguimos montando em cavalos que uns benfeitores meus tinham nos vendido. Nosso filho ia a minha frente, no lombo de minha montaria. Nossa ansiedade para ver os navios de perto era tamanha que parecia contagiar os cavalos, que seguiam em um galope tão intenso que, quando nos demos conta, já estávamos no fiorde de Reykjafjörður. Assim que chegamos lá, ficamos apreensivos. Por toda parte, fogueiras ardiam e, ao nos aproximarmos da fazenda, ficou evidente que todos os móveis das casas haviam sido amontoados ali e, então, incendiados. As casas estavam vazias, notando-se que tinham sido abandonadas às pressas: viam-se vasilhas e outros utensílios quebrados nas cozinhas e vários outros objetos menores espalhados em desordem nas salas e nos corredores. Tudo indicava que aquelas belas naus navegavam sob bandeiras falsas: era um cenário de rapto e saqueio. Sigríður ficou paralisada em sua sela, tomada pelo pavor. Pálmi Guðmundur escondeu o rosto em meu peito, e eu mesmo tive que conter a

vontade de chorar – não de medo, mas pelo que me parecia ser um triste fim para a divertida cavalgada. Então, decidimos voltar para casa. Foi quando Pálmi Guðmundur começou a gargalhar. Ele apontou para encosta e disse, entre risinhos:

— Ômi 'quisitu!

De fato, na campina ao lado da fazenda havia um montículo de cor clara com aspecto humano, que tinha tanto pés como mãos, que, porém, não se achavam na posição correta. Desmontei, deixei o menino no colo de Sigríður e fui examinar aquela formação extraordinária. Tratava-se de uma velhinha cujas anáguas haviam se enroscado numa pedra saliente quando tentou pular por cima do muro. E assim ficara, desde o dia anterior, pendurada no muro, com as pernas para o ar. Soltei e desvirei a velha, que, assim que se recuperou, nos contou a verdade sobre aqueles estragos e sobre o sumiço dos moradores daquelas comarcas. Quando viram os navios se aproximar, as pessoas se desesperaram e, para que os supostos piratas não tivessem o que saquear, os próprios moradores quebraram e esfaquearam tudo o que possuíam, queimaram ou afundaram suas coisas nos atoleiros antes de correrem para se esconder entre as colinas ou nos pântanos. Tamanho era o pânico que esqueceram a velhota ali, pendurada, de cabeça para baixo, como uma camisola no varal. Quando questionada, a senhora afirmou que, apesar de ter assistido àquela cena de cabeça para baixo, seria capaz de garantir que os supostos navios piratas navegaram para o sul, rumo ao fiorde de Steingrímsfjörður. Essa foi a primeira indicação de como aqueles enormes navios oceânicos instilavam pavor em nossos vizinhos. Com a noite já bem avançada, descemos o planalto a cavalo e chegamos ao vale de Selárdalur. Lá estavam aquelas embarcações majestosas, atracadas ao longe, no fiorde. Uma tenda fora erguida na pradaria da fazenda do reverendo Ólafur de Staður. De lá, saía um delicioso cheiro de assado, acompanhado de sons

animados de instrumentos musicais e vozes falando numa cadência exótica. Eram bascos chegados da Espanha em baleeiras armadas com arpões a fim de tentar a sorte no litoral da Islândia. Nas semanas seguintes, aqueles forasteiros se ocuparam em montar uma estação baleeira. Aparentemente, os navios acomodavam uma população inteira em seus ventres, pois ergueram com rapidez um cais e uma ferraria, um rancho e uma lavanderia, uma carpintaria e uma cordoaria, além de fornos feitos de tijolos excepcionalmente regulares para fabricar óleo de baleia. Passei a visitar o reverendo Ólafur com regularidade para ver como aqueles forasteiros realizavam tarefas manuais e pescarias. O religioso mantinha relações amistosas com aqueles caçadores de baleias, a quem de boa vontade mostrava onde ficava o território desses animais, afirmando ser um ato de piedade reduzir os cardumes de tais monstros, já que os próprios islandeses haviam se esquecido da arte de arpoar baleias. As pessoas ficavam deslumbradas ao admirar a perícia com que os bascos matavam os animais, combinando astúcia, ousadia e habilidades invejáveis. E nós ficávamos na praia, aclamando os pequenos barcos daqueles arpoadores pulando na crista das ondas enquanto aqueles gigantes se debatiam no próprio sangue. Rapidamente, espalhou-se a notícia de que os espanhóis aproveitavam apenas a banha daquelas criaturas, e com isso aqueles mesmos tolos que tinham ficado com uma mão na frente e a outra atrás depois de destruir tudo o que tinham em casa quando viram os navios começaram a confluir para o novo povoado. Os baleeiros se portaram com bastante generosidade e, por intermédio do reverendo, vendiam carne de baleia por qualquer ninharia que oferecessem como pagamento, como meias de lã e botões de osso, salvando, assim, a vida daqueles pobres famintos. Porém, o mais surpreendente foi a visita do novo intendente dos fiordes ocidentais, o jovem Ari Magnússon, que estudara em Hamburgo. Depois de inspecionar a estação baleeira e

inquirir os forasteiros e os nativos a respeito do comércio estabelecido entre eles, Ari chegou a um acordo com o capitão-mor da frota basca, o *señor* Juan de Argaratte, e estabeleceu uma tarifa de pesca correspondente a um décimo do total capturado, a ser recolhida à intendência na forma de barris de óleo de baleia ou prata no valor equivalente, solução que agradou a ambas as partes. Os espanhóis acharam melhor deixar a cópia do alvará de pesca com o reverendo de Staður, caso outros capitães de seu país fossem pescar ali no ano seguinte. Dezesete baleias foram caçadas naquele verão, deixando os baleeiros mais que satisfeitos. Começaram a desmontar a estação depois da festa de São Miguel e, então, zarparam. Voltaram para casa todosãos e salvos, e a expedição foi celebrada em todo o País Basco. A notícia de que no litoral da Islândia havia uma fonte inesgotável de baleias se espalhou. No mês de maio do ano 1614, vinte e seis baleeiras partiram de vários portos do norte da Espanha; porém, depois de serem atacadas por piratas ingleses, apenas dez chegaram ao destino. Como da outra vez, os caçadores de baleias armaram acampamento e construíram fornos para fabricar óleo de baleia no fiorde de Steingrímsfjörður, ainda que alguns tenham escolhido baías e enseadas mais ao norte dos fiordes ocidentais. Forasteiros e nativos continuaram em uma relação amistosa: estes prestavam bons serviços àqueles, e o comércio entre eles se multiplicava. Os fazendeiros passaram a ter produtos melhores que no ano anterior para oferecer, o que lhes permitiu adquirir e estocar carne de baleia para o inverno, desidratando-a e colocando-a na salmoura. Como pagamento, os espanhóis receberam ovelhas e bezerras vivos, leite e manteiga frescos. Então, o reverendo de Staður morreu. O funeral do pastor foi memorável. Sua alma foi encomendada em sua própria igreja, segundo o rito luterano, mas do lado de fora os bascos oficiaram uma missa católica pela alma do benfeitor, celebrada por Pedro, o Piloto, tripulante francês

do *Nuestra Señora del Carmen*, navio do capitão-mor da frota Juan Argaratte, que me autorizou a assistir à missa. Tendo em vista que esse tipo de culto papista pagão não era realizado na Islândia havia quase uma geração, aquilo provocou um misto de escândalo e pavor. Houve uma grande movimentação, tanto dentro como fora da igreja. Alguns dos homens saíram sob o pretexto de que precisavam fazer necessidades, mas, quando baixaram as calças junto às paredes da igreja, tiveram dificuldades para soltar os excessos de suas entranhas, apesar de serem capazes de observar muito bem o que se passava ali fora. Ao voltar para a igreja, mostravam-se muito ofendidos e proibiam que esposas e filhos saíssem para que não se deixassem corromper pelo comportamento daqueles hereges. Porém, nem todos haviam comparecido à fazenda de Staður para dar o último adeus ao grande mediador, o reverendo Ólafur. Enquanto a fumaça aromática dos incensos católicos subia, alguns pobres camponeses foram a uma enseada além do fiorde, ocupando-se em roubar a carne das baleias ainda não totalmente limpas que os bascos haviam armazenado naquela praia. Com aquilo, a paz se desfez, e ninguém seria capaz de controlar a multidão, a não ser as autoridades de Ögur. No entanto, o intendente ignorou as queixas do capitão a respeito do roubo de carne, chamando todos eles de “pagãos mentirosos”, pois tencionava tirar muito mais vantagem daqueles forasteiros do que vinha tirando até então. No inverno seguinte, Ari Magnússon pretendia pedir a mão de Kristín, a filha do bispo Guðbrandur, de Hólar, em casamento; porém, para se tornar um pretendente digno da donzela, ele precisava aumentar substancialmente seu patrimônio. Os rendimentos de seu posto como intendente eram muito mais escassos do que ele previra e, apesar do valor significativo, a décima parte das baleias caçadas não era o bastante. Então, o senhor de Ögur proibiu qualquer comércio com os baleeiros, usando a

mesma legislação do rei que ele mesmo descumprira quando chegou a um acordo com os bascos, concedendo-lhes o alvará de pesca. Além disso, começou a espalhar intrigas em que pintava a arrogância dos forasteiros. Eles não tiveram opção: ao partir de volta à Espanha, foram obrigados a comprar mantimentos unicamente dele. Então, vendeu aos vizinhos a carne de baleia, que recebeu como pagamento por ovelhas e laticínios, a preços extorsivos. Todos ficaram insatisfeitos com aquelas barganhas, menos quem as praticou em benefício próprio.

* * *

Um martelo, três pregos, um tronco de árvore e uma trave de madeira. Quando foi que ocorreu a um sujeito habilidoso girar um prego entre os dedos, desviar os olhos do prego a fim de olhar o martelo que golpeava com força a cabeça do prego e não ver mais à frente o trabalho de carpintaria, e sim um de seus irmãos pregado em uma cruz? Quem terá sido o primeiro pescador a nutrir a ideia de que seria ótimo cravar anzóis, grandes ou pequenos, na carne humana? Quem terá sido o ferreiro que ergueu pinças incandescentes da forja e foi tomado pelo desejo de com ela esmagar os seios de suas irmãs? Qual seria o nome do domador de cavalos a quem ocorreu a ideia de usar o açoite nas costas do menino de recados ou emprestar animais selvagens para que as autoridades dilacerassem os braços e as pernas dos viventes? Que naturalista enxerga na água e no fogo instrumentos para afogar e chamuscar o próximo, vê no vento e nos frutos da terra meios para fazer uma pessoa perecer sedenta ou envenenada? A quem ocorreu aproveitar todas essas coisas úteis para atormentar o próximo até a morte? Por que essas coisas se convertem tão facilmente em instrumentos letais nas mãos do homem? Por que é que uma faca não pode ser apenas um instrumento para

entalhar madeira, desossar ovelhas ou colher angélicas? Por que razão a lâmina afiada do cutelo tem que sempre abrir caminho até a jugular de nossos irmãos? E como é possível que esses instrumentos assassinos retornem ao mundo das utilidades práticas? Ninguém sabe; eu, muito menos. Porém, ainda se podem encontrar nas praias de Strandir ferramentas que atualmente cumprem um papel indispensável no sustento dos nativos, mas que há vinte e dois anos foram usadas para cometer atrocidades inomináveis, assim como os homens que as levaram em mãos. Brocas, sovelas, pás, machados e enxadas fazem o que lhes é mandado. Sou vítima das lembranças horrendas de como se deu o fim de meus amigos bascos, lembranças que fazem minha cabeça arder por dentro como as labaredas de um forno. Tiro de cima de mim a coberta de peles de carneiro, saio da cama, pisando no chão da cozinha, vou trançando os pés e corro para fora da cabana vestindo apenas camisa e meias. A noite de inverno me aplica um tapa gelado de neve, diminuindo por um abençoado instante aquelas lembranças ardentes. Porém, elas se inflamam novamente, agora dez vezes mais fortes, fazendo aquelas imagens terríveis e insuportáveis se desdobrarem em minha mente sob o acompanhamento da “Balada espanhola” que meu velho amigo Láfi, o Mago, compôs no começo do ano de 1615, a pedido de Ari de Ögur, que mais tarde despachou o bardo para declamar aquele absurdo durante os entretenimentos noturnos de toda a comarca. E assim o infeliz Láfi o fez, com sua voz rude e estridente, sugando a baba dos dentes enegrecidos entre uma estrofe e outra:

Súditos d'além mar ali chegaram, espaventos,
e deram de carnear vacas e bezerros sebentos
sem dizer qualquer palavra de agradecimento.

Privaram muitos de peixe, manteiga e farinha,
tiraram o pão da boca das gentes pobrezinhas,
expondo-as à geada e à *intempérie mesquinha*.

Homens e mulheres viviam na melancolia.
E ninguém a censurar os forasteiros se atrevia,
pois àquelas almas diabólicas o povaréu temia.

Foi assim que figurão de Ögur fez o infeliz Láfi atizar nos nativos as chamas do preconceito e do ódio aos espanhóis. Se aqueles baleeiros decidissem voltar aos fiordes ocidentais da Islândia, não teriam mais com quem fazer comércio, a não ser com o próprio tirano. E aqueles versos polêmicos foram declamados com tanta insistência que, quando o verão chegou, as pessoas acreditavam mais neles que nas próprias histórias do bom relacionamento que haviam travado com aqueles forasteiros heróis do mar. Então, no início do mês de junho, três baleeiras chegaram à Islândia depois de uma travessia ingrata pelo mar, que ainda estava congelado ao redor de nosso litoral, apesar de o calendário dizer que já era verão. Inicialmente, um ou outro camponês se aventurou a fazer comércio com os bascos, mas aquilo não durou muito, pois, aonde fosse, Ari Magnússon cheirava as panelas das famílias em busca do peculiar aroma de carne de baleia. Os capitães das duas baleeiras menores, Pedro de Aguirre e Estéban de Tellaria, se conformaram, pois sem dúvida já haviam passado por situações mais complicadas nas estações baleeiras da ilha de Jan Mayen. Já o terceiro capitão, que passava sua primeira temporada na Islândia, não entendia por que razão seus conterrâneos e os submissos habitantes daquele país respeitavam o embargo imposto por Ari. Esse capitão se chamava Martín de Villafranca, um ás dos mares, apesar de muito jovem, e comandava *Nuestra Señora del Carmen* naquela jornada. Seu ajudante de capa e espada era meu bom amigo, Pedro, o Piloto. Aparentemente, o capitão mandara roubar um ou outro carneiro das encostas, indo contra os avisos do piloto. Além de imponente, Martín era excepcionalmente corajoso e fazia algo que os demais capitães jamais ousavam: ele mesmo descia nos botes que iam arpoar as baleias. O verão transcorreu com poucas baleias caçadas,

muitos homens acidentados e os poucos mantimentos de sempre. E o novo decreto do intendente de Ögur foi posto à prova no outono, quando os baleeiros se preparavam para voltar ao País Basco com a pouca carga da temporada de caça. A temperatura era igual à de meados do inverno, com o gelo se espalhando desde o mar até o fundo do fiorde e o céu encoberto de nuvens escuras da manhã à noite. Eu seguia penosamente pela neve acumulada na porta da cabana, deixando o abrigo precário que me servia contra o vento norte, e descii a colina até o sopé, onde o clima estava ainda pior: seria preciso mais, muito mais, para apagar as chamas daquele pesadelo. A nevasca me açoitava vinda de longe; a fogueira de minha mente me devorava por dentro. Na terça-feira antes do dia de São Mateus, ou seja, 19 de setembro, as baleeiras se agruparam no fiorde de Reykjafjörður, antes conhecido como Skrímslafjörður. Ali, os capitães dividiam cargas e prepararam naus para zarpar. Então, apesar de a caçada poder ter sido melhor, os baleeiros comemoraram o fim da temporada, ouvindo-se o som de cantoria até o amanhecer. Durante a madrugada, os ventos se intensificaram até que se tornaram um temporal. Icebergs flutuaram na direção das naus dos capitães Estéban e Domingo, e, antes que eles tomassem quaisquer providências para proteger as embarcações, as amarras de seus barcos se romperam e os icebergs os empurraram na direção dos rochedos, onde os cascos colidiram. Ainda assim, graças à rapidez, aqueles capitães experientes conseguiram soltar as naus, que tinham ficado presas uma na outra e, por fim, se lançaram ao mar. Quanto ao jovem Martín, cabe dizer que conseguiu levantar âncora e navegar até o fiorde, onde se deu por vencido, e sua nau, descontrolada em meio àquela tempestade espantosa, encalhou num trecho pedregoso do litoral, onde ficou um bom tempo, oscilando de um lado a outro, até que as madeiras não resistiram à força dos elementos e cederam, fazendo a nau se despedaçar ruidosamente. Primeiro,

rompeu-se o leme, depois um rombo se abriu no casco abaixo do nível da água, e logo o barco foi invadido pelo mar. Então, os tripulantes pegaram seus livros sagrados e começaram a fazer preces, chorando abertamente. Ao receber os relatos do que ocorrera, Ari de Ögur se preparou para atacar os náufragos, ordenando que os fazendeiros da região se juntassem à tropa sem qualquer soldo, prometendo-lhes parte do espólio para cada homem que derrotassem. Fui o único dos habitantes de Strandir a não comparecer àquela convocação de guerra, com a desculpa de que tinha assuntos para tratar no sul, na península de Snæfellsnes, pois eu preferia pagar multa por desertar daquela guerra a decepcionar as pessoas que ali estavam a minha espera. Não tive coragem bastante para denunciar as atrocidades daquela campanha, mas minha decisão por si só foi suficiente para atrair maldições e ameaças do comandante, que ele de fato cumpriria – todas. É evidente que ele teria mandado me matar ali mesmo, no ato, caso soubesse que, com a morte do pastor Ólafur, ficara sob minha custódia o alvará de pesca que ele firmara com os baleeiros, os quais, primeiro, ele tinha enganado com sua sordidez e aos quais agora pretendia privar de tudo o que tinham, inclusive a própria vida. Enquanto os bascos tentavam chegar à terra como podiam, alguns nadando, outros agarrados aos destroços das naus, e outros ainda se arrastando sobre o gelo ou em meio às rochas, a milícia formada pelos fazendeiros empunhou suas ferramentas como se fossem armas e avançou na direção dos náufragos. Pedro, o Piloto, foi o primeiro a ser vitimado, juntamente com um pequeno grupo que se abrigara numa cabana de pesca abandonada. Surpreenderam-nos dormindo: Pedro repousava a cabeça num livro de salmos quando a esmagaram com uma martelada, seguida por uma facada que atravessou o coração até sair pelas costas. Ao lado do piloto, jazia seu corpulento camarada, Lázaro, que em vão tentou escapar depois de ser despertado pelo baque dos

golpes. Primeiro, arrancaram suas rótulas, depois, ele foi linchado por todos que conseguiram se aglomerar à volta, ainda que tenha lhes dado trabalho por algum tempo. Em outro cômodo, aos fundos da cabana, encontraram o barbeiro, o fonalheiro e o lavadeiro, que também foram retalhados e mutilados. Em seguida, foram todos despídos e atirados em valas como vieram ao mundo. No bolso da camisa de Pedro, havia aquelas preciosidades, as relíquias sagradas e um crucifixo, que os milicianos acreditaram se tratar de objetos de feitiçaria, apesar de não terem salvado seu dono – portanto, não ousaram tocar em nada. Os demais mortos foram carregados até a beira de um penhasco, de onde os cadáveres, nus e ensanguentados, foram amarrados todos juntos e jogados ao mar, como se tratasse ali de pagãos, não de pobres cristãos inocentes. Então, um relâmpago enorme atingiu a montanha como o golpe de uma espada, e o líder declarou aos seguidores que eles deveriam interpretar aquilo como um sinal de vitória. Depois de atravessar o estreito e seguir em meio a uma tempestade sob a qual quase não era possível navegar, a milícia chegou à fazenda em ruínas em que Martín de Villafranca se abrigara. Pela janela, avistaram-no sentado perto de uma pequena fogueira junto com alguns dos tripulantes, enquanto os demais estavam no salão principal, onde havia uma fogueira maior, junto à qual secavam roupas. O comandante ordenou que um miliciano tomasse posição diante de cada porta e cada janela, e, ao sinal, dispararam uma saraivada de tiros contra os bascos que se abrigavam na cabana. Ouviram quando Martín gritou que não sabia que seus pecados e os de seus homens eram tamanhos que merecessem ser fuzilados daquela maneira. A milícia era acompanhada pelo pastor de Snjáfjallaströnd, o reverendo Jón, pai do fantasma que eu e Láfi havíamos exorcizado; a este foi ordenado que se dirigisse ao capitão em latim. Por fim, Martín saiu de dentro da cabana e, de joelhos, com as mãos para o céu e os olhos marejados de lágrimas,

agradeceu ao senhor Ari Magnússon por conceder clemência a ele e a seus homens. Então, um sujeito pulou à frente e tentou acertar o pescoço de Martín com um machado enorme, porém, errou o golpe e acertou em cheio na clavícula, causando um ferimento pequeno. Retraindo-se diante do terrível golpe, Martín se levantou e correu para o mar. Parecia que ele estava deitado sobre as ondas, passando uma das mãos na cabeça e segurando a perna com a outra, ora nadando de costas, ora de peito, ora de frente, virando a cabeça de um lado a outro. Então, às pressas, carregaram um barco com homens, armas e pedras para ir atrás daquele pirata e acabar com a raça dele. Ao ver aquilo, Martín ainda nadou um bom trecho mar adentro, cantando salmos em latim durante o processo. Muitos dos que assistiram àquela cena ficaram impressionados com a energia e com a afinação dele. O barco o seguia o mais rápido que podia, mas o fugitivo nadava como uma foca – ou como uma truta. Afinal, um dos perseguidores conseguiu a façanha de acertá-lo com uma lança quando ele submergiu, próximo à quilha. Foi apenas quando o filho de um fazendeiro atingiu o nadador bem na testa com uma pedra que, finalmente, este começou a fraquejar. Levaram-no à praia, onde arrancaram todas as suas roupas. E assim, com ele nu da cabeça aos pés, na areia, olhando para o chão e gemendo, um dos milicianos esfaqueou o basco com sua peixeira, fazendo, de um único golpe, um talho do tronco até a virilha. Martín se contorceu violentamente, retraiu-se, conseguindo ainda se colocar de quatro, mas suas tripas acabaram saindo; foram seus últimos movimentos. Os milicianos caíram na gargalhada, e vários correram para ver as entranhas do homem, o que não conseguiram, pois o sangue vertia profusamente do abdômen. Então, esquartejaram e lançaram ao mar a carcaça do defunto. Depois da tempestade, deu-se a bonança, que foi atribuída aos poderes mágicos do cadáver de Martín. Depois, partiram para o ataque aos espanhóis que ainda

restavam, e nenhum dos náufragos da baleeira *Nuestra Señora del Carmen* teve tempo de implorar por sua vida. Foram colocados guardas em todas as saídas e abriu-se um buraco no teto da cabana. O irmão mais novo do comandante subiu pela parede da cabana e alvejou um a um com sua garrucha. Conforme tombavam, os que sobravam tentavam se esconder nos cantos ou debaixo das camas. Então, um miliciano recebeu ordens para entrar na cabana e cutucá-los com um forcado, obrigando-os a sair de seus esconderijos e a deitar no chão para que fosse mais fácil acertar os tiros. Aquela batalha terminou quando todos haviam tombado, inclusive o grande espanholão que muitos acharam que seria difícil de derrubar, mesmo desarmado. Quando parecia que todos estavam mortos, achava-se lá fora, escondido no curral, Martinho, o Inofensivo, o toneleiro da nau do capitão Martín, famoso pela ingenuidade, que se escondera na manjedoura a madrugada inteira. O homem que o encontrou ali não teve coragem de matá-lo. Por isso, entregou-o aos milicianos que estavam do lado fora. Quando aquele infeliz, de joelhos, delirando e exclamando “Cristo! Cristo!” implorou por sua vida, Ari Magnússon respondeu que lhe daria clemência, mandando-o à prisão. Porém, em vez de conduzi-lo à cela, os guardas o levaram até a multidão, quando um dos milicianos rachou a cabeça dele pela frente com um atizador de ferro e outro fez a mesma coisa por trás com uma pá de esterco. Martín, o Inofensivo, tombou morto com o segundo impacto, que pegou bem na nuca. Depois desse golpe, a batalha terminou com a vitória da milícia do intendente de Ögur. Com isso, os milicianos estavam ávidos em partilhar o enorme espólio que lhes fora prometido. No entanto, a conversa já era outra: tudo o que houvesse de valor nos destroços das naus ou que acabasse varrido pelas ondas até praia seria considerado propriedade da Coroa, e ninguém poderia se apossar de tais mercadorias, à exceção do intendente Ari Magnússon.

Os homens poderiam saquear os trapos ensanguentados dos derrotados, isso sim, mas a enorme e pesada arca que continha o tesouro do capitão Martín e os outros bens que encalharam na praia seriam levados para a estância de Ögur. Da mesma forma que antes, os cadáveres, completamente nus, foram lançados ao mar. Antes disso, porém, suas carcaças foram sujeitas a inúmeras indignidades, uma vez que o comandante decretara que os milicianos podiam fazer o que bem entendessem com os mortos. Assim, tiveram a genitália castrada, os olhos arrancados, a garganta cortada, as orelhas decepadas e o umbigo trespassado. Depois disso, os corpos tiveram pescoço e quadril perfurados e atados juntos com corda, como peixes no cordame, mas ainda assim voltaram a encalhar na praia diversas vezes, sendo então devolvidos ao mar, pois era proibido enterrá-los ou erigir montes sepulcrais, sob pena de chibatadas ou desapropriação de todos os bens a quem desrespeitasse a proibição. Até mesmo o nome dos lugares onde ocorrera aquela carnificina fora alterado para pior, e sua beleza perdeu o viço, da mesma forma que a consciência daqueles que mataram os bascos: o vale que antes se chamava Unaðsdalur, ou vale da Ventura, passou a se chamar apenas Dalur: o vale. A pradaria antes conhecida como Sólvellir, ou campina do Sol, tornou-se Harðbalar, ou pastagem Dura. A cascata de Bjartifoss, a Resplandecente, era agora chamada de Magrifoss, a Penúria. As férteis encostas floridas antes conhecidas como Sólhlíð, ou as encostas do Sol, passaram a levar o nome de Svarthamrahlíð: Rochedo Negro. A península próxima a Ögur, que antes se chamava Naustatangi, península do Galpão, agora era conhecida como Óbótatangi, ou península dos Malfeitores, pois foi lá que a maioria dos cadáveres em decomposição encalhou e por muito tempo retornou às docas do intendente Ari. Bom para os lobos e um lembrete para os homens. Pois, ai de mim, essas são as visões que empurram um velho para fora de seu abrigo

apenas em camisa e meias, em meio ao frio devastador de tempestade de neve, na noite mais escura de todas as noites. E nem isso resolve, pois as lembranças se recusam a desaparecer.

* * *

OURIÇO-VERMELHO: perigosa criatura, fina feito palha, encontrada na costa. Geralmente se esconde em meio a algas marinhas encharcadas, ondulando e serpenteando com farpas afiadas, capazes de perfurar a carne como agulha. Esse ouriço é conhecido por ser a causa da morte instantânea de vários jovens durante a colheita de algas.

* * *

Estou nadando. Com braçadas fortes, pouco abaixo da superfície, com o luar refletindo em meus ombros quando eles emergem brevemente das ondas. Viro a cabeça de um lado a outro, inspirando junto ao ombro esquerdo e expirando junto ao ombro direito. Aplico pontapés na água, fazendo que borbulhas envolvam minhas pernas e esguichando água na região do tornozelo. Parti do centro do fiorde, adiante está o mar aberto, em ambos os lados as montanhas íngremes cobertas de neve dominam as pedregosas praias negras. Em meio ao rugido das águas, ouço vozes chamando e gritando atrás de mim. Não posso diminuir a velocidade, não tenho tempo para parar e olhar se os homens a bordo do barco já estão mais perto de mim. O mar está frio e agitado, ora me levando com toda a força adiante, ora me fazendo recuar várias braçadas. Preciso saber se tenho chance de chegar à terra firme antes deles. Paro de nadar e flutuo por um instante: eles vêm em um belo barco de oito remos, um remador em cada um deles e outros cinco homens à minha procura, dois à popa e três à proa, todos armados com pedras,

menos o líder, que navega ereto perto do mastro, oscilando com tranquilidade em pleno mar agitado. É Ari Magnússon de Ögur, empunhando um arpão roubado, quem comanda a perseguição. Minha camisa branca reluz quando volto a virar de bruços e retomo as braçadas. Ouço gritos triunfantes vindos do barco e, um segundo depois, as pedras começam a chover sobre mim. Uma delas me acerta no ombro direito, ricocheteando com um baque seco, mas não sinto dor nenhuma, estou congelado demais para isso. Só tenho uma direção a seguir: para baixo. Encho os pulmões e afundo. O mundo silencia, o murmúrio do mar abafa os gritos estridentes de meus perseguidores, os ruídos das ondas e os meus próprios gemidos cansados. Afundo como um arau, voando pela água com braçadas amplas, como um mergulhão que bate asas sobre o mar raso e transparente nas manhãs de verão. Cada vez mais fundo, apesar de o mar invernal não ser claro, mas de um tom cinza turvo – mais fundo, sim, cada vez mais fundo –, até chegar tão fundo que é como se o ar quisesse explodir dos pulmões. O trajeto de volta à superfície fica longo demais. Porém, em vez de soltar o fôlego, aperto a garganta, continuo nadando para baixo, apesar de cada músculo arder como se tivesse sido golpeado com uma marreta. Então, o fundo do mar começa a clarear à frente, e aos poucos a fraca luminosidade acinzentada consegue emergir, atravessando o mar turvo – quanto mais ao fundo as braçadas me levam, cada vez mais claras e agitadas as partículas que rodopiam na água se tornam, até que disparam diante dos meus olhos como as faíscas de uma bigorna, três mil sóis resplandecentes fustigando meu rosto como uma tempestade de areia. Então, desisto daquele mergulho. Endireito-me na água, escancaro a boca, aperto o peito com ambas as mãos e grito, enquanto o ar foge dos pulmões:

— Ó, Deus, tenha piedade de mim...

Quando o oceano salgado já se apossou de meu corpo, enchendo-o até a boca, a exaustão toma conta de mim e começo a afundar. Deslizo por aquela umidade cinzenta, entorpecido como alguém que precisa andar mais devagar em meio às nuvens ao descer do pico de uma montanha. Lá, bem alto sobre minha cabeça, o barco de oito remos tinha voltado à terra: Ari de Ögur e seus seguidores desistiram de me perseguir. Então, foi como se um véu tivesse sido arrancado de minha mente. Tenho uma visão ampla do fundo do oceano, verde como uma garrafa, até o mar da Groenlândia e até o fundo do fiorde. Ali, no sopé do rochedo, no meio da baía, bem debaixo dos meus pés, eis o ponto de onde aquela luminosidade se origina: um coração do tamanho de um ovo de pintarroxo, esculpido em ébano, polido e coroado de espinhos feitos de chifre de cervo, com chamas de bronze ardendo sobre o ponto em que duas metades se encontram; aquele coração de ébano está aberto ao meio, guardando dentro dele a fonte de luz: um pequeno crucifixo formado de contas douradas e uma cruz de prata. Aquele pequeno objeto emite raios muito poderosos que iluminam o terrível local de repouso daquele a quem vim visitar: Pedro, o Piloto. Seus restos mortais jazem sob a lápide polida pelo mar, uma placa de basalto que seus assassinos lançaram em cima dele do alto do penhasco. Seu cabelo grisalho se agita sobre o buraco escancarado, aberto pela martelada, os cachos ondulando com a corrente marinha, da mesma forma que as algas entremeadas às suas costelas quebradas a golpe de facão, as quais seguram, com seus dedos vegetais de muitos nós, o tesouro junto ao seu peito, agora destroçado. Aquele sinal ele poderá exhibir diante dos Portões Perolados, no dia do Juízo Final, enquanto os inimigos ficarão com ambas as mãos vazias, mas banhadas no sangue de vítimas, que fluirão por seus dedos. No mesmo instante em que meus pés tocam a areia no fundo do mar, o habitante das profundezas desperta. Ele vira a cabeça machucada na minha direção e me

cumprimenta com “bom dia”, apesar de ser mais de meia-noite.

— *Angetorre!*

Reajo com pouca animação àquela saudação, já que minha missão ali está longe de ser prazerosa, e respondo com um murmúrio:

— Boa noite.

Meus encontros com Pedro, o Piloto, sempre começam da mesma forma: ele põe a ponta da língua enegrecida para fora, lambe rapidamente os lábios e diz afobado:

— *Presenta for mi berrua usnia eta berria bura.*

Ao que respondo, decidido:

— Leite quente e manteiga fresca não têm serventia aqui.

E ele suspira.

— Do defunto é o fado: nunca ganhar um bocado...

Então, como de costume, faço o sinal da cruz e digo:

— Que seja breve a nossa espera por um lugar à mesa do Pai.

Assim terminam as formalidades. Porém, desta vez, não faço coro ao piloto. Em vez disso, puxo a bolsa de pano com as lascas da cruz. Seguro a pequena bolsa marrom na altura de seus olhos antes de amarrá-la no cordão que pendia em seu peito, junto ao ornamento prateado. Pedro acompanha tudo calado, aguardando que eu conclua aquela tarefa e me sente na rocha a seu lado, para só então começar a falar:

— Sinto muito pela morte da *señora* Sigríður. Meus pêsames, amigo... — Eu resmungo algum tipo de agradecimento. E ele prossegue: — Mais uma vez o golpe recai sobre o mesmo tronco, mais uma vez uma pessoa inocente paga com a vida pelo apoio que deste a mim e aos meus companheiros e mais uma vez te fazem sangrar pela tua bondade para com o próximo e pela tua coragem. Sem dúvida deves achar que é uma gratidão muito perversa, que é uma recompensa equivocada pelas tuas boas ações, já que neste instante o promotor de tanta

violência engorda em seu alto posto, enquanto aqueles que te são caros, os grandes e os pequenos, se acumulam na terra e no pó... Há muito tempo, disseste a mim que a *señora* Sigríður louvara a tua decisão de não tomar parte na campanha violenta promovida pelo intendente Ari Magnússon contra nós, náufragos indefesos, e de escrever, mais tarde, o verdadeiro relato daquele ataque cruel executado pelos teus conterrâneos, seguidores do intendente de Ögur, pois, dissera ela, assim mantiveste vivo aquele exemplar Jónas Pálmason por quem ela se encantara quando jovem.

— Sim, com certeza, aquilo a impressionou mais do que a grande façanha que pratiquei ao aplacar o fantasma de Snjáfjallaströnd. Ora, ela me insultou de latrineiro do diabo por exorcizar aquela assombração andante que o reverendo Jón, com seu comportamento impiedoso, invocara contra si mesmo...

— Sem dúvida, ela era uma mulher nobre e justa...

— Sim, e generosa em distribuir sua noção de justiça. Confesso, mereci cada demonstração que ela me deu, quando me desviava.

— Mostraste bravura ao dar as costas à milícia formada por aqueles que te encheram de elogios e reconhecimentos depois do exorcismo do fantasma; atendeste ao chamado da justiça ao dar testemunho sobre as barbaridades que aqueles malfeitores certamente julgaram que cairiam no esquecimento dos homens... Porém, ao compilar a tua narrativa, registraste não apenas todos os fatos exatamente como eles se deram, como também devolveste aos nossos cadáveres em decomposição a voz que aqueles fazendeiros, com ferramentas embotadas, haviam arrancado de nossa garganta... Ficaste ao lado dos assassinados contra os assassinos, te opuseste ao mal... E disso daremos testemunho no dia do julgamento final... Então, vocês, nobre casal, o *señor* Jónas e a *señora* Sigríður, serão plenamente recompensados pela compaixão... Perdão...

Um caranguejo sai pela boca de Pedro, o Piloto. Ele pigarreia e faz menção de continuar, porém, outro caranguejo, desta vez maior, sobe-lhe pela garganta. Pedro cospe areia. Quando o terceiro caranguejo, o maior dos três, começa se insinuar entre os lábios dele, ficou claro que aquele era o fim do nosso encontro. Impulsiono-me com os pés no fundo do mar. Emerjo junto às rochas. Subo em uma das pedras. A água do mar cinzento jorra pelo meu nariz, graças aos espasmos no estômago. Então, acordo com um sobressalto: estou caído de bruços na cozinha, junto ao fogo, vomitando os restos semidigeridos do jantar. Ainda é a noite mais longa do ano.

V

EQUINÓCIO DE PRIMAVERA, 1639

A ilha se ergue... Ela emerge das profundezas à medida que a maré suga as águas de suas praias... Os peixes fogem da terra seca para a escuridão do mar... Recém-chegadas, as aves marinhas seguem a vazante, correm atrás da linha-d'água, com as patas bem firmes e bicando... As marcas da maré recuam rapidamente, como uma luva de seda tirada da mão de uma virgem... Uma planície de algas brilha sob a claridade da manhã, farta e vulnerável... Vê-se cada vez mais do leito de pedra escura sobre a qual a ilha se equilibra... As algas pendem de seus ombros... Todo o mundo ao redor verdeja... A seiva vegetal corre pelo corpo das plantas, dilatando os vasos... A relva, que ontem estava apagada e caída, agora ondula sobre a cabeça da ilha como um fogo verde e brilhante... O calor da brisa traz promessa de dentes-de-leão amarelos como o sol... O mar continua sugado da ilha, varrido das partes mais rasas... Meus ralos cabelos brancos se erguem na minha cabeça, soprados sobre a testa, sobre os olhos... A brisa é revigorante... Ela sopra a partir do leste, saída um pouco do sul, baía de Trévík adentro... Logo as condições serão propícias para o que está por vir... Rastejo à beira do penhasco de Gullborg, observo a amplidão... Hoje, espero ver a ilha cantar, ouvir o som de sua forma, comprovando que ela é uma corda afinada em harmonia com o coro de seu Criador... E por que não seria assim? Aqui, as coisas foram dispostas na mesma ordem e segundo as mesmas regras que todo o resto naqueles seis dias; sim, aqui é um bom lugar para estar... É fácil pensar assim quando o vento sopra tão suavemente que não se sabe se o sussurro em nosso ouvido é parte de uma conversa do vento com o junco ou se aquilo diz respeito a nós mesmos, quando ele sopra em nossos ouvidos com um murmúrio delicado e reconfortante... Pois o vento não conhece a diferença

entre os humanos e as plantas, o que fica bem evidente quando ele sopra com a força de uma tempestade... Seria melhor ficar lá ou aqui? No ponto mais alto ou no ponto mais baixo? No topo do penhasco de Gullborg ou no fundo da gruta de Gullbjarnarhellir? Ali onde a ilha inspira ou lá onde ela expira? E que balido aflito é este? Não tenho tempo para isso... De onde ele vem? Mééé... Fico em pé e esquadrinho em volta... Uma ovelha caída nos montes de Hulduhólar... Uma ovelha negra desgarrada... Mééé... A sinfonia está prestes a começar... Ela não deve ser arruinada pelo balido de uma ovelha perdida... Desço correndo do penhasco, se é que aquilo era correr... Disparo pela grama, se é que aquilo era disparar... De alguma forma, chego aos morros... Caído de costas no chão, a animal se agita, esperneando freneticamente com as patas para cima, olhando para mim com os olhos amarelos, cheios de malícia, tentando me acertar com seus cascos... Eu me aproximo pela lateral, o animal tinha as quatro patas viradas no ar... Ele próprio se metera naquela enrascada... O que será que fazia, pastando em um lugar como aquele? A ovelha baixa a cabeça, bufando furiosamente, como se eu fosse responsável pela situação... Nada mais perverso que o olhar das ovelhas convictas de terem contas a acertar com os homens; nenhum outro animal parece acreditar tão incondicionalmente que nós, os homens, somos os senhores do mundo e que tudo de injusto que lhes ocorre deve ser culpa dos homens... A ovelha bufa... Eu bufo de volta... Ela desiste de me dar cabeçadas e dispara até o curral... Esqueço-me do canto da ilha inteira, afinal devo corrigir os modos daquele animal... Uno as mãos sobre minha barriga.

Verde nos outeiros, oculta estância,
precioso prado, dos tragos ventura.
Viceje sempre aqui, ora e no futuro,
gente da terra, unvida de felicidade.

Ouve-me, ó Hulda, bondosa e leal,
que a fortuna te enlace brevemente,
ó senhora da terra, sê-me clemente,
e perdoa as toleimas deste animal.

Então, ouço uma voz declamar a partir do morro:

Que tenhas sorte, meu bom amigo,
no teu versejar e também no amor,
e não te esqueças de que, se preciso for,
a tua justa paga há de ter comigo.

Eu me curvo diante dela... Então, retomo a investigação... Faço meu olhar correr do penhasco de Gullborg à gruta de Gullbjarnarhellir, caminho em que, em linha reta, ficam dois rochedos, Miðborg e Syðstaborg; depois vêm os morros de Hulduhólar, onde me encontro, e a lagoa, como se fossem orifícios ou teclas de um instrumento musical criado por Deus... Lá embaixo fica a passagem subterrânea sob a ilha... Um tubo escavado de leste a oeste... Agora se ouve um chiado intenso, à medida que o oceano se esvai pela passagem que fica sob o penhasco, a mesma que está sempre submersa na água do mar, menos hoje... A flauta fica limpa... Uma gaivota chega do mar com suas asas reluzentes e se deixa flutuar sobre a ilha, levada pelo vento leste; primeiro, ela sobrevoa os penhascos de Gullborg, Miðborg e Syðstaborg, depois, os morros de Hulduhólar... Ela está bem sobre minha cabeça... Girando parcialmente, acompanho para onde ela vai, consigo ver o reflexo no lago e como ela dá um rasante até a abertura da gruta... O que a ave pretende com aquilo? Ah, sim, claro, ela busca um vento favorável para dar mais sustentação às asas e, assim, subir em arco até as maiores alturas do céu... Lá chegando, ela paira e vira o peito de plumas brancas e brilhantes sob o sol da manhã na minha direção, parecendo uma pomba no mais elevado altar... Então, sopra outra rajada como aquela que elevou a gaivota até as nuvens... Lábios invisíveis de ar postam-se sobre o

penhasco de Gullborg... E a flauta é soprada... Prendo a respiração... O sopro atravessa a rocha, irrompe pela entrada da gruta lá na praia e dá o primeiro tom daquela sinfonia... É um tom grave... Então, é como se a ilha de Gullbjarnarhellir fizesse coro à melodia... O solo vibra debaixo dos meus pés... Os passarinhos saem em revoada... As ovelhas se assustam... A aranha recém-acordada se encolhe... A foca desliza mar adentro... Aquele tom reverbera forte e longamente... Fecho os olhos, e minha alma vibra com aquele som... Então, sinto um misto de perplexidade e alegria... Depois, o som silencia tão depressa quanto começou, e o vento se acalma... Sinto frio, meu corpo todo se arrepia, inclusive a pele ressecada de meu couro cabeludo... A ovelha negra está parada, totalmente imóvel no curral, com cada um de seus músculos tensionado... Ela masca irrequieta e me olha de modo acusador, como se eu lhe tivesse pregado aquela peça ruidosa... Não, minha menina, este velho alfarrabista, Jónas Pálmason, não é poderoso assim – apesar de haver quem o julgue capaz de dobrar as forças da natureza como se fossem brinquedos, com as próprias mãos... Olhe, ovelhinha! Eis aqui quem se divertiu deixando-se levar ao sabor dos elementos: a gaivota permitiu que aquele som a carregasse ainda mais longe, ainda mais alto, onde sua silhueta paira em círculos... A grama começa a sussurrar novamente... Começo a correr; minhas pernas podem ser tortas e decrépitas, mas ainda se prestam a se apressar por um pequeno trecho, como daqui até a praia mais abaixo... Chegando lá, ando lentamente nas areias, piso com cuidado nas pedras escorregadias, evitando deslizar nas algas visquentas, até chegar à boca da gruta, de onde consigo ver lá dentro, preparando-me com firmeza... O barulho deve ser mais forte aqui... Lá de dentro, do escuro, sinto o cheiro de plantas marinhas, o burburinho da água parada no chão da gruta... Água despenca ruidosamente sobre as rochas e sobre as algas... Em algumas partes, o gotejar tem um

som mais claro, como se caísse sobre algo mais nobre do que meras rochas úmidas... Ali, segundo os antigos, estaria escondido o tesouro de Gullbjörn... Bem debaixo do rochedo de Gullborg, estaria o ouro de onde ele tira o seu nome... Uma arca cheia de ouro... Fogo de Ægir, lágrimas de Freya, contas de Thjasi, ouro e mais ouro... Por muito tempo ansiei entrar ali e vasculhar, agora não quero mais... Há tanto tempo tenho sido privado de uma vida de luxo que o ouro já não me parece mais algo a ser cobiçado, a menos que eu possa produzi-lo com minhas próprias mãos... Porém, aqui, não conto com os meios necessários para esse fim... Sinto como se um clarão azulasse na parte mais alta daquela gruta... Lá, a passagem subterrânea se inclina em direção ao mar, então deve ser apenas a luz do sol... Na sequência, o cheiro de plantas marinhas fica mais forte... A brisa se faz ventania... Tenho a impressão de ouvir gaivotas guinchar no interior da gruta... São as aves que se aglomeram ao planar em torno do penhasco de Gullborg, na extremidade oposta da passagem subterrânea... Grito para o alto:

— Venha, vento, venha...

Minha voz ecoa... As gaivotas silenciam... E a ventania responde... O ruído potente me atinge, pesado como uma cachoeira... Ele preenche meus sentidos, ribomba em meus ouvidos, seca meus olhos com sal, zumba em meu nariz, dilata-se na minha boca escancarada... Quase caio, mas me mantenho em pé... Oscilo e me dobro feito junco, mas ele não me derruba... Porém, estica as roupas sobre meu corpo, rasgando-as e arrancando-as... As pernas das calças e a casaca zumbem e estalam... Aí, o ruído diminui um pouco... E um pouco mais... E fica cada vez mais grave... Cada vez mais grave... Depois, sobe abruptamente até a quarta oitava... Traçando uma escala ascendente... E começa a oscilar acima e abaixo... Por vezes, soprando calma e tranquilamente... Então, demora-se numa única escala com um dos pés de vento firme, enquanto faz o outro correr loucamente para cima e para baixo... De

repente, já são três ou cinco pés... Ouvem-se uivos e guinchados, murmúrios e lamúrias, choros e assobios... Há ali vozes de animais e de homens, coros inteiros que cantam em uníssono, hordas inteiras gritam seus nomes... Uma tremenda sinfonia... É como se o vento leste trouxesse a mim todas as canções do planeta ao mesmo tempo, os cantos mais alegres mesclados aos hinos mais tristes... Como se tivesse sorvido todas as notícias em sua viagem pela terra, ao percorrer continentes, desertos, florestas, países, comarcas, vilarejos, ao sobrevoar castelos e casas, ao passar sob mesas e bancadas, entrar e sair de cantos escuros, entrar debaixo das saias e sair pelas golas... Antes de lançar aos céus tudo o que descobriu – logo abaixo da esfera celestial, lá onde os corvos vão para se instruir sobre aquilo que ainda não ocorreu... Lá, ele moldou todas as notícias em uma única nuvem espessa e a arremessou como uma mala postal nos céus, enviando-a para lá e para cá a fim de acrescentar mais coisas nela, até que ficasse tão preta de histórias e acontecimentos que estivesse a ponto de estourar, razão pela qual ele teve que encontrar uma forma de devolver tudo aquilo ao mundo... Ele junta com rastelo as nuvens do céu, prende-as como a um monte de feno, tornando-se tão descomunal que o vento mal consegue espiar por sobre o ombro direito dele... O vento leste leva o monte de nuvens de um lado para o outro, em busca de um local propício para depositá-lo... Então, uma ilha se ergue na maré baixa, no meio do mar setentrional, atravessada por um orifício... Ele escancara sua mandíbula, enche a boca com as nuvens, comprime-as contra as bochechas, vira a boca na direção ao leste... Euros, eis o seu nome... E, então, assopra... E toca... E assopra...

* * *

MOSCARDO: de aspecto grande e alongado, com formato quase à semelhança dos homens. Tem patas vermelhas e dois pés, que delas pendem quando voa, como a ave perna-vermelha quando expulsa os intrusos do ninho em que desovou. Tem um canto bastante característico.

* * *

Estou deitado no gramado junto à lagoa, totalmente esgotado... A ilha está em silêncio, a maré vem subindo... Penso que “Sigríður teria achado maravilhoso ver e ouvir isto...”. Mas, graças a Deus, ela está em terra firme, com o reverendo Pálmi, do contrário, estaria morta outra vez... E penso: “Ele acharia isso interessante, meu caro e respeitado senhor reitor, o ilustre e abençoado filósofo, paladino das ciências, tanto as físicas como as espirituais, o filantropo Ole Worm, que teve compaixão deste pobre islandês, repudiado e pisoteado, irmão mal-empregado no estudo dos fenômenos da natureza, Jónas Pálmason... Como eu gostaria de enviar a ele essa ilha musical como prova da minha gratidão por ele ter, naquele momento, me abrigado sob a sua toga acadêmica; de mandar um dos barcos ingleses de pesca de arenque ancorados aqui neste golfo rebocar essa ilha ao sul até Copenhague... Porém, não é possível... Então, devo desenhá-la... Tentarei fazer com que o desenho chegue às mãos dele... Estou exausto... A cabeça grisalha pende para um lado, os braços jogados ao lado do corpo, as pernas abertas... Sinto-me frouxo como um boneco de pano que uma criança joga no chão depois de brincar, incansável... A criança já correu para outra parte, enquanto o boneco jaz ali, num canto... Isso também acontece quando as forças da natureza se divertem com a gente: no final, sempre se dá o triunfo da grandiosidade da natureza e com o seu brinquedo em um estado lastimável, enquanto todos os passatempos não realizados se desenrolam apenas em seus sonhos, eternamente inatingíveis... Hoje, porém, não paira dúvida

de que algo voltará ao seu lugar e impera a dolorosa certeza de que jamais a montanha ficará sempre recoberta de neve... Não houve aqui terremoto nem avalanche... E, da mesma forma que as lembranças das brincadeiras continuam no boneco, aquela sinfonia persistia dentro de mim... Estou inspirado, impregnado das histórias e dos poemas que o impetuoso vento leste, aquele irmão severo, me ensinou... Sinto que sei tudo o que é possível saber! Todos os recantos do meu corpo se encheram de conhecimentos sobre toda e qualquer coisa que um homem solitário poderia conhecer por conta própria, sem a ajuda de livros, professores, ilustrações, sábias idosas... Eu mesmo sou como um compêndio que, no interior de sua grossa capa de couro, abriga toda a sabedoria do mundo, em muitas páginas, preenchidas de ponta a ponta, com uma caligrafia compacta, fartamente ilustrado e encadernado com corda de crinas de cavalo por fora para que suas páginas não se soltem... Não importa se me perguntam sobre coisas grandes ou pequenas, sempre saberei a resposta... Posso discorrer com precisão sobre o grasnado rouco de acasalamento do merganso, sobre a natureza cruel da baleia-de-carapaça-vermelha, sobre os últimos dias da colônia islandesa na Groenlândia, sobre os hábitos poligâmicos dos africanos, sobre a força explosiva da pólvora, sobre o melhor tratamento para curar a diarreia, sobre a delicadeza do amor-perfeito... Nada, absolutamente nada, é estranho para mim... Sou onisciente... Um bocejo enorme toma conta de mim... Escancaro a boca à vontade, passo a palma da minha mão pelo rosto... Inspiro e expiro com força, sem temer que os espíritos aéreos se insinuem em meus pulmões... Bato com a palma das mãos.

— Pois que venham! Não cabe mais nada dentro deste Jónas, tão cheio de conhecimento como está...

Sinto como se uns três espíritos arremettessem contra mim ao mesmo tempo... Eles tentam invadir minha boca, com esperanças de entrar em meu corpo pela garganta...

Deixo que eles se enfureçam... Sinto como se eles se debatessem afobada e insistentemente contra minha amígdala... Terão de desistir de me invadir... Meu esôfago está totalmente embalsamado, talvez repleto de conhecimento a respeito das mais diversas leguminosas e aliáceas, ou matérias assim, e nada que tenha a mais ínfima partícula do caráter egoísta dos demônios pode passar; não, apenas o hálito da vida, abnegado, límpido, azul e puro, que mantém o coração fresco e a mente bem nutrida... Balanço para a frente e para os lados sem conseguir me controlar... Volto a me recostar... Apesar de o mundo ter se infiltrado na minha carcaça, não quer dizer que tenha sido de forma organizada e racional... De fato, como seria possível? Havia muita coisa acontecendo quando aquela sinfonia chegou ao auge, quando meu ritmo se sincronizou com o daquela sinfonia... Na maior parte do tempo, recebi-a de braços abertos; porém, houve momentos em que lhe dei as costas, por vezes me ajoelhei... Por cinco vezes, a tempestade de sons me deixou inconsciente... Eu gemia e me lamuriava, cantava e uivava... Sim, aquilo tudo entrara em mim de todas as formas possíveis... O fogo, o ar, a terra, a água... A partir desses elementos, tudo foi criado, inclusive eu... Tudo o que entrou em meu corpo era feito da mesma matéria que eu mesmo... Matéria às vezes quente, seca, fria, úmida... Assim, fui capaz de encontrar o local apropriado para cada coisa, como se estivesse em um prédio enorme de doze pavimentos, bastante largo, mobiliado com armários de inúmeras prateleiras, cômodas de inúmeras gavetas... Nas duas câmaras do coração, reúno tudo o que é caloroso, leve e primaveril... Lá, ficam as narrativas sobre a doçura das crianças, as ações das meninas virtuosas ou os inesperados feitos de boa vontade dos animais selvagens; as plantas medicinais que devem ser colhidas ao orvalho do amanhecer; os belos acessórios de ouro confeccionados para glorificar a Sagrada Família ou outros seres sagrados ou para guardar os ossos e a pele dos santos e,

naturalmente, os pelicanos... Algumas coisas deixo flutuando no meu próprio sangue: ali é o lugar de tudo aquilo que é quente e úmido, incluindo várias coisas relacionadas ao universo feminino, aos importantes trabalhos da mulher, ao útero e ao amor pelos filhos e pelo marido, apesar de algo delas também ter espaço nos rins, de acordo com o ordenamento alquímico, e algo ainda mais abaixo, no colo, segundo os preceitos da astrologia... Assim sucessivamente, como se coubesse a mim zelar pelo enorme prédio que abriga essa minha coleção... Sim, ele é enorme, mas está malcuidado; as poucas telhas de bronze de sua torre que o vento não levou estão esverdeadas, as vigas internas de madeira apodreceram, e o porão precisa de uma limpeza... Apesar disso tudo, vou de cômodo em cômodo com um enorme chaveiro pendurado ao cinto... Na minha imaginação, entro e saio dos corredores, abro as portas dos rins, fecho as portas da bexiga, retiro coisas dos baús, ergo-as no ar e coloco-os sobre a mesa de exame... Assim, pouco a pouco, mudo tudo o que há dentro de mim de um lugar para o outro, até que tudo esteja na prateleira correta... Isto vai para o compartimento do cérebro, aquilo para o fígado, o outro para os membros... E depois de depositar no baço tudo aquilo que há de frio e melancólico no mundo, tudo aquilo que é governado pelo fel negro e amargo, o que é preparado em seu caldeirão ou seu equivalente natural na fórmula das adversidades – infelizmente, há muito de mim mesmo nesta categoria: uma caixa de venenos extraídos de plantas, conchas e rochas; a gravura de um homem que matou a esposa enfiando a cabeça dela numa panela de mingau de cevada fervente; diversos poemas tristes sobre os tempos sombrios em que vivemos, entre eles alguns de autoria deste que vos fala, tal como:

O sol nasce, de pecados tismado
que há de iluminar o caminho
de pecados capitais, mesquinho

destino aonde se vai só obrigado.

... as bexigas natatórias de um merlúcio; a lâmina rombuda do machado que o carrasco de oitenta anos, Jón Jónsson, usou para decapitar Björn Thórlaksson, conhecido como Cogumelo, sendo necessário desferir três dúzias de machadadas para romper-lhe as juntas do pescoço; assim como as nuvens melancólicas e muitas outras coisas amargas desse tipo – quando tudo isso é armazenado no baço, o equilíbrio por fim é alcançado... E agora consigo me erguer... Fico em pé, ainda cambaleando... Ereto... Se, lá da terra firme, algum homem de visão aguçada colocasse à frente dos olhos uma luneta potente e vasculhasse a ilha de Gullbjarnarey de uma ponta a outra, ficaria atônito... Na margem da lagoa que fica na extremidade mais a oeste da ilha, ele não veria um idoso com seus sessenta e cinco anos, vestindo capa de lona, com cabelos cinza como a cabeça do dente-de-leão no outono... Não, se a visão milagrosa daquele que espia fosse poderosa o bastante e chegasse às profundezas, ele enxergaria não uma figura humana, mas, sim, o prédio que sinto que sou... Construído com vigas feitas de troncos de árvores que se saciam da água e que brotam da terra, com paredes de tijolos temperados no fogo e secos ao ar livre.

Um farol na beira do mundo...

Aqui estou, com pés cambaleantes, quase grandioso...

* * *

CORAL: é o nome de uma pedra que, quando surge do fundo do mar, é retirada pela força da água ou pelo movimento das ondas. Inicialmente, é verde como as árvores ou os brotos que crescem; depois, ao petrificar, torna-se vermelho ou multicolor, conforme

adquire as tonalidades do fundo do mar. O coral acalma as tempestades e o mau tempo e é ótimo contra trolls e relâmpagos. Os sábios dizem que quem o carrega consigo não é atingido pelos raios que caem do céu, inclusive nos navios, nas casas ou nos campos em que se encontra. Quem o carrega tampouco é afetado por magia negra, pois ele neutraliza feitiços e afasta todos os maus espíritos. Algumas pessoas afirmam que o coral traz boa fortuna, bem-estar e boa saúde a quem o possui e que, além disso, a pessoa sempre será querida por seus semelhantes. Vinhedos ou pomares em que corais são enterrados produzem frutos abundantes. Usar no pescoço um coral elimina quaisquer males estomacais. Também se sabe que, para curar males do intestino ou de falta de apetite, deve-se aquecer um coral até deixá-lo em brasa e depois mergulhá-lo em leite morno, o qual deve ser ingerido logo depois. Alguns acreditam que o coral é aquilo que os antigos denominavam pedra-de-tritão ou pedra-de-anão.

* * *

Pouco depois do meio-dia, começou a cair uma chuvarada, graças à glória do Deus misericordioso... Espero que este inverno glacial esteja acabando... Ou será que não? Se não me engano, a mortífera frota glacial de icebergs ainda flutua no golfo mais ao norte... Porém, nisso, como noutras coisas, o Senhor em sua bondade há de julgar os trabalhos de Seus filhos, concedendo-nos a sorte e as condições de vida dependendo de que lado tiver mais gente quando Ele fechar os portões dos cercados das almas... Não se pode ter certeza de que a primavera chegará mais cedo; ainda assim... Na assembleia geral do verão passado, o nobre e gentil Brynjólfur Sveinsson foi indicado como bispo diocesano da sé de Skálholt; portanto, a partir de então, todos deveriam referir-se a ele como “Vossa Excelência, o reverendíssimo monsenhor bispo, dom Brynjólfur Sveinsson”, além de outros vários e magníficos títulos que bem descrevem sua benevolência e sua caridade... Com isso, alguns eleitores episcopais passaram da conta “crédito” para a mais benevolente

conta “débito”... As ovelhas correram para escapar da chuva, amontoando-se num canto do curral... Todas, menos a ovelha negra, que insistiu em correr sob a tempestade até seu pelo absorver tanta água da chuva que ela só conseguia se mover pesadamente pelo campo, até juntar-se às outras... Sua lã há de exalar um fedor tremendo quando seu couro começar a fumar... Mas não me importa; afinal, meu rebanho toma conta de si mesmo, por assim dizer... Eu as alimento no cercado durante a pior fase do inverno, solto-as quando chega a primavera, espalho os fardos de feno pela campina, deixo o curral aberto... Claro está que não se pode chamar isso de boas práticas de criação, tampouco posso me considerar pastor, pois não tenho tempo para isso... Acabo eu mesmo buscando o abrigo da minha cabana: avivo o fogo, jogo nele um punhado de lascas de madeira que recolhi encahadas na praia e coloco a chaleirinha de barro no fogo e fervo num restinho de leite o que ainda me resta de ervilhaca... Às vezes, gostaria de dominar a arte de fumar folhas de tabaco, que parece ser algo agradável para passar o tempo daqueles que possuem os meios necessários... Quando estive na Torre Azul, havia lá um holandês que sempre fumava tabaco depois do jantar e que, de bom grado, ensinava aos colegas prisioneiros como aquilo devia ser feito... Não tardou para que se sentassem todos juntos com os cachimbos na mão e fumassem com vontade, falando pouco, perdidos em seus pensamentos... Eu não tinha com o que pagar pela minha mensalidade naquela “escola” do holandês; ah, sim, fui privado de tantas coisas... Misturo numa tigela o leite de ervilhaca com o resto de mingau da manhã e me sento à beira da cama... Então, o rato aparece para uma visita... Ele vem em busca de calor e fica à espera de alguma migalha do miserável Jónas... Que seja bem-vindo, e ele tem minha gratidão... O ratinho veio dar aqui trazido com os destroços de uma casa depois da forte tempestade de novembro... De onde vinha, não sei dizer, com certeza

eram os restos de alguma estância destruída pelo vendaval que foram parar no mar e chegaram trazidos pelas ondas... Retalhos de roupas das famílias que viviam naquela casa também se achavam emaranhados naqueles fragmentos de madeira, com tristeza – meias três-quartos, um casaco, roupas de baixo, fraldas –, mas não vieram quaisquer pedaços dos cadáveres de seus donos... O rato propriamente dito estava sobre a cabeceira estraçalhada de uma cama, porém com entalhes habilmente esculpidos, na qual se lia em maiúsculas:



Desse fragmento, deduzi imediatamente que se tratava de um belo exemplo do jogo de palavras conhecido como anagrama, que costuma ser utilizado em adivinhas, apesar de, até agora, eu ainda não ter chegado perto da resposta, apenas isto: strid not, ou “faça guerra”, nid stort, ou “enorme calúnia”... E eu não gostava de nenhuma das opções... Aquele enigmático pedaço de cabeceira agora encontra-se acima da porta da minha cabana, do lado de dentro; já o restante daqueles destroços usei como lenha e para tapar as frestas das paredes e do telhado... Ou seja, eles salvaram minha vida durante o frio mais intenso, em fevereiro... Pego uma colherada de mingau de ervilhaca da tigela e despejo-a no chão em frente ao fogo... O rato dispara até ali e, sentando-se como um bebê, nas patinhas traseiras, começa a devorar o mingau, levando-o à boca com as patas dianteiras... Depois de terminar, ele é obrigado a limpar bem o focinho, pois em seu bigode grudaram resquícios de mingau, assim como no meu... Começo a rir,

pois ambos estamos ridículos... Ele se encolhe, para de se limpar, olha para cima, apurando os ouvidos, e aguarda... Eu volto a rir, desta vez de maneira forçada... Com isso, o rato se dá conta de que sou apenas o velho Jónas e continua a faxina... Ergo uma das mãos instintivamente e apalpo de leve o lençol ao meu lado para que ambos lembremos que Sigríður não está deitada ali... Quando ela e eu nos sentávamos, juntos, na ponta da cama, quando o vento soprava forte ou a cabana ficava soterrada de neve, ocorria às vezes de esta mão se insinuar debaixo das anáguas da minha esposa... Minha mão se retesava, a palma subia, acariciando o meio das costas, e de lá chegando até sua clavícula fria e seu pescoço, massageando os músculos tensos... Sigga gostava disso depois da labuta diária, sim, ela sempre trabalhou mais arduamente que eu, sem nunca reclamar disso... Na ausência dela, sinto falta de afagar suas costas daquele jeito... “Suas mãos são tão quentes”, dizia, quando minha mão percorria aquele trajeto, e me encarava com seus olhos ternos, cinzentos como os de uma foca... Então, minha mão fazia menção de descer um pouco abaixo dos ombros para comprimir as carnes cansadas junto às axilas... Ali, onde as dores podiam ser mais agudas... Depois, a mão descia pela espinha, e a ponta dos meus dedos longos comprimiam aqui e ali os músculos que encontravam em seu trajeto... Feito isso, a mão repousava no quadril por um bom tempo... Ali, a mão e o quadril compartilhavam calores... Com isso, cumpria-se a missão propriamente dita da minha mão, mas, às vezes, antes de ela se recolher, a mão se detinha sobre o sacro... Ali onde a coluna desaparece entre as nádegas, uma região macia nas mulheres... Nesse ponto, eu sempre ficava pensativo, sempre me ocorria a mesma ideia: ali seria um bom lugar para uma cauda, fosse ela peluda, emplumada, fosse com escamas... E, sem perceber, eu logo começava a examinar e apalpar aquele ponto... Porém, a senhora Sigríður reagia prontamente, levava uma das mãos às costas, agarrava a

minha com firmeza e a tirava debaixo das anáguas... Depois, beijava o dorso e a palma da minha mão, dizendo: “Obrigada, querido, estava ótimo...”. Afinal de contas, aqueles toques já não se destinavam mais a agradar minha esposa; haviam se convertido em toques de cientista, cuja finalidade era corroborar as ideias que borbulhavam na minha cabeça: na Tartária, cresce um arbusto conhecido como borametz ou polipódio-chinês, cujo fruto é um cordeiro... Cada planta sustenta o seu cordeiro em longos caules que brotam do meio do arbusto, semelhante à forma como os caules do ruibarbo sustentam suas folhas... Ali no alto, o embrião do cordeiro se desenvolve envolvido em folhas brancas e peludas, como um chumaço de lã apisoada, até que esteja completo e ele desperte para a vida com um balido estridente... Então, os fazendeiros da Tartária colhem suas ovelhas... Eles vão aos descampados com foices brilhantes e cortam os cordeiros dos caules, aos quais os animais estão unidos pelo umbigo, da mesma forma que o cordão umbilical de um bebê humano... Deve ser um trabalho barulhento, porém compensador, pois a carne do borametz tem sabor de peixe e seu sangue é como o mel... Essa forma de criação animal-vegetal se dá de maneira semelhante à do passarinho conhecido como salpicado-do-mar, que se diz crescer das folhas de alga; embora aqui eles não sejam colhidos, já que deles não se aproveita nada... Sabe-se também que dos céus da Dinamarca chove o roedor *Mus norvegicus*, que os nativos chamam de lemingues, que não se desenvolve exatamente como os demais animais peludos, pois brota a partir de sementes nas nuvens de chuva... Tive a oportunidade de observar e examinar com minhas próprias mãos uma carcaça dessecada desse animal, no Museu Wormiano... Com persistência incansável, o engenhoso curador e diretor daquele museu conseguiu que lhe enviassem de Berga, na Noruega, um exemplar daquela espécie, o qual, mesmo em sua região nativa, raramente é encontrado, pois, no auge do verão,

esses animais perecem asfixiados quando a vegetação cresce por sobre suas cabeças; os corpos apodrecem com rapidez e se desfazem... Na Inglaterra, os homens se aproveitam dos crustáceos que geram gansos, os quais, nos tempos do catolicismo, eram classificados pela Igreja como pescados ou frutos do mar, sendo permitido comer de sua carne durante a Quaresma... Muitos escritos relatam que os egípcios enfrentaram pragas de ratos, nascidos do barro do rio Nilo, que atacavam plantações de cereais, devorando até o último dos grãos... Eis alguns exemplos que demonstram que o ar úmido, as plantas da terra e do mar e o lodo dos rios são capazes de gerar animais de sangue quente... Sem mencionar a origem extraordinária de alguns animais de sangue frio, pouco sangue ou sangue nenhum: das rochas marinhas nascem esponjas, das ostras nascem pérolas, do âmbar nascem moscas... Sobre isso eu refletia, inspirado por aqueles toques no sacro de minha esposa, quando me pareceu que os enormes avanços que as ciências naturais tiveram nas últimas décadas nos permitiram desenvolver a noção de que é duvidoso que o Criador tenha colocado barreiras intransponíveis entre as espécies que espalhou na Terra no início dos tempos... Agora, nós, cientistas, temos a impressão de que, além de haver a possibilidade de que diferentes partes dos organismos de espécies distintas, apesar de sua diversificada conformação, tenham relação entre si – vi certa vez uma pilosela crescer na orelha de um homem, com raiz e tudo –, o Criador colocou na bagagem de cada criatura um livro com as receitas de todas as outras... Partindo de um ponto de vista filosófico, toda e qualquer espécie mineral, vegetal ou animal seria capaz de gerar outra a partir de si mesma, apesar de isso ocorrer de forma relativamente rara devido a certas limitações físicas, como variações de tamanho entre os organismos e outras divergências do tipo. Em todos, flui a mesma seiva vital polivalente que corre nas profundezas da terra e assume as formas petrificadas de conchas,

folhas e plumas... Sim, basta sentir com o dedo a pelagem de uma abelha e de uma ratazana para ter a mesma sensação, e o fato de ambas terem pelos curtos as coloca como irmãs... Isso apenas me revela que a ratazana e a abelha são obra de uma mesma oficina, ambas com o selo do mesmo artesão... O exemplo mais extraordinário disso é a manifestação mais rara dessa natureza, aquela que afeta mais de perto os homens e que causa repulsa em todas as pessoas que são tementes a Deus – mas que o naturalista deve confrontar, examinar, pesquisar e investigar, com a permissão de Deus e com as forças que Ele, em Sua misericórdia, provê: é o fato de que as mulheres podem dar à luz felinos ou por ovos monstruosos...

* * *

SEREIA: seu canto é tão belo que os marinheiros, caso ouçam suas melopeias, são completamente dominados; os noruegueses costumam cantar, entoar versos e remar freneticamente ao escutar o chamado de uma sereia.

* * *

Histerólito é o nome de uma pedra que pode ser encontrada em coleções particulares de diversos reis, estando presente em vários livros ilustrados, cuja natureza espantosa consiste em ter a forma do membro viril masculino, incluindo os testículos, e logo acima uma genitália feminina perfeitamente constituída... O que Deus, com bondade e zelo supremos, pretendia ao permitir que a natureza selecionasse justo esse trecho de Seu livro de receitas é de fácil compreensão: demonstrar quão fácil foi para Ele moldar o corpo humano a partir do barro; Deus quis que aquilo servisse de lembrete à

humanidade pecadora de que Ele é capaz de demolir o que existe e voltar a refazer tudo do zero... E que, portanto, os homens devem zelar por sua conduta, cultivar os bons hábitos e o amor ao próximo, ser tementes a Deus e venerá-Lo... E Ele escolheu precisamente aqueles membros corporais para que o povo contemplasse a notável tarefa que Ele lhes confiara: frutificar, multiplicar-se e encher a terra... Tarefa que só pode ser cumprida mediante a reprodução: o homem introduz seu membro viril na genitália da mulher, ali depositando o sêmen para que se dilua no sangue da parceira e germine como semente na terra úmida... A genitália da mulher é a porta pela qual a criança deve passar, pelo processo que chamamos de “trabalho de parto” ou “dores do parto”, termos que indicam a dificuldade da tarefa... As parteiras aplicam ervas medicinais, como sementes de cipó-da-beira-do-mar, ou pedras nessa passagem, a fim de facilitar o parto, pois o sofrimento das filhas de Eva já é grande o suficiente para negarmos a elas qualquer assistência que esteja disponível... Também se usa a expressão “porta misteriosa”... Trata-se de uma denominação infeliz e representativa de quão pouco somos capazes diante do enigma que consiste em adivinhar o que a mulher guarda dentro de si ou o que emergirá daquela passagem secreta... Raramente um homem se posta de bom grado diante daquela porta à espera de que ela se abra para dar passagem ao bebê gerado a partir do seu sêmen... Não, não, lidar com a virilha feminina e dali tirar os rebentos é, por direito, tarefa de mulher... Ainda assim, eu já me encontrei nesta posição... Foi na primeira vez que eu e Sigríður tivemos que fugir dos capangas do abutre de Ögur... Não tínhamos cavalos, Pálmi Guðmundur mal completara nove invernos, Hákon tinha apenas quatro anos e Sigga estava grávida do nosso terceiro filho... Era o início do inverno, e a viagem se arrastava... Aquele bando de cachorros humanos ainda não havia roubado nosso baú com roupas,

livros, pedras, sais e outros objetos de valor que eu colecionava... Sigga ia na dianteira, Pálmi Guðmundur seguia no encalço da mãe, eu ia por último com o pequeno Hákon no colo e o baú amarrado às costas... Começava a escurecer... O vento soprava do norte com força... Era difícil firmar os pés na relva escorregadia que cobria a trilha pedregosa à beira-mar; ainda assim, aquilo era melhor do que caminhar pelas areias pesadas da praia... Quando precisei virar o ombro na direção do vento para não despencar, gritei para minha mulher:

— Segura o menino para que ele não seja levado pelo vento...

Então, ela interrompeu a marcha e gemeu com força antes de responder:

— Não, faça isso você mesmo, Jónas, pois eu preciso dar à luz...

Dito isso, ela deslizou por uma fenda da trilha, descendo até a praia, procurou uma abertura no paredão de lava e desapareceu lá dentro... Pálmi Guðmundur correu atrás dela, mas eu o chamei de volta para que cuidasse do irmãozinho... Encontrei um abrigo contra o vento para os dois, aninhei o pequeno Hákon na relva, tirei o baú das costas e o abri... Enquanto eu reunia coisas que poderiam ser úteis no parto, expliquei a Pálmi Guðmundur que a mãe deles teria de enfrentar um momento de muito sofrimento e dor, que a provação pela qual ela passaria era uma das mais árduas e perigosas que uma mulher poderia encarar, que não era certo que ela sobreviveria, mas que era do conhecimento e da vontade de Deus que ela tinha que passar por aquela provação tão grande, que ela pagaria dívidas que Eva contraíra na aurora dos tempos... Pedi que ele conduzisse o irmãozinho nas orações; juntos, eles deveriam rogar ao bom Deus para proteger e abençoar aquela mulher honesta e piedosa que era a mãe deles, Sigríður, e o irmãozinho não nascido e não batizado que ela ainda carregava no ventre, mas que naquele momento lutava por nascer, para que pudesse ser

piedoso e bondoso, para maior glória de Deus... Contei-lhe que os tormentos da mãe deles seriam tão intensos que a ouviriam chorar e gemer alucinadamente, gritando por ajuda e pedindo piedade, que os lamentos dela seriam estridentes e constantes, que ela urraria como um animal ferido de morte e que, por isso, ele e o irmãozinho precisavam orar com fervor, elevando suas vozes fininhas de meninos o mais alto que pudessem... Depois, fechei o baú... E antes de sair da trilha para ver como minha esposa estava, coloquei nossos dois filhos sentados no baú, e ali eles ficaram aninhados, aqueles dois passarinhos do Senhor, Pálmi Guðmundur e Hákon, com seus ombrinhos magros e a cabecinha encurvada sobre as mãos juntas, trinando pela misericórdia de Deus, chorando copiosamente e cantando salmos pela salvação da mãe... Ela estava escorada no fundo da gruta, apoiando os ombros contra a parede de pedra e os calcanhares nos seixos úmidos da praia... Algas pardas pendiam, emaranhadas, de cada saliência de rocha que havia ali dentro, pequenos mariscos incrustados no teto reluziam como as estrelas no céu, viam-se fragmentos de mexilhões espalhados pelo chão, além de algumas estrelas-do-mar ao redor; aquele era um bom abrigo... Sigríður levantara a saia, amarrando-a na cintura; ela estava calada, mas suave em bicas... Por fim, coloquei um lençol embaixo dela e estava prestes a aplicar uma pedra medicinal em sua virilha, quando ela se abriu, e a criança bateu à porta... Era a pequena Berglind, que se precipitou do corpo da mãe com uma nascente d'água que irrompe da rocha... Depois de retirada a placenta, cortado e amarrado o cordão umbilical da criança, fui buscar os meninos, ainda sentados sobre o baú, para que vissem a irmãzinha... Eles acharam insólito que uma menina tão pequena fosse capaz de colocar em xeque a vida de uma mulher crescida como a mãe deles... E ali, naquele refúgio de lava, aguardamos até que a ventania diminuísse, que mãe e filha se recuperassem, que amanhecesse... Aquele

momento de oração tão fervoroso e bem-sucedido numa trilha à beira do mar provocou uma impressão tão forte em Pálmi Guðmundur que ali se deu o seu chamado aos serviços de Deus, na condição de sacerdote... Mas de que forma aquilo afetou Hákon, isso jamais viemos a saber, pois antes de se manifestar, nós o perdemos, da mesma forma que a seu irmão, o pequeno Klemens, em nossas fugas desesperadas pelas estradas no inverno de 1621... Ainda me dói o coração pensar quão poucos dias da vida Sigríður e eu fomos destinados a passar com aqueles pobrezinhos... Ainda assim, sinto-me grato e contente pelo fato de o Pai celestial interceder por eles e chamá-los para junto de si enquanto a seu pai mundano era negada toda e qualquer salvação, escorraçado como ele foi das casas de seus conterrâneos, sob maldições e xingamentos inclementes... Não era segredo o que havia detrás daquelas portas que se fechavam; ali habitavam corações gelados, tão cerrados quando os punhos do carrasco em volta do cabo do açoite... Quando Sigríður se levantou do lençol coberto de areia, percebi que, durante o parto, umas pedrinhas vermelhas haviam se misturado na areia que estava debaixo de seu quadril... Juntei um punhado daquelas pedrinhas e guardei-as no nosso baú, e elas provaram ser da mesma família que as hematitas... Até o dia em que nosso baú foi roubado, Sigga usou aquelas pedras medicinais para aliviar as dores do parto de muitas mulheres... E da mesma forma que o embrião se estabelece e se desenvolve no ventre oculto da mãe, insondavelmente e com a mesma probabilidade de assumir a forma de uma bela menina ou da aberração mais medonha, a natureza também gera em seu ventre tanto os horrores mais inimagináveis quanto as gemas mais preciosas... Os vestíbulos desses berçários sombrios são as fendas e as fissuras no corpo da terra, grutas como aquela que viu minha Berglind nascer... Eu me deito novamente na cama, estico os braços, faço minhas juntas estalarem... O ratinho ainda está confortavelmente

aninhado à beira do fogo; é incrível como ele aguenta minha ladainha... O mingau de ervilhaca já endureceu na tigela; raspo os restos do fundo da vasilha e jogo as raspas no chão... Com entretenimento desta natureza, é o narrador quem deve pagar aos ouvintes, não o contrário... O rato mordisca a comida, e suas orelhas se empinam ao som da minha voz...

* * *

CARACOL: na Islândia, há várias espécies de caracol. Os sábios aproveitam nossos caracóis comestíveis aquecendo-os até que suas conchas brilhem e, então, mergulham-nos em urina de boi; servem essa iguaria na forma de alimento ou bebida, sem que se saiba o que está sendo comido ou bebido. Protege as virgens das investidas luxuriosas dos homens e diminui o apetite sexual dos lascivos. Além disso, pessoas nauseadas costumam se esgueirar à praia e ingerir a carne crua dos caracóis sob a lua crescente e depois sob a lua minguante, por três vezes, com um golinho de água do mar. A ingestão excessiva de carne de caracol deixa os homens tão inebriados que não conseguem parar em pé; esse fenômeno é conhecido como embriaguez-de-caracol e é curado com repouso. Os caracóis emergem rastejando da profundidade do centro dos cardumes e, dali, para fora.

* * *

Uma cavidade rochosa também pode ser denominada de caverna... Em geral, as cavernas menos profundas são chamadas de gruta, tendo a palavra islandesa *grotta* o mesmo significado que o termo latino *grotto*, que quer dizer “caverna pequena”, sendo precisamente esse o ramo da palavra que, no sul do mundo, denomina um tipo determinado de figura decorativa, ou *grotesco*. Na biblioteca de Ole Worm, vi com meus próprios olhos esse tipo de figura... Ela aparecia nos frontispícios dos

enormes tomos de ensino, nas margens das páginas, no início dos capítulos ou separando as diversas partes da obra... Pois os impressores contemporâneos pensam como os antigos compiladores de manuscritos islandeses, que incluíam esfinges, quimeras e outros seres fantásticos em capitulares iluminadas e nas bordas floreadas de seus livros... Um centauro aqui, uma velhota com patas de pássaro ali, um cão de três cabeças acolá... Os próprios escribas, ratos de biblioteca que eram, compreendiam melhor que ninguém que esses pequenos e curiosos detalhes eram pontos de repouso de que os olhos do leitor tanto precisavam e que lhes ajudavam a recobrar o fôlego ao descer os monótonos degraus das páginas, palavra por palavra, da esquerda para a direita, de uma linha à seguinte... Além de fazer a mente descansar do assunto em questão... Ao observar um rio de lava correr, ao ver uma nuvem de fumaça ou uma enxurrada, ao admirar uma plantação que o vento faz ondejar, os olhos e a mente só hão de descansar depois de formar uma visão compreensível daquela agitação... E apesar de essas figuras não serem jamais imóveis, jamais delimitadas com clareza, jamais completas, jamais as mesmas, conseguimos capturá-las em nossa mente com um piscar de olhos... Então, o tempo deixa de fluir como um rio e se transforma numa sequência de momentos que se fixam na mente, um após o outro, cada qual com sua forma específica... Da mesma maneira, os grotescos se assemelham a essas imagens momentâneas que eu mesmo vi com frequência na fumaça, nos líquens e nas nuvens... É como se o artista reproduzisse na folha a imagem formada na superfície de seus olhos, sem pensar se ela é cientificamente correta ou verossímil... Aquilo que o ilustrador viu e gerou com sua imaginação se transforma, em um instante, em algo que faz parte do mundo visível a todos... Ah, aquelas gravuras! Ah, aqueles milhares de monstros e floreios grotescos que me revigoravam enquanto eu lia com dificuldade os densos

volumes do Museu Wormiano... A gente nunca sabia onde uma daquelas aberrações começava e a outra terminava... Observadas com atenção, as patas traseiras de um bode podiam ser o início do caule de uma flor... Do caule, não cresciam folhas, mas penas de avestruz, sobre as quais surgiam asas de borboletas... Tampouco era possível ter certeza se o corpo daquele bode era de carne, pedra ou plantas... E, apesar de a gente ter certeza de que a parte inferior do corpo do animal era de mármore, também era evidente que nos veios daquele mármore corria sangue... Seria aquele sangue vermelho e quente ou verde e frio? Uma coisa nascia da outra, e era como se a natureza constantemente mudasse de ideia, se detendo, tendo novas considerações ou mudando de opinião no meio do caminho: asas de azulões saíam das têmporas de um menininho, depois, nas pontas das asas, as plumas se convertiam em folhagens verde-claras em cujas bordas borbulhava uma espuma... Um gato está sentado sobre o próprio rabo, que está ali no lugar de suas patas traseiras e engrossa a partir das ancas, dando a volta sobre o peito, com várias articulações, como a cauda de um lagostim, enquanto o focinho do gato é formado em um cacho de frutas e ele traz no pescoço uma coleira feita com as gemas mais preciosas... E a gente se pergunta: se o bicho de estimação é tão estranho assim, como será o dono? Uma coroa de asas de moscas repousa na cabeça de uma mulher com nove tetas, que pendem de seu peito e de sua barriga; ela não tem mãos, e seus pés são como duas serpentes entrelaçadas e cobertas de escamas... Snorri Sturluson não teria aprovado tal arte... Em seu *Skáldskaparmál* se lê:

* * *

É uma metáfora chamar a uma espada de “serpente”, e a comparação é correta, à bainha de “caminho da serpente”, e ao

cinturão e seus encaixes de “pele da serpente”. É condizente com a natureza da serpente, pois ela rasteja sobre sua pele até a água. Daí, decorre a metáfora de que ela vai “em busca de rios de sangue” quando ela desliza pelos “caminhos da mente”, ou seja, o peito do homem. Uma metáfora é considerada bem pensada se a noção adotada é mantida em todo o verso. Porém, se a espada primeiro é chamada de “serpente”, depois de “peixe” ou de “varinha” ou de outro nome, isso é denominado sinédoque, e as pessoas podem julgar a obra horrorosa por ter estragado o verso...

* * *

— Que asneira! — respondo. — Deixemos que a espada se torne serpente, que a serpente se torne salmão, que o salmão se torne galho de bétula, que o galho de bétula se torne espada e que a espada se torne língua... Deixemos que eles se aglomerem um sobre o outro, com tamanha velocidade que não seja mais possível separá-los... Os prodígios do ocaso derrubaram o mundo de suas fundações... Ele está saindo dos eixos... Foi virado de cabeça para baixo... Os céus agora são onde colocamos os pés... Enquanto o populacho se agacha sobre as traves do teto, do avesso, agarrando-se com a ponta dos dedos, ou despenca de lá aos prantos, então, os exércitos libertinos se opõem ao Criador e, usando de feitiçaria para se desvirar no ar, dançam sua sórdida coreografia de guerra nos tetos de Sua morada celestial... Pelo ocaso afora, ouve-se a algazarra dos prodígios... As casas de Deus são pisoteadas e destroçadas a pontapés pelos novos magnatas e por suas esposas fanáticas por bugigangas, que pulam batendo os pés... Roncando como porcos no cio e zurrando como porcos quando montam nas costas das fêmeas, eles usam sapatos com saltos de ferro e suas esporas assassinas de fidalgos para golpear contra as paredes celestiais, de um azul profundo, noturnamente escuras e estreladas, como se fossem o chão de terra coberto de serragem dos bordéis ou o piso cinzento dos

porões enfumaçados dos mercados... As gargalhadas dos bailarinos se mistura com os gritos de seus irmãos e suas irmãs, famintos e humilhados... Sim, as metáforas do velho Snorri são coisa do passado, até mesmo a razão se perdeu para ser capaz de descrever este mundo onde a libertinagem impera... Enquanto a colônia na Groenlândia resistia, as excelentes mercadorias produzidas pelos nativos daquelas regiões chegavam à Islândia, em especial roupas de frio feitas de couro de foca e pele de urso-branco; as mulheres dos esquimós realmente deviam ser costureiras muito hábeis... Porém, junto com elas, chegavam-nos objetos que nenhum cristão deveria sequer tocar, como as caricaturas pagãs conhecidas como *tupilaks*... Meu avô Hákon tinha um desses diabinhos horrendos, entalhados em madeira e decorados com ossinhos e tiras de couro cabeludo ainda com cabelos... O avô mantinha aquele objeto bem escondido debaixo do soalho de seu escritório... Aquele diabinho tinha o corpo de um cachorro esfolado do focinho à ponta do rabo, com costelas proeminentes e vértebras como dentes de serrote; porém, no lugar da cabeça de cão, ele tinha um crânio de criança virado ao contrário sobre os ombros, como se o tivessem destroncado e o crânio tivesse enrijecido assim, do avesso; a barriga minúscula era de uma ovelha que balia com seus dentes enormes e tinha olhos em espetos; havia um bico de maçarico no lugar do membro genital entre as patas traseiras, e sob a cauda via-se uma cabeça de foca prorrompendo do ânus... Os boatos diziam que aqueles objetos bizarros eram entalhados para ser usados em bruxarias... Dizia-se que o feiticeiro, em suas visões, enxergara aquele diabrete dentro de um pedaço de madeira encalhada nas praias, que então entalhou para libertá-lo, sendo recompensado com o dom de enviá-lo pelos caminhos do ar para enfrentar seus inimigos... Oh, não resta dúvida quanto ao que esperava quem fosse o destinatário daquela encomenda... De fato, é possível que alguém, para se

defender, o agarrasse e o mandasse no caminho inverso, até o seu dono... Diz-se, porém, que então o remetente apontava para o *tupilak*, dizendo com veemência: “Fui eu quem te libertou da tua prisão de madeira!”... Então, o demoninho se acalmava, percebendo o engano... E o feiticeiro se salvava, pelo menos dessa vez... Sim, pois outra coisa o aguardava no dia do Juízo Final... Mas nem todos os espíritos malignos são tão horrendos como esse, tampouco todos são assim tão fáceis de reconhecer...

* * *

ERVA-PATINHA: cresce nas rochas à beira-mar, sendo denominada por alguns de alga-de-maria ou alga-da-maré. Normalmente é cozida entre duas lajes aquecidas, formando fatias como queijo. Quando ingerida com leite quente, ajuda a proporcionar uma boa noite de sono. Também pode ser seca ao sol como outras algas comestíveis.

* * *

Se minha filha Berglind tivesse chegado à idade adulta, eu pediria que ela viesse sozinha até mim... Se Sigríður e eu tivéssemos prosperado em nosso lar como merecíamos, eu pediria que minha menina viesse até mim, na oficina... Então, pediria que ela fosse até a pilha de lenha e me trouxesse um pedaço de madeira para entalhar... E ela me perguntaria:

— E como esse pedaço de madeira deve ser, papá?

E eu responderia:

— Quanto mais irregular ele for, quanto mais torto e deformado, quanto mais acharem que ele é desfigurado, quanto mais difícil for encontrar um lugar para ele entre as tábuas planas, quanto mais concordarem que ele deve ser lançado ao fogo, quanto mais inútil ele for, quanto menos ele servir para algo que não seja atijar a

imaginação, tanto mais o quero, tanto mais desejo levantá-lo com minhas mãos, tanto mais ansioso fico por deixar que seus nós e seus veios conduzam meu formão... Sim, traga esse pedaço de madeira para mim...

Então, quando nós dois, pai e filha, entalhássemos cada qual sua madeira retorcida, eu me dirigiria a ela desta forma:

— Se uma donzela avistar um cavalo desgarrado em um caminho pantanoso, ela verá apenas um cavalo. Ali está ele, parado no pântano, inteiro e indiviso. No entanto, seus olhos joviais já esquadriharam o animal de uma ponta à outra, e sua mente computou todas as partes dele, averiguando se tudo está no devido lugar: patas, cabeça, tronco, cascos, rabo, crina e focinho. “Eis um cavalo”, a mente da donzela a informa tão velozmente que a própria mocinha nem chega a ouvir. Ela deixa de pensar nisso e segue a caminhada, despreocupadamente. Porém, muitas vezes, isso é pouco, pois a moça precisa se preocupar não apenas com as patas, com a cabeça, com o tronco, com os cascos, com o rabo, com a crina e com o focinho do cavalo: não basta que cada coisa esteja no lugar; ela também deve averiguar para que lado estão viradas. Pois, se os cascos do cavalo estiverem para trás, trata-se de um *nykur* que veio para raptá-la, atraindo-a para o seu lombo com a intenção de levá-la a um lago de águas geladas naqueles descampados... Prometa, Berglind, que, se um dia avistares um cavalo pelos prados, vais lembrar de examinar os cascos. E se ele dissimular os cascos pisando na relva alta, fuja imediatamente. E se um lago brilhar detrás daquela figura de cavalo, corra. E se o *nykur* conseguir que você monte em seu lombo e esteja prestes a levá-la ao seu úmido covil, grita então o nome oculto dele: “Querer”. Da mesma forma que outros tantos seres das trevas, ele não suporta ouvir seu nome enunciado, diferentemente dos bons espíritos, que crescem e desabrocham quando são chamados pelo nome e quando se cantam para eles hinos de louvor. Ou você

pode gritar: “Não, isso não é do meu querer!”. Então, ele derrubará você do lombo. Lembre-se de minhas palavras, Berglind...

Assim eu teria me dirigido a ela, dando conselhos paternais, pois nisso o *nykur* se parece com o homem: é difícil distinguir o bom do mau... No entanto, o homem tem uma vantagem: quando a gente encontra outro homem em um caminho pantanoso, pouco importa se ele pisa em relva alta ou crosta de gelo... Sim, eu me pergunto que parte de Ari de Ögur estaria virada ao contrário. Aquele pensamento me fez deixar a cabana... Caminhei pela campina como sonâmbulo e voltei a mim bem aqui, no extremo da península rochosa que forma o porto natural ao norte da ilha... Mééé... Mais um passo à frente e eu teria me jogado no precipício... Eu teria caído no mar, afundado como pedra, me afogado... Mas a ovelha negra baliu bem alto e me despertou de meu devaneio... Agora, estamos quites... Mééé... Quando eu olho para o céu, vejo o grotesco das nuvens do anoitecer ainda se estendendo e se alongando além dos limites dos sentidos e da compreensão... Eles são como as favas-do-mar, deixadas para secar sobre as rochas... Enquanto os olhos viajam de uma criatura assombrosa à outra, em busca da fronteira entre elas, percorrem de uma articulação à outra, vagando em meio a incontáveis articulações... Nada tem início nem fim, a não ser na imagem inteira e indivisa, em toda a sua unidade... Não é possível afirmar categoricamente o que é a extremidade do que nem o que equivale ao tronco, aos ramos e aos brotos... Começo a suspeitar que as próprias articulações, os pontos onde as figuras se encontram, são o que há de eterno e absoluto no mundo, pois elas existem e ao mesmo tempo não existem, a não ser enquanto distância que conecta coisas distintas... E a distância entre as extremidades que uma articulação conecta pode ser extremamente pequena, como a lacuna entre as patas e os pés minúsculos de uma mosca-varejeira... Mas também pode ser imensa, de uma amplitude tão grande que os

olhos humanos não são capazes de compreender, não veem as extremidades, apesar de se acharem na metade do caminho entre elas, ou vendo apenas uma, enquanto ignora a existência da outra... Acredito que é nesses corredores invisíveis que Deus habita... Como foi provado há muito tempo, quando Plácido, o general romano, foi caçar cervos nos arredores de Tivoli... Quando o caçador retesou seu arco e tencionava matar um animal que, à primeira vista, parecia ser o que ele chamou, com seus botões, de “cervo formoso como a manhã” e que o sol do amanhecer fraseou melhor, chamando-o de “cervo banhado de orvalho, senhor de todos os animais, cujos chifres brilham contra o céu”, então, o caçador teve uma visão de Cristo em sua glória... Mas o filho de Deus não se deleita com o labirinto dourado resplandecente, tampouco se vangloria dos picos orlados de luz dos chifres daquele cervo; não, ele apenas existe no ar fresco matinal entre os ramos da coroa intrincada do animal... Em sua visão, o general Plácido enxergou o menino Jesus em pé na frente do cervo, levando as mãos à frente para dar boas-vindas a ele, um pagão, no reino de seu Pai... Então, o amor se infiltrou em seu coração... E a caça sobrepujou o caçador... Plácido adotou o nome de Eustáquio e pôs-se a serviço do amor... Foi ridicularizado... Roubaram-lhe os bens... Torturaram-no... Foi forçado a fugir... Seus filhos foram devorados por lobos e leões... Sua mulher foi violada por piratas... E, ainda assim, ele continuou cantando em louvor da bondade... Reconquistou suas riquezas... Teve outros filhos... Recusou-se a participar dos holocaustos promovidos pelo imperador Adriano... Foi encarcerado... E, com a mulher e os filhos, foi colocado sobre uma grelha e queimado vivo nos fornos dos perseguidores, incinerado no ventre de um ídolo, um enorme touro de bronze... O mártir foi canonizado, tornou-se santo Eustáquio... Invocado em tempos de adversidade ou quando as famílias encontram-se em perigo... Chifres de cervo, coral, dedos abertos, ramos de bétula, rede de pesca de

trama frouxa, cristais, o rio que sussurra para a foz, liana, nuvens listradas, cabelos de mulher... Todos esses fenômenos desconexos, constituídos de elementos opostos, ainda assim giram em torno de articulações invisíveis, suas formas opostas se tocando, apesar de cada qual estar em seu lugar, muito, muito distantes... Quando imito a imagem deles, espichando as mãos até os céus – juntando-os e separando-os, embalando-os de lá para cá –, então Jónas Pálmason, o Erudito, não está mais sozinho... Sou o irmão de tudo que se bifurca, tudo que se revolve, tudo que entremeia, tudo que ondula... Depois do aguaceiro de hoje, a teia do mundo se torna visível... No instante em que a noite cai, cintilam as pérolas de orvalho nos fios de prata de Deus... A natureza está completa em sua harmonia... *Piu, piu...* Isso se vê bem quando se dança aqui, na península rochosa destes portos... *Piu, piu...* Mas tudo se embaralha quando a gente tenta classificar as coisas naturais, usando a razão... A natureza refresca os olhos e a mente... É difícil controlá-la... *Piu, piu...* Bem-vindo de volta do oceano, irmão pilrito... *Piu, piu...* É maré alta na ilha de Patmos, e os fios se estendem através de mim... *Piu, piu...* Eu os dedilho... Ai, como sinto falta dos meus livros ilustrados... *Piu, piu...* Aves das fontes termais...

CODA, OU DO RESTO

Assim nos despedimos de Jónas Pálmason, o Erudito, no momento alegre em que ele, idoso e debilitado, dança com o universo. Não faremos coro a seus gritos de alegria quando seu exílio na ilha de Gullbjarnarey for repentinamente revogado no verão de 1639. Não o acompanharemos de volta para casa em Hjaltastaður, onde ele será acolhido pelo reverendo Pálmi Guðmundur durante os quinze invernos que ainda há de viver. Não vamos sentar a seu lado enquanto ele escrever e, finalmente, extrair de seu cérebro todos os conhecimentos que ali se acumularam em sua longa vida, compilando para seu patrono, Vossa Excelência, o reverendíssimo monsenhor bispo, dom Brynjólfur Sveinsson, uma biografia em versos intitulada *O pilrito*, suas descobertas em história natural, seu pequeno livro sobre ervas, sua exegese sobre a Edda de Snorri Sturluson, lendas, canções do exílio, genealogias e ilustrações de baleias – além de várias outras obras que permitiram escrever este livro. Não estaremos presentes quando ele, aos setenta anos, engravidar clandestinamente uma criada, gerando daí um menino que será batizado com o nome do pai e herdará em parte seu título: Jónas, o Eruditinho. Iremos nos ausentar, mas enviaremos nossa saudação quando ele morrer e, a seu pedido, quando for sepultado de braços abertos como uma cruz, no átrio de uma igreja, em 1654.

— Adeus, irmão Jónas, e obrigado pelo entretenimento. Está de bom tamanho, já nos bastam nossos próprios prodígios do ocaso...

* * *

Jón Guðmundsson, o Erudito, recupera os sentidos na mais completa escuridão. Suas roupas estão ensopadas, apesar de ele se sentir aquecido. Ele repousa de barriga para cima numa piscina termal um tanto rasa. Os braços jazem bem juntos ao tronco, os pés bem esticados. Ele está tenso como um boneco de pau. A nuca toca no leito suave da piscina. A água densa e espessa o encobre até a altura das têmporas, enchendo suas orelhas e tornando todos os sons mais graves, mais longínquos. Jón se ergue um pouco e, rígido, se prepara para tremer de frio. Está bastante quente nesse lugar escuro, a temperatura do ar é ainda mais alta que a da água, como quando o vapor sobe de um panelão. O calafrio não chega. Jón sai completamente da piscina termal, fica em pé, não consegue se firmar no chão escorregadio e quase cai: a estância de Staður se move para a direita, como uma nau que se deixa levar por uma leve brisa. Depois, ele se põe de cócoras e move a cabeça para um lado e para o outro, tirando a água de dentro das orelhas. Então, um baque pesado e ritmado golpeia seus ouvidos, um murmúrio agudo que aumenta e diminui conforme a distância, seguido de um chiado.

Enquanto dormia – ou jazia, desmaiado –, Jón, o Erudito, sonhou que um sujeito vestindo uma capa marrom acinzentada de lã crua e um gorro mosqueado do mesmo tecido fora lhe visitar. Sob o gorro, os olhos castanhos cintilavam, rodeados de plumas. O sujeito se aproximou de Jón, colocou o bico grosso e vigoroso perto do ouvido dele e chilreou baixinho:

— Quando acordares, terás esquecido como te chamas e acharás que o teu nome é Jónas Pálmason.

Jón acha aquele sonho um tanto absurdo, pois seu nome é exatamente este: Jónas Pálmason – muitas vezes seguido da alcunha “o Erudito”; além disso, ele por vezes é chamado de pintor e, mais raramente, de escultor de marfim.

Jónas, o Erudito, tenta novamente ficar em pé e, desta vez, consegue. Ele acompanha a onda e, então, com cautela, segue com os pés no fundo escorregadio. Com certeza, Jónas está numa gruta ampla e de teto elevado, que se estreita à medida que se aprofunda, e continua se movendo. Como ele fora parar ali? A última coisa de que Jónas se lembrava era de estar na extremidade do pontal de lava que formava o porto mais ao norte da ilha de Gullbjarnarey. A maré chegara ao máximo, e ele retrocedeu para escapar da onda, que apenas lambeu seus calcanhares. Então, as ondas começaram a quebrar no recife um pouco além do porto, lá onde, antes, não se via recife nenhum. Jónas aguardou um pouco, depois esticou o pescoço para ver o que era aquilo emergindo do mar. Era negro, e o mar borbulhava ao redor, pois se movia com rapidez. E, antes que ele conseguisse soltar um grito de pavor, o imenso animal o engoliu.

Ele conhece aquela espécie: Jónas sabe que foi engolido por uma baleia-cinzenta, criatura arisca que podia chegar a oitenta ou noventa varas de comprimento e era tão forte quanto comprida. Era um animal que, segundo todos os relatos, se alimentava de chuva e escuridão, apesar de haver quem dissesse que ela também devorava auroras boreais. Tendo isso em mente, Jónas encarou aquela descoberta com hombridade. A julgar pelo tamanho de sua barba e das dores causadas pela fome, ele calculava ter ficado inconsciente por três noites e dois dias no ventre daquele ser. A baleia logo devia cuspi-lo, prestes a devolvê-lo à terra firme. Jónas ficou de quatro, engatinhando estômago acima, atravessando o esôfago e chegando à cabeça, onde tomou assento na língua do animal.

Depois de nadar um dia inteiro, a baleia-cinzenta parou. Ela escancarou a mandíbula. A claridade invadiu o animal. Jónas levou um tempo para se acostumar com a luz, mas logo percebeu que o animal recostou o queixo em uma praia gramada, como se a mandíbula inferior fosse

uma ponte levadiça; na extremidade da ponte, ele distinguiu a silhueta de duas pessoas, uma delas vestindo roupas claras e a outra com trajes negros. Tratava-se do magnificente e incansável patrono de Jónas, o Erudito, o reverendíssimo monsenhor bispo, dom Brynjólfur Sveinsson, com suas vestes litúrgicas completas, a mitra sobre a cabeça e o báculo dourado à mão, acompanhado por seu querido filho, o reverendo Pálmi Guðmundur Jónasson, clérigo de Hjaltastaður. Jónas saiu correndo sobre a língua escorregadia, tão velozmente quanto suas pernas enfraquecidas permitiam, e se lançou pela boca da baleia. Ele caiu de bruços, chorando copiosamente de gratidão, beijando os pés do bispo. O reverendo Pálmi Guðmundur se ajoelhou ao lado e ajudou o pai a se levantar. Eles se abraçaram, chorando como dois bebês.

O bispo diocesano de Skálholt sorriu com magnanimidade para o pai e para o filho. Então, levantou a mão enluvada e fez o sinal da cruz para a grande baleia. O animal fechou a mandíbula, bateu a cauda no mar e sumiu nas profundezas.

Para a redação de *Pela boca da baleia*, foram consultadas as obras publicadas e inéditas de Jón Guðmundsson, o Erudito. Todas as fontes utilizadas foram tratadas com a irresponsabilidade e a leviandade que distinguem uma abordagem autoral de um trabalho acadêmico. Sem o prefácio de Einar G. Pétursson à edição de Edda compilada por Jón Guðmundsson, o Erudito, não teria sido possível compor o panorama abrangente sobre a vida e a obra de Jón, que possibilitou a criação da história de Jónas Pálmason.

Jónas Pálmason, poeta e curandeiro, é condenado ao exílio por heresia, depois de entrar em conflito com o magistrado local por atrever-se a curar certas “doenças femininas”.

Entre outras coisas, o homem assava em uma fogueira as cabeças de corvos que recebia de suas pacientes como pagamento pela cura ou pelo alívio de seus sintomas. Em seguida, esmagava cada um dos crânios, buscando o mítico bezoar, uma pedra mágica que seria capaz de curar as mais terríveis enfermidades humanas e ajudar na procura pela poderosa pedra filosofal.

Agora, isolado do mundo em uma ilha nórdica, o velho curandeiro relembra esses episódios, neste retrato de uma época por vezes dominada pelas sombras, pelo misticismo e pela barbárie.

Publicado em 2008 na Islândia, *Pela boca da baleia* foi finalista do Independent Foreign Fiction Prize, prêmio inglês que deu lugar ao Man Booker International Prize, e do Icelandic Literary Prize.

SJÓN



Sjón, poeta e romancista islandês, nasceu em 27 de agosto de 1962. Já teve suas obras traduzidas para mais de vinte e cinco idiomas. Vencedor do Nordic Council Literary Prize, equivalente ao Man Booker Prize, pelo romance *A raposa sombria*, é também letrista. É dele a autoria de *Biophilia*, oitavo álbum de Björk, e das canções de *Dançando no escuro*, filme do diretor Lars von Trier.

Fotografia do autor © Thomas A.
Fotografia de capa © Shutterstock

